

BARBARA CARTLAND



Um refúgio para dois

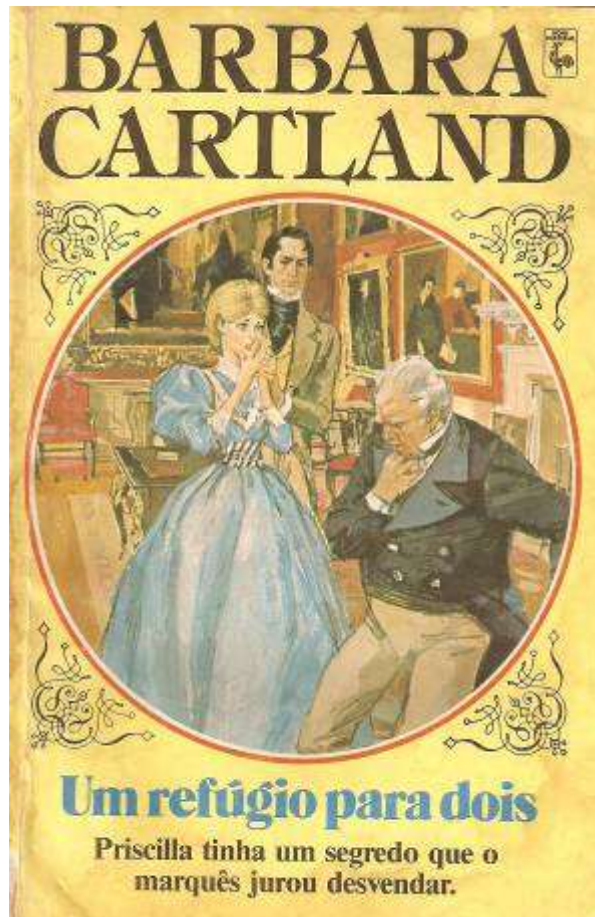
Priscilla tinha um segredo que o
marquês jurou desvendar.



Um Refúgio para Dois

A Caretaker of Love

Barbara Cartland



Coleção Barbara Cartland nº 187

Atônito, o Marquês de Kerne fitou a doce criatura que se dizia caseira de Tremaine Park.

Ela devia ser uma impostora, isso sim.

Como é que uma jovem vestida como uma Lady podia estar cuidando de sua casa de campo, se tinha as maneiras gentis de uma nobre? Ah, não, Priscilla não o enganaria.

Certamente devia ter um amante escondido num dos quartos, à espera da noite para se enfiar embaixo dos seus lençóis.

Mas ele iria desvendar logo aquele mistério porque desejava ter a bela Priscilla em seus braços.

Digitalização – Dores Cunha

Correção – Edith Suli

Revisão Final – Ana Maria

Leitura - a maneira mais económica de cultura, lazer e diversão.
Título original: A Caretaker of Love
Copyright: Cartland Promotions 1986
Tradução: Maria Thereza Dias de Andrade Castello
Copyright para a língua portuguesa: 1987
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Av. Brigadeiro Faria Lima, n. ° 2000 - 3. ° andar
CEP 01452 - São Paulo - SP - Brasil
Caixa Postal 2372
Esta obra foi composta na Fesan Editora Ltda. e impressa na Artes
Gráficas Guarú S/A.

NOTA DA AUTORA

Houve uma mudança drástica na corte, quando Guilherme IV subiu ao trono.

Foi difícil, para a maioria da nobreza e demais frequentadores do Palácio, se adaptar ao novo regime, depois dos tempos alegres de extravagâncias e liberalidade de George IV.

O Rei Guilherme IV se preocupava com a contenção de gastos e a Rainha, com a moralidade. Os iates reais, de cinco, foram reduzidos a dois, os haras perderam metade de sua extensão, e cento e cinquenta espécimes de aves raras, que encantavam George IV foram doadas ao parque zoológico da cidade.

A corte tornou-se desinteressante e sem elegância e a Princesa de Lieven, esposa do Embaixador russo, a dona da língua mais ferina da aristocracia, escreveu,

"Você sabe muito bem como é a vida agora, na corte, jantares para quarenta pessoas nem sempre agradáveis de se conversar. À noite, todos sentamos à volta da mesa enquanto o Rei cochila e a Rainha borda."

Greville, que jantara em Windsor por ocasião das corridas de Ascot, escreveu,

"Como tudo mudou! Nada do nosso inconstante, dissoluto e melancólico George IV, que apreciava ser ouvido e lisonjeado, mas apenas um hospitaleiro Senhor, insípido e vulgar, e uma atemorizante Rainha, com um bando de bastardos ao seu redor, um Ministro maquiavélico, nenhum estrangeiro e ausência total de bajuladores."

CAPÍTULO I

1832

Priscilla jamais teria imaginado que pudesse ficar tão infeliz como nesse dia, tão pouco tempo depois de seu regresso de Florença, onde fora completar os estudos.

Ah, como eram dolorosos e tristes os lamentos de sua mãe!

O pequeno, mas feliz mundo da jovem Priscilla desmoronara após a morte de Charles Sherborne, seu pai amoroso e encantador.

Era de se esperar que mais cedo ou mais tarde Charles fosse vítima de um acidente de montaria, já que ele adestrava cavalos selvagens a fim de comercializá-los.

Não foi surpresa também que ele tivesse deixado a mulher e a filha enterradas em verdadeira montanha de dívidas, por que não se preocupava com coisas desagradáveis e, a seu ver, de pouca importância.

Certo dia Louise Sherborne se surpreendera com a pilha de contas a pagar, largada em cima da escrivaninha do marido e perguntara com voz lastimosa,

— Como vamos fazer para saldar tudo isso?

E ele, sem demonstrar a mínima preocupação, apanhara os papéis e os guardara, para esquecê-los no fundo da pequena gaveta da escrivaninha.

Louise Sherborne, filha de um militar irascível mas respeitável, o General Sir Alexander Tremaine, fora deserdada por desrespeitar a vontade do pai. Fugira para se casar com Charles Sherborne, que não possuía um penny sequer, mas era dono de um encanto irresistível, além de uma expressão cativante.

Lorde Borne, o pai de Charles, vivia com simplicidade nos arredores de Londres, em uma casa dilapidada pelo tempo. Seus parcos rendimentos não permitiam participar da vida política e social da comunidade.

Mas tinha perfeita consciência do carisma do filho e por isso acalentava o sonho de vê-lo um dia bem casado. Afinal, ricas herdeiras pululavam em Londres, e o filho dominava os salões, sempre rodeado por elas.

As aspirações de Sir Alexander eram idênticas com relação à filha, Louise.

— É tão linda quanto a mãe, na época de nosso casamento — dizia ele — E está ficando cada dia mais encantadora!

A fuga de Charles e Louise, a fim de se unirem em matrimônio, fora um choque para ambas as famílias, empobrecidas mas ainda conservadoras.

O jovem casal, porém, estava em estado de bem-aventurança, e nada os faria desistir do casamento. De nada valeram as insinuações paternas para que Charles se casasse por interesse.

E Louise teria precisado de uma força sobre humana para resistir aos apelos de seu coração. Eram os próprios Romeu e Julieta, ou Dante e Beatriz, da época. Todos admitiam isso, com exceção do General Alexander e de Lorde Borne.

— A vida não tem significado para mim, a não ser com você — dizia Charles, e Louise, atraída por seu magnetismo irresistível, deixava-se envolver em seus braços, transportando indefesa ao universo etéreo do amor.

Tudo o mais era esquecido, passado para segundo plano. A falta de recursos para uma convivência em fartura não os impressionava.

Por isso, a avó de Charles, enfeitada por ele como eram todas as mulheres e conhecedora de sua personalidade idealista, garantia-lhe uma pequena renda anual. Infelizmente não providenciara a continuidade desse recebimento para depois de sua morte.

Foi então que ele começou a domar cavalos. Ganhava um bom dinheiro, pois os vendia por um preço mais alto do que o de compra, uma vez que os tornava aptos à montaria. Porém, as viagens a Londres consumiam quase todo o lucro. Na cidadele adquiria roupas de alto luxo que o fizeram conhecido como o mais elegante negociador de cavalos, e era encontrado sempre nos melhores hotéis da cidade.

Por outro lado, a avó dele havia feito uma boa coisa. Antes de morrer pagara, antecipadamente, um colégio para Priscilla em Florença, ondel pudesse receber educação requintada.

— Você e Louise podem achar que a vida só foi feita para o amor, porém, Priscilla, além de beleza, vai cultivar a inteligência para utilizá-la com proveito quando crescer, e certamente brilhará na alta sociedade, que você desprezou — ela dissera, certa vez, ao neto.

— Eu dei preferência a algo muito mais importante do que vida social e dinheiro — retrucara Charles com veemência— Um estado emocional raro e precioso chamado felicidade!

A velha Senhora sorria, meio descrente, mas continuara segura em sua opinião de mulher experiente e dotada da sabedoria que só a idade proporciona.

— Não pensem que Priscilla irá se contentar em ficar aqui nesta cidadezinha insípida e vazia, a observar o namoro de vocês dois ou a esperar a visita do vigário e do merceeiro, os dois únicos homens com os quais conviverá.

Charles dera uma gargalhada.

— Somos muito gratos por sua preocupação, vovó, e esperamos que ela surta efeito.

— Com toda a certeza, meu neto. Assim que Priscilla completar dezesseis anos, irá estudar em Florença, no melhor e mais moderno colégio para moças da Europa.

As palavras da avó deixaram Louise mais contente e agradecida do que Charles, que se entristecia com a idéia de se afastar da filha por dois anos.

Priscilla, por seu lado embora tivesse o futuro garantido, sofria ao pensar no

momento de separar-se da mãe. Não queria deixá-la sozinha e desprotegida.

— Não irei — decidiu ela, após a morte do pai.

Louise abraçou-a comovida.

— É lógico que vai, minha querida! Você não pode rejeitar uma oportunidade dessas! Eu fico muito bem sozinha.

— Sem dinheiro e carregada de dívidas? Mamãe, querida, pense um pouco. Você vai precisar comer! E de que jeito?

Como em resposta às dúvidas e às preces fervorosas de ambas, surgiu Sir Horace Harlow, um homem de seus cinquenta anos, que já havia comprado vários cavalos de Charles Sherborne.

Apareceu alguns dias depois do funeral para constatar se havia animais que interessassem.

Priscilla achou que ele estivesse querendo se aproveitar da ocasião para fazer um "negócio da China". Mas, enganou-se redondamente.

Depois de conversar bastante tempo com Louise, ele pagou, sem hesitar, muito mais do que os cavalos valiam.

No dia seguinte, voltou para acertar o transporte dos animais e em mais outro dia para confirmar a data da partida deles.

Ao fim de uma semana, Louise foi pedida em casamento. Por alguns segundos ela o encarou estupefata, duvidando do que ouvia.

— Sei que a Senhora está muito infeliz e continua sob o impacto da morte de seu amado esposo. Sei também que não me ama ainda.

Sir Horace fez uma pausa antes de declarar,

— Sou um homem muito rico e posso dar-lhe tudo que deseja, assim como a Priscilla, que ficará sob meus cuidados até quando se fizer necessário.

Essas palavras levaram a Senhora Sherborne a uma consideração, era verdade que as taxas do colégio já estavam pagas, mas como arranjar dinheiro para a viagem até a Itália?

A filha precisava também de roupas melhores e de material mais fino do que os usados na lida com os cavalos ou no serviço da casa.

No entanto, cada fibra do coração de Louise vibrava, como que protestando contra uma possível traição a um amor tão puro e verdadeiro, como esse que ainda acalentava em sua alma solitária! Preferia morrer a ser mulher de outro homem!

Mas, não estaria sendo egoísta? E se Priscilla, de volta ao lar, viesse a passar necessidades?

Todos os parentes e amigos de Tremaine ignoravam Louise desde que fugira com Charles, exceto seu irmão Hugo, infelizmente já falecido.

Alguns anos mais moço do que a irmã, Hugo era um jovem irresponsável, que

gastara uma soma astronômica com mulheres, jogo e bebida, nas noites alegres de Londres.

Na opinião de Louise, fora ele o grande responsável pela morte do General, ocorrida há pouco tempo. O triste fim de Sir Alexander se dera em consequência de um enfarte provocado pelo conhecimento das dívidas do tresloucado filho. Quase toda a herança foi desperdiçada no pagamento dos compromissos assumidos por Hugo.

Como se não bastasse, ele ainda perdeu Tremaine Park ante o diabólico poder de uma simples cartada.

Quando soubera do fato pelos jornais e depois pelo vigário de Tremaine Park, Louise chorara desesperadamente.

Pela primeira vez, desde que deixara o lar paterno, dava-se conta de que amava a velha Mansão, assim como todos os pertences de sua adorável mãezinha. Lá haviam ficado suas raízes e para lá teria gostado de voltar, um dia!

Era a própria criança de súbito tornada órfã pela crueldade do destino!

Perdera tudo. pai, marido, seu passado de infância. Nesse momento, só o calor do abraço de Charles e a doce pressão de seus lábios, teriam podido minorar o sofrimento de seu coração dilacerado.

Dois meses mais tarde, Hugo Tremaine batera-se em duelo em Green Park e ferira mortalmente o adversário. Para não ser preso, cruzara o canal e fora viver em Paris, divertindo-se a valer até que um novo duelo o prostrara para sempre.

Louise só viera a saber da morte do irmão algum tempo depois, através de uma carta do advogado dele, que também a tornava ciente das dívidas do desventurado rapaz.

Não havia portanto nenhum parente próximo que pudesse olhar por Priscilla. Primos distantes não se interessariam pela filha de uma mulher tão censurada por ter fugido com um pobretão.

Depois de noites passadas em claro, a rezar com fervor e dominada pelo amor materno, Louise tomou uma decisão final, aceitaria Sir Horace Harlow.

Casaram-se em um cartório de Londres, sem qualquer comemoração, pois ela guardava profundo pesar em seus dias de luto fechado.

A lua-de-mel foi passada em um chalé que Horace possuía em Newmarket onde não seriam notados nessa época do ano. Enquanto isso Priscilla ficou em outra propriedade, uma sombria e horrível Mansão em Oxfordshire.

Ao se despedir Sir Horace sugeriu, muito amavelmente, que ela comprasse um enxoval para ser usado no colégio.

As belas lojas de Oxford surpreenderam-na e satisfizeram seu gosto simples mas apurado. E a costureira da Mansão fez todas as modificações necessárias nas roupas recém-adquiridas, confeccionando também vestidos para o dia-a-dia da futura estudante de Florença.

Como o colégio era muito fino e as alunas pertencentes às melhores famílias da Itália e da França, sem dúvida ela teria colegas elegantes, principalmente as francesas,

possuidoras de um charme quase impossível de se encontrar na Inglaterra.

Com apenas dezesseis anos, Priscilla já tinha um corpo bem feito e era muito atraente, dona de sedosos cabelos de reflexos avermelhados a emoldurar os delicados mas petulantes traços fisionômicos, que lembravam o pai, enquanto os enormes olhos azuis ela herdara da mãe.

Depois da lua-de-mel, quando Louise e o padrasto chegaram à Mansão conhecida como The Towers, Priscilla notou a palidez da mãe e seu ar de tristeza, apesar do sorriso que ela esboçava nos lábios.

"Ainda não deve ter se conformado com a morte de meu querido pai", pensou Priscilla, embora reconhecesse que Sir Horace era um homem bastante generoso.

Comprara para a esposa roupas caríssimas, dos mais afamados estilistas de Bond Street, e as jóias que cintilavam à volta de seu pescoço e pulsos, que valiam uma fortuna!

Em sua viagem para Florença, Priscilla ia pensando que, se não por outras razões, esse casamento valera a pena por proporcionar à mãe o luxo e o conforto que ela perdera desde que havia fugido de casa.

Havia um exército de criados em The Towers e uma paixão sem idade estampada nas faces maduras de Sir Horace, que fora viúvo durante quinze anos. Ele encontrara em Louise a companheira ideal e só agora avaliava o quanto ela fizera falta.

— Cuide-se, minha filha — dissera Louise ao se despedir de Priscilla.

— E Sir Horace cuidará da Senhora, mamãe — Priscilla completara.

— Espero que sim — a mãe dissera, sem muita convicção.

— Eu nunca a teria deixado sozinha. Sem dinheiro... sem trabalho e sem consolo diante da perda de meu querido pai!

— Ainda penso nele com amor! — Louise falara com voz embargada.

Apesar de essas palavras terem sido ditas num sussurro, Louise demonstrara receio de que alguém mais as tivesse ouvido, e como uma corça assustada, lançara um rápido olhar ao redor para se certificar de que apenas a filha testemunhava sua infelicidade.

Priscilla chegou a Florença com uma polpuda soma na carteira, presente de Sir Horace, para ser gasta com seus objetos de uso pessoal.

Seus vestidos, muito bem escolhidos, podiam ser comparados aos das demais alunas e faziam-na distinguir-se em elegância e beleza.

Tanto quanto brilhava na aparência, ela se sobressaía no campo intelectual, beneficiada por uma inteligência fulgurante e avidez incontrolável de novos conhecimentos. Fez amizade com moças de diferentes nacionalidades e aproveitou para aprender seus idiomas. Em pouco tempo falava o francês e o italiano com bastante desembaraço.

Recebeu vários prêmios que, sabia, iriam causar grande alegria à mãe, com quem se correspondia regularmente.

Louise respondia com longas e saudosas cartas, contando como passava o tempo. Já

estava aliviando o luto e frequentando festas, reuniões e corridas de cavalo, das quais os corcéis de Sir Horace participavam e saíam quase sempre vencedores.

Perspicaz como era, Priscilla percebeu, apesar da mãe não haver escrito com clareza, que ela lamentava o fato de seu primeiro marido, não ter possuído animais tão belos como os de Sir Horace. Também notou que raramente Louise tocava nonome do padrasto.

De volta da Itália, Priscilla encontrou tudo diferente daquilo que ela havia imaginado.

Em apenas uma hora de permanência em The Towers viu que Sir Horace havia mudado bastante, durante seus dois anos de colégio.

Estava muito mais velho, com o cabelo quase todo branco e a pele bem enrugada. Mas essa aparência não a impressionou tanto quanto a atitude dele.

Antes, Sir Horace não sabia o que fazer para agradar Louise, cortejava-a o tempo todo, sem esconder que a adorava. Nada parecia demasiado caro ou insignificante se a fizesse feliz.

Agora, era outro homem. Contradizia tudo o que sua tímida mulher falava, não escondendo a irritação e a rudeza. Por que acabara o amor que ele com tanta sinceridade demonstrara ter por ela? Assim que houve uma oportunidade Priscilla perguntou à mãe, abraçando-a com ternura,

— O que houve, mamãe? Por que Sir Horace se comporta dessa maneira assim desagradável?

Lágrimas inundaram os olhos da pobre Senhora.

— Eu. eu não quero falar sobre isso.

— Não me esconda nada, mãezinha. Pensei que tudo ia bem por aqui. Sir Horace parecia tão bondoso! Agora, a Senhora não pode abrir a boca sem que ele a contradiga e com grosseria!

— Eu sei... eu sei. O que você quer que eu faça? Tenho tentado, mas não sei mais o que fazer!

— Não estou entendendo — Priscilla reclamou.

Não passou despercebida a luta da mãe entre responder com evasivas ou contar a verdade.

De repente, como que aliviada por encontrar alguém que a ouvisse e partilhasse de sua angústia, Louise desabafou com voz quase inaudível,

— Quando se casou comigo Sir Horace tinha certeza de que eu daria um herdeiro. A primeira mulher era estéril e eu... bastante jovem. Não haveria dificuldades.

Por um segundo Priscilla prendeu a respiração e cerrou os olhos. Esperava tudo, menos isso!

—A culpa não é minha. juro que não é! A culpa é de Horace, mas ele acha que a

falha é minha.

— Mas alguém deve esclarecê-lo — Priscilla sugeriu.

— Nosso médico, homem muito bom e paciente, tentou, porém ele não deu ouvidos. Fez planos para ter um filho comigo e não admite qualquer impedimento.

Louise suspirou profundamente e prosseguiu,

— Como não aconteceu, ele me odeia e talvez até prefira me ver morta!

— Que horror, mamãe, não fale uma coisa dessas!

Lágrimas copiosas escorriam pelas faces de Louise, e Priscilla a abraçou com doçura e beijou, tentando confortá-la.

— Agora acalme-se, mãezinha. Estou aqui para cuidar da Senhora.

— É melhor você não interferir. O erro foi meu. Não devia ter casado com ele. Mas fiz isso pensando em você! Paciência.

Chocada, Priscilla dirigiu-se para seu grande e luxuoso quarto. Sentou na beirada da cama, pensativa, procurando encontrar um meio de ajudar a mãe a sair da situação difícil em que se encontrava.

Vinte e quatro horas mais tarde tudo se apresentava pior do que antes. O jantar havia decorrido num clima pesado. Sir Horace fora mais rude ainda do que ao almoço.

Recolheram-se cedo para dormir.

Lady Harlow instalara a filha em um quarto pegado ao seu, para tê-la bem próxima.

Do outro lado ficava o boudoir e ao extremo do corredor situavam os aposentos do chefe da casa.

Um sono profundo, sem sonhos, era o que Priscilla estava precisando, mas pressentia que um terrível pesadelo a atormentaria pela noite a dentro.

Fez suas orações pedindo a Deus um melhor despertar e, ao terminá-las, não foi para a cama. Precisava dar uma palavrinha com a mãe para animá-la e talvez chegarem a uma solução.

Inocentemente, julgou que ela e o padrasto não mais dormissem juntos.

Puro engano. Assim que girou o trinco da porta de comunicação entre os quartos, uma voz masculina feriu os ouvidos.

Uma série de imprecações como nunca ouvira em toda a sua vida alcançou a pequena antecâmara, seguida pelo estalar de um tapa que apunhalou o coração de filha amorosa.

Soluços abafados se fizeram ouvir.

Durante um espaço de tempo que se afigurou uma eternidade, Priscilla, paralisada, escutou o monstruoso nobre maltratar Louise, com palavras e agressão física.

Afinal, tremendo, fechou a porta e foi para a cama. A escuridão do quarto a recebeu, qual nuvem negra penetrando o vazio de sua alma dolorida.

Sem poder conciliar o sono, rememorou o romance apaixonado de seus pais.

Como haviam sido felizes!

A repentina mudança de comportamento de Sir Horace a assombrava. Como um homem, antes gentil e amoroso, podia tratar uma mulher frágil como sua mãe dessa maneira assim brutal?

"Não é à toa que ela está tão magra e abatida!" A felicidade, que outrora irradiava de suas faces de porcelana, desaparecera por completo.

"O que posso fazer? Meu Deus, ajudai-me!", Priscilla implorou por dois dias consecutivos.

Nessa noite, outra vez ela ouvia os gemidos de Louise e sua voz plangente, suplicando,

— Chega, Horace, por favor, não me bata mais.

— Imprestável, inútil — berrava Sir Horace, furioso — Para que você serve se não me dá o que mais desejo? Quanto mais rapidamente me desfizer de você, melhor!

Nesse exato momento Priscilla tomou uma decisão.

Esperou mais de uma hora com a porta de comunicação fechada e quando cautelosamente a abriu, constatou, como esperava, que Sir Horace havia se retirado.

Louise, a soluçar, permanecia imersa na semi obscuridade do espaçoso aposento.

Tateando, Priscilla aproximou-se da cama. E como se o papel de mãe e filha tivessem sido trocados, ela, maternalmente, abraçou Louise, que se aninhou em seu regaço.

— Eu tomo conta da Senhora, mamãe. Não chore mais. Essa infâmia não mais se repetirá.

Louise fitou-a, sem entender.

— É isso mesmo. Isso não vai acontecer mais. Nós vamos fugir daqui.

Como por encanto as lágrimas pararam de rolar. Uma palidez e um ar de estupefação tomaram conta da fisionomia de Louise.

— O que você está dizendo?

— Tenho pensado e rezado muito e creia, sei que papai está a meu lado, me inspirando e dando forças para vencermos essa desgraça.

Um profundo suspiro saiu do peito de Louise e seu olhar lânguido percorreu o vazio, à procura do ente querido.

— Que saudades! — ela gemeu — Que bom se eu fosse para junto de você, meu querido!

— Papai não deve estar gostando dessa sua atitude covarde, mamãe. Esteja onde estiver, ele continuará nos ajudando e nos dedicando o mesmo amor que nos deu aqui na Terra.

- Não me conformo. Como ele foi morrer se eu o amava tanto!
- O Senhor sabe o que faz! Papai não está morto, estou convicta disto.
- O quê?

— Quando aquela fera humana a espancava, eu senti papai a meu lado, como o sinto agora. É uma sensação que as palavras não explicam, uma intercomunicação de espíritos... de almas! Um sentimento tão real que até cheguei a conversar alto com ele. Foi assim que ele me transmitiu com clareza o que devemos fazer.

Sem retrucar, Louise ouvia atônita a filha.

— Vamos procurar um esconderijo seguro, onde Sir Horace nunca nos encontrará. Levaremos o máximo que pudermos, quando deixarmos este lugar maldito.

— Mas sou mulher dele. Não posso fazer isso!

— Uma mulher que ele renega. odeia. Vai pensar que a Senhora morreu e logo arranjará outra.

Houve um silêncio prolongado, sem nenhuma interrupção, nem mesmo de choro.

— Precisamos elaborar um plano inteligente — Priscilla ponderou — Será que ele não está pretendendo viajar? Em uma de suas ausências, nós aproveitaremos e... Mas necessitamos de algum tempo para nos prepararmos.

— Vamos fugir mesmo?

— É lógico! Vou levá-la para bem longe daqui. Um lugar onde a Senhora possa ser feliz outra vez. Só nós duas. Esqueceremos Sir Horace e recordaremos nossos dias com papai!

Uma expressão de esperança estampou-se no rosto de Louise. Nervosa e com voz débil, ela afirmou,

— Mas que não está certo, não está.

— Como não está certo? O que é certo para a Senhora? A vida infernal que vem levando? Não permito que fique aqui nem mais um minuto e também não respondo pelos meus atos! A qualquer momento direi tudo o que penso sobre esse monstro e debaixo das barbas dele!

— Não, Priscilla, pelo amor de Deus ele pode agredi-la, e machucá-la também.

A mãe tinha razão. Era necessário evitar um ajuste de contas. Quanto antes fugissem, melhor!

— Então certifique-se da hora em que ele não esteja em casa.

Com esforço, Louise enxugou os olhos e revelou,

— Depois de amanhã, seu padrasto vai para Londres, participar de um jantar importante, só para cavalheiros, portanto não exigirá minha presença.

— Ótimo! Isso quer dizer que o caminho ficará livre por dois dias!

Sir Horace andava bebendo muito e Priscilla imaginou o estado em que voltaria após um banquete! Por certo outra cena de espancamento aconteceria, e sabe Deus com que intensidade!

Nunca havia suposto que ele pudesse exceder-se na bebida. Mas era óbvio que o vinho e o champanha ingeridos ao jantar, eram os responsáveis pela agressividade demonstrada na intimidade do quarto de sua mãe.

Priscilla não esquecia os hematomas que vira no pescoço e nos ombros de Lady Harlow, apesar dela ter se envolvido em um négligé. Tinha certeza de que os seios ou outras áreas do frágil corpo estariam marcadas pela brutalidade de Horace.

Priscilla o odiava. Nunca se instalara em seu coração um sentimento tão agressivo e violento como esse que agora minava as entranhas.

Precisavam fugir. Precisavam livrar-se daquele homem amaldiçoado.

Mas o futuro não sorria e, preocupada, ela avisou à mãe,

— Veja bem, vamos ser muito pobres. Até que eu arranje um bom emprego. Mas qualquer situação será melhor do que esta!

Louise permanecia calada. Priscilla, achando que ela concordara, recomendou,

— Amanhã, a primeira coisa que a Senhora vai fazer é separar tudo que quer levar, para que a camareira arrume suas malas. E depois de amanhã, quando Sir Horace sair, nós também partiremos, sem perda de tempo.

— Para onde vamos?

— Pensei em ir à cidadezinha onde vivemos com papai, mas acho que lá Sir Horace logo nos encontrará.

— Nem há dúvida. será o primeiro lugar que ele investigará.

— Então, atendendo às inspirações de meu pai — Priscilla disse, convicta — é melhor irmos para onde a Senhora passou a juventude. Lá todos a receberão com carinho!

— Seria maravilhoso viver perto da nossa velha Mansão! Tantas vezes pensei nela. Seu pai e eu nunca mais voltamos lá, depois de nossa fuga.

— Então agora a Senhora vai voltar. Será que acharemos alguma casinha barata? O importante é chegar em Little Bletchley. Procuraremos um canto para ficar, onde ninguém irá interferir na vida de uma viúva com uma única filha.

— Viúva?

— Exatamente. E também não nos chamaremos Shelborne. Deixe-me ver. Borne. Apenas Borne, será este o nosso nome. É fácil de lembrar.

Lady Harlow sorriu.

— Minha filha, você está criando um verdadeiro conto de fadas. Espero que amanhã desperte deste sonho impossível. Seja sensata.

— Impossível é continuarmos aqui! vou levar a Senhora embora, custe o que custar. É a atitude mais sensata a ser tomada.

— Que maravilha não ter mais medo e só viver pensando em seu pai!

— Então me ajude, mãezinha, confiando em mim. Antes de mais nada, precisamos de dinheiro.

A escuridão do quarto não permitia que Priscilla distinguisse a expressão facial de sua mãe, mas sentiu que ela se assustava.

— Dinheiro? — Louise repetiu com voz rouquenha.

— Não podemos viver de brisa. Mais tarde arranjarei um emprego.

— E você tem capacidade para trabalhar fora?

— Se a educação aprimorada e dispendiosa que recebi em Florença não me abrir as portas de um emprego, declaro-me arrasada. Afinal falo fluentemente o francês, o italiano e o espanhol.

— Mas você é uma Lady e Ladies não se rebaixam, trabalhando fora de casa.

— Lady ou não, morrer de fome é que não vou, portanto esqueça a posição social. Concentremos em algo mais positivo e concreto como um teto para morar e pelo menos uma refeição substanciosa por dia, durante os primeiros meses de nossa libertação.

Priscilla poderia se gabar de ter montado um excelente plano de fuga.

Soube que Sir Horace tinha um secretário particular, encarregado do pagamento dos serviçais e empregados de mais categoria da fazenda.

Não foi difícil para ela se aproximar do Senhor Watson, na ausência do padrasto. Inventou que as duas iriam passar uma noite em casa de amigos, nas proximidades de Oxford.

— Vamos precisar de dinheiro para agradar os lacaios e também para outros gastos — disse ao homem — Estou precisando de roupas novas pois as que tenho já foram bastante usadas no colégio e Oxford tem um bom centro de compras.

— Não há dúvida, Senhorita Sherborne, mas Milady tem crédito nas principais lojas da cidade.

— Mamãe me disse que é muito raro ir às compras em Oxford porque meu padrasto prefere vesti-la pelas lojas de Bond Street.

O Senhor Watson aceitou a observação e Priscilla continuou,

— Também é muito mais prático pagar com dinheiro sonante do que a gente se sujeitar a toda a sindicância de um pagamento em cheque. Esses comerciantes são muito desconfiados!

O Senhor Watson riu diante da ingenuidade demonstrada pela jovem e afirmou orgulhoso,

— O nome que a Senhora sua mãe carrega tem crédito em todas as cidades da Inglaterra.

Contudo, induzido pela argumentação de Priscilla e pela confiança que ela depositava, deu-lhe uma boa quantia, dizendo,

— Sir Horace ficaria horrorizado só em pensar em tanto dinheiro nas mãos de uma juvenzinha como você, mas tenho certeza de que será bem empregado.

— Não se preocupe. Prometo que muito em breve não restará mais nada!

O Senhor Watson deu uma risada gostosa.

— Se eu fosse a Senhorita , faria as compras em Londres. Se é que quer ser tão elegante quanto Milady.

— Lady Harlow é quem enfeita suas toaletes... — Priscilla acrescentou, sorrindo.

A vontade do Senhor Watson nessa hora era fazer um elogio à beleza e à elegância de Priscilla, mas se limitou a dizer,

— Espero, Senhorita Sherborne, que encontre o que deseja.

— Eu também. Preciso me vestir à altura desta rica Mansão e de seus frequentadores, enquanto não vou para Londres. E... por falar em Londres, preciso de um bom abrigo de viagem. O que tenho me deixa com ar de menina de colégio. Talvez precise de mais umas cinquenta libras.

Como se estivesse enfeitiçado, o Senhor Watson liberou mais esse dinheiro e Priscilla, tão rápida quanto o riscar de um relâmpago, subiu as escadas para contar à mãe.

Beijou-a nas faces pálidas e alteradas pelo medo.

Pronta para sair, Louise ainda estava cheia de escrúpulos, queria desistir. Ia arriscar uma admoestação mas Priscilla se adiantou,

— Coragem, mamãe. Extorqui um dinheirão do Senhor Watson que, somado às suas jóias, nos proporcionará dias felizes por muito tempo.

— Ai, querida... Não está certo. Acho que eu não vou!

— Eu vou — Priscilla declarou categoricamente — Se a Senhora quiser ficar...

Louise quase chorou. Escapou do seu peito um suspiro magoado ao qual Priscilla respondeu, mudando o tom da voz,

— É brincadeira, mãezinha. Jamais a deixaria, principalmente depois de ontem à noite. Já esqueceu?

Sir Horace nunca fora tão bruto e desumano como na noite anterior. Mais uma vez o padraсто havia se embebedado. Apesar da passagem para os quartos estar fechada, Priscilla ouvira gemidos que a fizeram esconder a cabeça debaixo dos lençóis, em desespero. Pela primeira vez na vida desejara ter nascido homem. Daria a Sir Horace o mesmo tratamento que ele rendia à mãe.

Priscilla havia pedido que Louise separasse toda a roupa que pretendia levar, a fim de facilitar o trabalho da camareira. Esta, quando tomou do valioso casaco de peles para colocá-lo na mala, perguntou surpresa,

— Por que levar este agasalho de inverno rigoroso, se os dias estão cada vez mais quentes? Milady não vai ter oportunidade de usá-lo!

— Não é para usá-lo, Rose. Minhas amigas conhecem um ótimo peleteiro que dará

um trato em minhas peles ou até poderá reformá-las... já estão fora de moda — respondeu Louise, seguindo direitinho as instruções que a filha lhe dera, mas sem conseguir evitar que o sangue afluísse às faces e em seguida desaparecesse, tornando-a extremamente pálida. Ela não sabia mentir.

Por felicidade a criada se satisfez com a explicação.

A carruagem em que viajaram mal dava para acomodar todas as malas e os pacotes. Durante o percurso Priscilla pedia a Deus para que não tivesse esquecido nada e que as protegesse no decorrer daquela grande e empolgante aventura que se iniciava.

Temia uma provável busca por parte de Sir Horace. Instruía o cocheiro para que as deixasse em The Mitre, um conhecido estábulo de Oxford.

— Não quero cansar os cavalos de Sir Horace — ela disse em tom autoritário — por isso nossos amigos mandarão uma carruagem para nos buscar.

— Tiveram muita consideração, Senhorita — o cocheiro observou.

— É, Também acho — Priscilla admitiu.

Chegaram a Oxford mais ou menos às onze horas da manhã. Assim que a carruagem de Sir Horace se afastou, Priscilla informou sobre uma cocheira de aluguel, para obter um transporte.

Viajaram durante três horas, só parando para um rápido lanche e um posto de troca e manutenção de viaturas, onde os cavalos foram substituídos.

Bem mais adiante, trocaram também de carruagem e prosseguiram até chegar a Little Bletchley, às seis e meia da tarde.

Ali Lady Harlow entrou em pânico. E se não encontrassem um lugar para passar a noite?

Procurou se lembrar de uma estalagem decente, próxima de onde estavam, mas não conseguiu... Após vinte anos de ausência!

— Será que ninguém nos ajuda a encontrar um hotel ou qualquer canto? Só por uma noite. Nem que seja para dormir no chão! — Priscilla choramingou, aflita.

— Se o Senhor Ainsworth estiver vivo, o que eu duvido muito, ele nos ajudará — Louise assegurou.

— Quem é ele?

— O administrador da fazenda de meu pai. Ele era um belo tipo de homem. Lembro-me bem de como todas as moças se perdiam de amores.

Louise deu um sorriso e prosseguiu, nostálgica,

— Meu pai era muito severo e elas levavam os problemas para o Senhor Ainsworth resolver.

— Então é ele o homem indicado. Vamos procurá-lo. Ele vai resolver nosso problema, também.

Lady Harlow parecia exausta. Priscilla tomou-lhe as mãos com carinho.

— Não se preocupe, mamãe. Chegamos bem. Sei que papai está conosco. Não temos o que temer.

— Você também acha que ele está nos protegendo? Sabe eu sempre converso com ele. Será que sou ouvida?

— É lógico que sim e tenho certeza de que está nos aprovando porque ele, mais do que ninguém, não aceitaria a vida que você levava.

— É mesmo, minha filha.

— O Senhor Ainsworth deve estar vivo e vai nos ajudar a sair desta situação.

— Como você é otimista! Tal e qual seu pai!

— A Senhora verá. Tudo vai dar certo. Por que papai a fez se lembrar do Senhor Ainsworth, então? Vamos, vamos procurá-lo.

A carruagem que as levava, sacolejando pela estrada poeirenta, de repente parou, interrompendo Priscilla. O cocheiro pôs a cabeça para fora, em direção da janelinha aberta, e perguntou,

— Aonde desejam ir?

Priscilla olhou para a mãe.

— Para o chalé branco, da colina, no extremo sul da cidade, faça o favor — disse Louise.

Priscilla repetiu a informação ao cocheiro, que exclamou,

— Ah! The White Cottage! Já sei onde fica.

— Agora, mamãe, lembre-se, a Senhora não é mais Lady Harlow. É a Senhora Borne. Ninguém deve saber quem somos nem de onde viemos. Pediremos segredo ao Senhor Ainsworth — Acho que seu pai gostaria que nós usássemos o nome dele.

Priscilla silenciou um momento.

— Se formos pressionadas, poderemos dizer que somos primas distantes de Lorde Borne e por isso nos agrada viver aqui nas vizinhanças de suas propriedades.

— É tanta coisa para lembrar! — Louise se queixou — Talvez seja melhor voltar, minha filha.

— Não seja covarde, mamãe. O pior já passou. Conseguimos fugir, temos dinheiro, logo, logo vamos arranjar uma cama. Ruim seria se tivéssemos que dormir no bosque, como personagens de conto infantil, tendo folhagens como colchão e os raios de luar como dossel!

Lady Harlow sorriu com os olhos marejados de água.

A carruagem estancou. Uma casinha branca apareceu, transmitindo-lhes um sentimento de esperança.

Era o chalé ao qual Louise se referira.

CAPÍTULO II

The White Cottage era um gracioso chalé cercado por árvores, gramados e canteiros de flores.

Priscilla debruçou-se à janela para poder admirar a bela variedade de cores primaveris das flores que tingiam os flancos daquele jardim bem cuidado, já envolto pela penumbra característica do ocaso. Abriu a porta da carruagem, inspirou fundo o frescor da tarde que morria e disse a Louise,

— Fique aqui, mamãe. vou ver se o Senhor Ainsworth está, senão teremos que nos arranjar sozinhas.

Sem esperar a reação da mãe, saltou do carro e, lépida, venceu a distância até a casa.

Ao bater a velha e pesada aldrava de bronze de encontro à maciça de mogno da porta, teve medo de não receber resposta. O arrastar de uma cadeira e passos lentos se aproximando desfizeram seu mau pressentimento.

Um velho Senhor de cabelos grisalhos e face bondosa apareceu.

— Ainsworth?

— Sim, Senhorita . Em que posso servi-la?

Aliviada e sorridente, ela informou, apontando para a carruagem,

— Uma velha amiga sua está ansiosa para vê-lo. Um momento, por favor.

Saiu correndo em direção a Louise, que estava encostada no banco, em atitude de prece.

— Mamãe, mamãe, ele está em casa, e pelo seu jeito bondoso será incapaz de negar ajuda.

Hesitante, Louise saiu da carruagem e atravessou o jardim.

O Senhor Ainsworth olhou-a indagadoramente mas logo exclamou,

— Senhorita Louise? Não é possível!

— Sim, sou eu! Como vai o Senhor? Quanto tempo.

— Bem diz o ditado, "Quem é vivo sempre aparece!" Mas que prazer!

A emoção tomou conta de Louise, impossibilitando-a de falar. Adentrou a aconchegante sala de estar enquanto Priscilla foi avisar o cocheiro para esperá-las.

— Não gosto de viajar à noite. Quero chegar antes do escurecer — ele resmungou.

— Naturalmente. Seremos breves.

O cocheiro sossegou diante dessa promessa, difícil de ser cumprida, porque já se fazia tarde.

Rápida, ela voltou para dentro de casa. A mãe estava sentada em frente à lareira da pequena mas confortável sala, obviamente rememorando seus tempos de infância e juventude. À aproximação de Priscilla, o Senhor Ainsworth se levantou e ela se acomodou na poltrona que ele oferecia.

— Espero que me desculpem por conversar sentado, mas sofri um acidente na fazenda e machuquei a perna.

— É lógico que o Senhor deve se sentar. Está em sua casa. Não vamos demorar.

Lady Harlow não sabia como justificar sua volta e, nervosa, lançou um olhar à filha, como a pedir-lhe auxílio.

— Nós precisamos de sua colaboração, Senhor Ainsworth. Minha mãe e eu, por razões que não desejamos revelar, estamos nos escondendo. Queremos alugar um chalezinho barato. Será que poderia nos ajudar?

— Com muito prazer, Senhora Sherborne — ele afirmou, olhando para Louise, e ia continuar a falar quando Priscilla o deteve.

— Não. Não. Ela não é Senhora Sherborne. Agora se chama Senhora Borne.

Diante do ar aparvalhado de velhinho, Priscilla explicou,

— Poucas pessoas se lembrarão de mamãe e, para todos os efeitos, ela se casou com um primo distante do primeiro marido e agora é a Senhora Borne. Esse também vai ser meu sobrenome.

O Senhor Ainsworth continuava confuso.

— Eu sei que é complicado mas é preciso. Ninguém na cidade deve saber que somos nem de onde viemos. Não exagerei quando disse que estamos nos escondendo.

— Restam poucas pessoas que conheceram a Senhorita Louise em menina. Vinte e um anos é muito tempo. Se bem que os velhos têm boa memória. Vivem do passado.

— É verdade. Mas, apresentando-a como Senhora Borne, e a mim pelo mesmo nome, acho que não surgirão problemas. Espero. Bem, onde poderemos nos instalar? — Priscilla indagou animada, apesar da expressão pensativa do Senhor Ainsworth.

— Não há meio de eu me lembrar de alguma casa vaga no momento. Há um Senhor de idade chamado Norton, sua mãe deve se lembrar dele, foi mordomo no Park. Quando ele morrer...

— Precisamos de um lugar imediatamente, Senhor Ainsworth!

Fez-se um longo silêncio. Priscilla passou a mão pela testa, pelos cabelos revoltos, demonstrando real preocupação. Sabia que Louise rezava e pôs-se a orar também. De súbito as faces enrugadas do velho administrador se iluminaram.

— Tive uma idéia mas não me atrevo a revelar Senhora Borne.

— Por favor, Senhor Ainsworth.

Pestanejando hesitante, ele declarou,

— Há um lugar, onde ninguém imaginaria encontrá-las e ,está vazio, Tremaine Park.

As duas mulheres se olharam em silêncio até que Louise, nervosa, perguntou,

— O Senhor está se referindo à velha casa de meu pai?

O Senhor Ainsworth sacudiu a cabeça, confirmando.

— É o seguinte, Milady, quando o Senhor Hugo perdeu a casa para o Marquês de Kerne, fui instruído por seu procurador para arranjar um casal que morasse na Mansão, como zeladores.

Priscilla respirou fundo mas não o interrompeu.

— Os poucos empregados que restavam, tinham sido demitidos e eu determinei que o Senhor Cossins e esposa tomassem conta do Park.

— Eu me lembro do Cossins — Louise exclamou — Ele era o "faz tudo" na fazenda de meu pai, engraxava os sapatos, fazia pequenos consertos, enfim aquilo que os outros deixavam por fazer, ele resolvia. Nem sempre da melhor maneira mas de muito boa vontade.

— É ele mesmo, madame. Foi muito prestativo até que o reumatismo o aleijou e, mais tarde, um ataque de asma o levou para sempre.

— Ah! E a Senhora Cossins? — Louise quis saber.

— Morreu também, no ano passado. E ainda não arranjei substitutos para eles.

Priscilla não pode evitar um gritinho de alegria.

— Então podemos tomar o lugar dos Cossins?

— Longe de mim pretender que as Senhoras façam o serviço da casa! Mas... está vazia e o Marquês parece não se interessar por ela.

— Eu preciso trabalhar — Priscilla falou com firmeza — Temos um dinheirinho, mas sei que não vai durar a vida toda. Ia mesmo pedir ao Senhor que me arranjasse um emprego.

O Senhor Ainsworth, homem de idéias antiquadas, não admitia que moça de família distinta trabalhasse fora de casa, e desconhecendo as intenções de Priscilla, prosseguiu,

— Bem. acho que zelar por Tremaine Park não será uma árdua missão. Posso providenciar uma faxineira, uma vez por semana e as Senhoras apenas manterão a limpeza.

Priscilla achou que ele não dispunha de muito dinheiro e, como que adivinhando seu pensamento, o Senhor Ainsworth esclareceu,

— Apesar do Marquês nunca ter posto os pés aqui, todos os meses ele manda dinheiro para pagar os caseiros, um jardineiro e a pensão dos ex-empregados.

— Um jardineiro? — Louise repetiu — Como pode, sozinho, dar conta de tudo!

— Henri faz o máximo... Prefere cuidar da horta, por isso Milady, não repare no estado dos jardins... Assim mesmo são muito lindos!

— Como me sinto feliz com a idéia de tornar a vê-los!

Priscilla reparou no entusiasmo de Louise e no brilho em seu olhar, tão diferente daquele inexpressivo de quando partiram de The Towers.

— Não saberemos como agradecer, Senhor Ainsworth, se nos permitir que cuidemos da antiga casa de minha mãe. Também muito nos alegrará receber a quantia reservada aos Cossins.

— Não... não! Pelo amor de Deus, Priscilla!

— Mas nós precisamos, mamãe! Se o Marquês de Kerne tem na folha de pagamento os zeladores de Tremaine Park, não vejo razão, a não ser um orgulho idiota, para não sermos remuneradas.

— Será um trabalho duro! — o Senhor Ainsworth preveniu.

— Que eu adorarei fazer! — Priscilla replicou — Milhões de vezes obrigada, não só pelo teto que nos arranjou, como também pelo trabalho de que tanto necessito.

— E que eu nunca imaginei que um dia pudesse ser desempenhado por uma Tremaine! Contudo, estou feliz por ajudá-la, Senhorita Borne.

— O Senhor é o próprio anjo caído dos céus! Agora diga como chegar até a Mansão. O cocheiro está aflito para voltar.

— Pensei que nunca mais pudesse ser útil a alguém.

Um sorriso de júbilo se esboçou nos lábios grossos e descorados do Senhor Ainsworth, que continuou a falar compassadamente.

— Não reparem mas não as acompanharei. Minhas pernas não ajudam.

Levantou da poltrona, meio deformada pelo uso, e com lentidão foi até uma escrivaninha próxima à janela. Abriu uma gavetinha emperrada e tirou uma penca de chaves grandes e velhas.

Uma delas se destacava pelo seu tamanho descomunal. Separou-a e entregou a Priscilla.

— Esta é da porta dos fundos. As outras estão etiquetadas e tenho certeza de que sua mãe saberá usá-las melhor do que eu. Fiquem à vontade, façam tudo que acharem necessário, como se continuassem sendo as donas da casa.

A entrada para Tremaine Park, apesar de iluminada apenas pelas luzes sombrias do entardecer, causou uma sensação de esperança às mulheres, encolhidas no fundo da carruagem aluguel.

Dois corações batiam fortes e descompassadamente enquanto o veículo transpunha o caminho sinuoso e íngreme, marginado de carvalhos seculares.

Louise tomou as mãos gélidas da filha e sussurrou,

— Parece um sonho! Depois de tantos anos... voltar para a casa de minha infância!

— Não disse que papai estava nos orientando? Nada melhor para a Senhora do que viver aqui em sua antiga morada, e esquecer as barbaridades que aconteceram depois da morte dele.

Por um instante os olhos de Louise se encheram de lágrimas, como acontecia sempre que se mencionava o primeiro marido. Todavia, não deixou de se empolgar ao cruzarem a ponte de pedra sobre o lago sereno de Tremaine Park.

Uma curva do caminho ladeado de canteiros floridos levava ao pátio em frente à porta principal.

O cocheiro, sob as ordens de Priscilla, virou à esquerda e passou debaixo de um arco de pedras para alcançar a ala onde se situavam as cozinhas.

Ao descer da boleia, ele disse em tom firme e desagradável,

— Quanta bagagem! Não há alguém para me auxiliar? É muito para mim!

— Eu ajudo — Priscilla se prontificou — Mas antes deixe-me abrir a porta.

Um ruído lamurioso de gonzos enferrujados se fez ouvir e surgiu um largo corredor de paredes de granito, para onde davam vários cômodos, queijaria, despensa, destilaria, copas e cozinhas.

Tudo bem familiar a Priscilla. Tantas vezes a mãe havia descrito sua vida em Tremaine Park!

Louise, que se adiantara à filha, percorria a longa passagem, como que se certificando de que tudo estava em ordem, como nos velhos tempos do General.

Priscilla correu para atender ao cocheiro.

Resmungando como sempre, ele entrou com as malas e os volumes maiores, enquanto ela se ocupava com os pacotes mais leves. Não se dera conta de que tivessem trazido tanta coisa!

Pagou-o e deu uma gorgeta generosa que o emburrado Senhor nem ao menos agradeceu. Pulando para a boleia, enraivecido, ele chicoteou os pobres animais, que zarparam ladeira abaixo, chacoalhando a quase imprestável viatura.

Por um momento Priscilla viveu a amargura e o desespero de uma naufraga largada em uma ilha deserta, sem navio à vista.

Logo se refez, considerando a sorte que haviam tido...

Pelo menos Louise estava feliz na ex-propriedade de seus pais.

Estava anoitecendo. Priscilla precisava descobrir com rapidez um meio de iluminação, ou tatearia pelas amplas e bem mobiliadas salas do casarão adormecido. Atravessou o hall à procura de Louise e encontrou-a na sala de estar.

Era uma linda e bem proporcionada sala, com janelas de mogno e cristal bisotado que se abriam para o jardim, permitindo a entrada, por todos os lados, de ar puro e sol da

manhã e da tarde.

Os móveis, apesar de resguardados por capas de linho cru, revelavam a sobriedade das linhas de estilo inglês. Um magnífico lustre da Boêmia cintilava aos últimos reflexos do entardecer. Vários retratos a óleo forravam paredes empapeladas. Cortinas muito brancas, enriquecidas com brocado azul e sustentadas por sanefas douradas, davam ao ambiente um aspecto de nobreza.

Em pé no canto da sala, Louise tinha as mãos em posição de prece e o olhar vago, porém sem tristeza. Talvez estivesse pedindo um futuro melhor ou recordando as delícias de outrora.

Parecia muito mais jovem do que seus trinta e oito anos e a bonita expressão de seu rosto era a mesma de antes do infausto casamento com Horace.

À aproximação da filha, ela exclamou emocionada,

— Estou em casa! Como senti falta deste ambiente, desta sala querida, onde minha mãe viveu.

— Agora eu sei por que a Senhora a descrevia com tanto amor. Ela é mesmo encantadora!

Abraçando-a com ternura, Priscilla advertiu,

— Agora, sejamos práticas. Já está escurecendo e eu precise de algumas velas para me movimentar sem tropeções.

Louise deu uma risada cascadeante, de menina.

— Temos algo melhor do que velas, minha querida.

Adentrou a despensa e escancarou a porta de uma salinha contígua, onde prateleiras que iam do chão ao teto exibiam uma infinidade de lampeões a óleo, caixas de velas e castiçais de todos os tipos e tamanhos.

— Meu Deus! — Priscilla bradou diante tamanha fartura — parece uma loja!

Louise sorriu satisfeita.

— Meu pai sempre foi um homem organizado, e como Hugo nunca morou aqui, é natural que tudo esteja como antes.

— Ainda bem. E agora que já temos luz, que tal a Senhora me mostrar os quartos? Vamos levar dois lampeões.

Priscilla constatou que a maioria estava com suprimento e sabia que encontraria mais combustível naquele bem sortido depósito.

Ao subirem a majestosa escada com artística balaustrada de madeira esculpida, mais uma vez Priscilla agradecia a Deus a boa sorte que tiveram. Nada teria feito a mãe tão feliz como a volta ao lar de sua meninice.

Ao vencerem o primeiro lance de escada, Louise parou no espaçoso patamar e disse hesitante,

— Eu acho, Priscilla, que agora, como zeladores, seria conveniente ocuparmos a ala

reservada aos empregados ou no máximo a dos hóspedes de pouca importância.

— Para esta casa, ninguém é mais importante do que a Senhora.

— Não seria atrevimento meu dormir, nem que seja por uma noite, no quarto de minha mãe?

— É lógico que não! Vamos. Onde é? Espero que bem perto haja um quarto lindo para mim também.

Louise apressou pelo corredor afora, como que temerosa de ser detida antes de chegar ao quarto onde a mãe sempre estivera disposta a uma conversa carinhosa. Rememorou a doença que a prostrara ainda bonita.

Fora uma ausência também difícil de ser suportada.

Como em todos os cômodos, as cadeiras do quarto estavam cobertas com capas de linho. A cama, cujo cortinado saía de uma corola dourada, mostrava todo o seu esplendor, como se ainda acalentasse os sonhos de sua Senhora em repouso. Inebriada pelo encantamento do recinto, Priscilla compreendeu melhor a razão pela qual aqueles móveis lavrados, o retrato de Louise em criança sobre o console da lareira e os candelabros com cupidos de biscuit ornando as hastes de bronze significavam tanto para a mãe.

— A Senhora vai dormir aqui, mamãe. E eu, onde vou dormir?

O quarto pegado era quase tão lindo quanto o que acabavam de deixar.

Prática como era, Priscilla decidiu-se por ele e fez Louise procurar as roupas de cama no imenso armário de um terceiro quarto, usado como rouparia.

Fizeram as camas com os melhores lençóis que encontraram, todos de linho com barras de renda francesa.

— Por enquanto somos hóspedes de primeira linha e não há ninguém para me contradizer.

— Confesso, estou me sentindo uma usurpadora.

— Ora, mamãe, deixe de bobagem, o dono disto aqui pouco ou nada se interessa pelo lugar.

— Tem razão.

— Não vamos pensar nele, que nunca apareceu por estas paragens e nem vai aparecer — Priscilla vaticinou.

— Deus permita que não! — Louise desejou, apavorada.

Depois de comerem os sanduíches que Priscilla precavidamente comprara na estalagem onde almoçaram, foram para a cama.

Cansadas, carregaram para os quartos apenas o necessário para aquela noite e a esperança de uma vida sem tropeços.

Priscilla achava que, após o que havia sofrido, sua mãe devia estar em estado precário de saúde. Precisava poupá-la, apesar de considerar o trabalho um bom meio para fazê-la esquecer Sir Horace.

Ao fazer suas orações, agradeceu a Deus e ao pai por tudo de bom que haviam conseguido. E no torpor que precedia o sono, pôs-se a pensar, entusiasmada, nas coisas que havia para "explorar" no dia seguinte.

Bem cedo, pela manhã, depois de um fraco desjejum, Priscila saiu à procura de Henri, o jardineiro.

Homem atarracado, de uns cinquenta anos, ele se dedicava ao cuidado da pequena horta, perto da cozinha. Tudo indicava que a colheita, ainda que tardasse, iria ser boa.

Ainsworth tinha razão quando dissera que ele se interessava mais por verduras do que por flores.

— Bom dia! Minha mãe e eu somos as novas zeladoras — ela foi logo dizendo, para satisfazer a curiosidade do serviçal, que a fitava perplexo — O Senhor Ainsworth nos indicou. Espero que nos ajude, pois não conhecemos nada por aqui.

— Farei o possível — Henri respondeu, desconfiado.

— Eu sou Priscilla Borne, filha da Senhora Borne. Por enquanto, o que mais precisamos é de comida.

Henri olhou-a surpreso, sem entendê-la.

— Queria comprar ovos e outras coisas também. Há algum armazém na vila? É muito longe?

Enfim o jardineiro sorriu, e seu sorriso era bondoso e simpático, apesar da falha de dentes que desvendava.

— Não dá para ir a pé. Deixe-me ver. Há uma charrete e um pônei. Se a Senhorita souber guiar.

— Não diga! Há cavalos aqui?

— Ora, como não! O que não existe são pessoas para montá-los, por isso estão no pasto da fazenda. Eu os alimento todos os dias. No inverno eles voltam para as cavalariças da Mansão.

— Que bom! Ontem mesmo desejei que houvesse cavalos aqui. E o Senhor disse que há uma charrete, também!

— A velha Bessy anda meio teimosa. Não quer trabalhar. Se a Senhora permitir que eu ponha um cabresto.

— O Senhor tem alguns ovos para me vender?

— Nunca pensei em vendê-los. São para meu gasto. Acabei de tirá-los do ninho!

Priscilla comprou uma dúzia de ovos e ele informou que o leite e manteiga poderiam ser obtidos da própria fazenda, cuja sede ficava a um quarto de milha além dos campos de Tremaine Park.

— Se a Senhora quiser eu poderei buscá-los, diariamente.

— Tudo bem, então daqui a uma hora sairei para as demais compras. Agora vou preparar uns ovos, porque eu e minha mãe só estamos com uma xícara de chá.

Um pouco sem jeito, Henri ofereceu-lhe algumas fatias de pão e um pacotinho de manteiga, que ela prometeu devolver depois de se abastecer na vila.

Louise e Priscilla tomaram o segundo breakfast, na cozinha de teto de vigas aparentes, que, nos velhos tempos, ostentavam peças de presunto e grossas fatias de bacon defumados ao calor do eficiente e enorme fogão à lenha.

Com dificuldade Priscilla conseguira acendê-lo, sob o olhar admirado de Louise, que revivia a época em que o velho fogão vivia cheio de painéis de ferro negro e espesso.

Havia tanta coisa a rever que ela gostou da idéia de Priscilla ir sozinha às compras.

A casa já estava praticamente limpa, mas necessitava ainda de uma boa faxina. Então, resolveram aceitar a colaboração de uma empregada para o serviço pesado.

Afinal, sem o compromisso de um aluguel, poderiam dar-se ao luxo de uma boa faxineira, e o dinheiro obtido com o Senhor Watson ainda duraria bastante.

Também havia as jóias de Louise! Ao examinar o cofre da copa, Priscilla achou que devia guardar ali a maior parte do dinheiro, e pediu à mãe que juntasse todas as jóias para também guardá-las nesse lugar bem seguro.

Empalidecendo, Louise disse,

— E... eu... não as trouxe.

— Não? Por quê?

— Por favor, Priscilla, não se zangue.

— Mas por que fez isso! Concordamos que seriam uma garantia para o nosso futuro!

— Eu sei, minha querida, e talvez tenha sido uma tolice minha, mas não consegui trazer coisas tão valiosas que Sir Horace me deu pensando que eu retribuiria com...

Não pode terminar. Priscilla por um instante esqueceu-se do desapareço e da honestidade da mãe e se desesperou ao ver diminuído em mais da metade o recurso que as sustentaria por longo período de tempo.

— Sinto muito. Sinto muito... — Louise não parava de dizer — Talvez tenha sido egoísta, mas não poderia me apossar de tamanha fortuna, proveniente de um homem que me detesta.

— Tudo bem, mamãe, tudo bem. Não chore mais. Reconheço que a honestidade foi a única responsável por seu procedimento.

— Você não ficou zangada?

— É evidente que não. Daremos um jeito, com a proteção de papai.

Os olhos de Louise, ainda marejados, cintilaram de alegria.

— Você fala como ele! Eu achei que não me perdoaria, que me acharia uma imbecil, para o resto da vida.

— Impossível! Eu a adoro, mãezinha, e a admiro muito!

A caminho para a vila, Priscilla refletia, preocupada com o pouco dinheiro que tinha para se manter e à mãe, sem passarem necessidades.

A carruagem que as trouxera a Little Bletchley consumira um dinheirão. É verdade que contariam com o ordenado de zeladoras, mas quanto seria? Pouco mais de uns míseros shillings por semana.

Como consolação, lembrou-se de que por muito tempo não teriam que comprar roupas, apesar da maioria delas não serem próprias para duas pobres assalariadas.

Mas quem repararia nesse detalhe?

"Bem... é melhor deixar o barco correr. Para que sofrer por antecipação?", ela pensou, enquanto Bessy, negando-se a trotar, arrastava-se penosamente pela estrada poeirenta.

Só depois de ter comprado no único mas bem sortido armazém da vila grande estoque de artigos básicos é que Priscilla se lembrou de fazer as contas de cada penny que havia gasto. Era mais um rombo no precioso capital que possuíam e que talvez permitisse só mais uns dois ou três saques semelhantes.

Enquanto selecionava suas compras, ela se apercebeu da curiosidade do pessoal da vila com relação a sua pessoa. Todos queriam saber quem era e de onde vinha.

— A Senhorita não tem jeito de caseira — o merceiro disse.

Ele parecia ser do tipo bem falador, o "fofoqueiro" do lugar.

— Pois é exatamente o que eu sou e, com minha mãe, tomarei muito bem conta da Mansão que é o orgulho desta cidade.

— É verdade — disse uma Senhora que acabara de entrar.

— Eu dizia ontem a meu marido, que pena, uma casa tão majestosa ficar por conta dos ratos.

Priscilla riu gostosamente.

— Está enganada. Eu e minha mãe moramos lá agora, e saberemos manter a casa como antes, porém sem as recepções e visitas da época do General.

— Que davam assunto por uma semana — outra mulher observou — Nós sempre lembramos de como a filha do General, a Senhorita Louise, teve coragem de fugir! Mas que romântico foi! Agora suponho que façam parte da turma de fantasmas que habitam aquela casa!

— Não imagine coisas, Senhora Bates — o merceiro repreendeu — Esta Senhorita é zeladora de Tremaine Park e em nada lembra um fantasma.

— Não, não sou, eu lhes garanto. Obrigada por ter me servido. Espero não ter esquecido de nada.

— Se tiver, amanhã continuo aqui — o merceiro avisou.

— Sem dúvida — A Senhora Bates concluiu, brincando — Como a Senhorita pode ver, não há outra mercearia na vila.

— Está querendo insinuar que as Senhoras são obrigadas a pagar seja lá o que eu pedir, não é? — o merceeiro retrucou.

— E que remédio! — alguém respondeu.

Como o diálogo era amistoso, todos caíram na risada.

Priscilla os deixou, convencida de que Little Bletchley era a cidade ideal para elas, pequenina, provinciana, atrasada, longe do mundo. Sir Horace jamais se daria ao trabalho de localizá-las pois, odiando Louise como odiava, preferia tê-la como morta.

De volta ao Park, ela achou que, com o passar do tempo, Sir Horace só podia mesmo pensar que Louise morrera. Então não mais seriam esmagadas pelo temor de que ele as procurasse.

E dando asas à sua fértil imaginação, começou a viver um conto de fadas. Morando em um lugar tão maravilhoso quanto Tremaine Park, ela anteviu um futuro risonho de festas e reuniões entre amigos sinceros que iriam devolver a Louise sua jovialidade alegre e contagiante.

Rememorou como seus pais sabiam receber os que apareciam para comprar cavalos ou os poucos vizinhos, que vinham para uma prosa.

Não tinham posses para obsequiá-los regamente, mas o espírito jubiloso e o amor que unia o casal era cativante e todos se despediam com relutância. Pareciam não querer deixar aquela casa cheia de calor e vibrações positivas.

"Mamãe precisa voltar a essa vida!"

Lembrou também de como se enganara em Florença, ao pensar que todo o luxo e conforto material de que Sir Horace acumulava Louise dava felicidade.

Muito pelo contrário, um pesadelo de horror e violência a destruía, física e moralmente, todas as noites, em The Towers. Feridas profundas a haviam marcado e talvez jamais se cicatrizassem

— Preciso cuidar para que mamãe seja feliz — Priscilla disse em voz alta como se falasse com Bessy, que começara a correr ao pressentir a aproximação de seu estábulo.

Louise era como uma criança e não uma progenitora, por isso Priscilla é quem devia tomar providências para um futuro melhor!

"Papai, venha em meu auxílio", implorou, elevando seu pensamento aos céus. "O Senhor tem sido a minha força, até agora. Por favor, não me abandone! "

CAPÍTULO III

O Marquês de Kerne, sentado desconfortavelmente em uma poltrona de couro, encarava assombrado o Primeiro Ministro.

— Você está falando sério, fui banido de minha pátria? — perguntou ele.

— Não. não é bem assim. Apenas foi aconselhado a se afastar por uns dois ou três meses.

— Não adianta disfarçar. Considero-me insultado.

— Sinto muito, Kerne. Mas não há o que fazer.

— Se o Príncipe Kluchusky tivesse um mínimo de decência, teria me desafiado, como qualquer homem digno o faria — disse o Marquês, furioso.

— Acredito que o fizesse, se o Rei não Condenasse o duelo — replicou Lorde Grey — Sua Majestade me preveniu de que você não deveria ultrajar um adido de embaixada, desafiando-o para esse tipo de contenda.

— Isso é coisa da Rainha Adelaide! — o Marquês protestou — Há séculos os homens acertam suas divergências dessa maneira cavalheiresca. Por que haveria ela de interferir, agora?

Lorde Grey afirmou desanimado,

— Sinto muito, Kerne. Sou inteiramente solidário, mas a vontade do Rei, ou melhor, a ordem do Rei é para você sumir por uns meses, não só da corte como também de Londres. Não pense que me é agradável dizer isso.

— Não pense que me é agradável ouvir isso! — repetiu o Marquês, com clara expressão de descontentamento no rosto congestionado.

De fato, a notícia soara como uma bomba.

O Marquês de Kerne tornara-se conhecido por seus casos de amor, se é que podiam ser assim chamados, envolvendo quase todas as mulheres atraentes de Londres.

Durante o Reinado anterior, ele fora admirado e mesmo invejado por suas proezas amorosas. Os maridos de suas amantes juravam vingar-se, mas, diante de sua fama de bom atirador e exímio espadachim, desistiam de qualquer ajustamento de contas.

Após a morte de George IV e a coroação de Guilherme, os tempos haviam mudado, como era do conhecimento do Marquês.

A vida do Rei Guilherme sempre fora toda voltada aos dez filhos ilegítimos que tivera com uma corista de nome Jordan.

Agora, desde que contraíra matrimônio com a Rainha Adelaide, jovem de vinte e cinco anos, quando ele já andava beirando os cinquenta e três, tudo mudara para pior,

segundo os cortesãos e amigos da realeza.

A corte apresentava um aspecto bem diferente daquele da época do extravagante e perdulário George IV. Por exigência do parlamento, grandes cortes haviam sido feitos nos gastos.

A banda germânica do Palácio fora substituída por uma inglesa, de menor valor artístico, mas que economizava aos cofres públicos catorze mil libras esterlinas anuais.

O Rei Guilherme demitira o mestre cuca francês, o chef que sempre servira ao irmão, para desespero dos comensais do Palácio.

Lorde Dudley, famoso por comentários cáusticos, resmungava a sotto voce,

— Quem diria. Comida fria e champanhe quente!

A luxuosa estrutura de vida mantida pelo ex-soberano se desmoronava. Os iates reais, de cinco, foram reduzidos a dois, e a rica Mansão de campo, de Windsor, estava quase em ruínas. O haras real perdera a metade de sua extensão e de seus valiosos animais.

E para completar a desgraça, toda a vivacidade e luxúria da corte fora substituída por um intolerável e estúpido puritanismo.

De certa maneira era estranho que a Rainha Adelaide fosse tão moralista e ao mesmo tempo aceitasse os filhos bastardos de seu marido, com uma tolerância, aliás, digna de louvor.

"Era natural", pensava o Primeiro Ministro, "que o Marquês de Kerne se irritasse com a Rainha". Ela proibira aventuras amorosas, provocadoras de escândalos e adultérios, entre os membros ou frequentadores da corte.

Por essa razão caíra nas graças dos maridos traídos pelas artimanhas do Marquês, homem atraente não só por seu físico atlético e inteligência brilhante, mas também por suas qualidades de grande esportista e excelente cavaleiro, cujos animais sempre se classificavam em primeiros lugares nas exposições e corridas.

Além disso, superava qualquer orador na câmara dos Lordes.

Tinha o dom da palavra e da persuasão, tanto no parlamento como nas alcovas.

O Conde Grey divertiu-se lembrando os inúmeros "casos" nos quais Kerne se envolvera ultimamente. Logo cansou-se de enumerá-los e mais uma vez convenceu-se de que os corações das londrinas não poderiam resistir ao magnetismo especial que o amigo possuía.

E agora, talvez pela primeira vez, ele se deparara com um obstáculo que não podia ignorar com um encolher de ombros.

Não era o fato de ser corrigido, ou melhor, punido, que o aborrecia.

Lorde Grey achava que devia ser a ignomínia de ser mandado embora da corte, como um menino que se expulsa do colégio, e a repercussão que isso iria ter.

Como se lesse os pensamentos de Grey, o Marquês perguntou,

— Quem mais está sabendo deste incidente?

— Ninguém. Sua Majestade mandou que eu informasse e minha grande amizade por você me fez guardar segredo.

— Sou-lhe muito grato. E a Rainha? Será que não comentará com as damas de companhia?

— Pode confiar. O senso de ética da soberana é incontestável. Foi educada em uma corte provinciana e inculcaram uma idéia clara e precisa dos princípios que regem uma sociedade sadia. Naturalmente não mudará sua filosofia ao servir a Inglaterra.

O Marquês sorriu mas não refutou. O Conde então prosseguiu,

— Ontem, eu ouvi um comentário, "Ela é o tipo de mulher que todo homem manteria, mas não como esposa".

Diante do sorriso malicioso do Marquês, Grey explicou,

— O que na realidade quiseram dizer é que ela é uma mulher discreta.

— Exatamente o que eu gostaria de ouvir. Olhe, Grey. Tomarei providências para "sumir" e conto com sua reserva. Ninguém deve saber que fui afastado.

— Você estará de volta para as corridas de Ascot! — consolou-o o Primeiro Ministro.

— Espero que sim... e a taça de ouro será minha!

Com ar petulante de quem não estava dando a mínima importância ao episódio, o Marquês de Kerne deixou o Primeiro Ministro.

Mas quando tomou a Phaeton que o esperava e, de rédeas em punho, deu ordem de arranque à garbosa parelha, ele caiu em si e, irado, refletiu na possibilidade de ser motivo de chacota para a Rainha e o Príncipe Kluchusky.

Esperava em Deus que ninguém mais soubesse o que ocorrera, mas, ao mesmo tempo, temia que a notícia já tivesse se propagado entre as rodas sociais de Mayfair e dos clubes de Saint James, com a mesma ligeireza de fogo no palheiro.

Lágrimas sentidas brotariam dos olhos das beldades que ele seduzira, ao mesmo tempo em que rictos de satisfação surgiriam de seus esposos traídos.

— Droga. Mil vezes droga — Kerne vociferou até Berkeley Square, onde, à frente de sua Mansão, parou os cavalos com perícia invulgar, de fazer inveja a qualquer sócio do clube de trote.

Entregou as rédeas ao cavaleiro e entrou de tal modo que fez quatro lacaios e um mordomo cientes de que ele estava em um de seus piores dias.

Contudo, a expressão facial dos criados, fiéis seguidores da etiqueta britânica, continuou impassível.

— Chamem o Senhor Carstairs, imediatamente.

— Pois não Milorde — foi a resposta em coro.

O tempo que o Marquês levou para encher uma taça de champanhe e sentar à

escrivaninha foi o suficiente para que Carsteirs aparecesse. Ele era um homem de meia idade, com um rosto taciturno, sempre a denotar preocupação.

O Marquês devia a perfeita gerência de suas propriedades a esse cidadão, quase um gênio como administrador.

Formavam um par magistral na gestão dos negócios. O Senhor Carstairs aceitava as ordens de Kerne e as desempenhava com a perfeição que ele exigia, e não poucas vezes seus pareceres eram coincidentes.

Há dez anos Carstairs trabalhava para o Marquês e já era tido como seu respeitoso e dedicado confidente, que tinha sincera afeição.

— Estou em apuros, Carstairs — o Marquês foi dizendo assim que ele entrou no escritório.

— Eu desconfiava Milorde!

— Como?

Não sem hesitar, Carstairs falou,

— Sua alteza o Príncipe Kluchusky tem fama de violento! E... sabe como é ele é russo!

Kerne deu uma risada forçada.

— Tem razão em se preocupar, mas... ele não me desafiou para um duelo.

Carstairs ergueu as sobrancelhas.

— Não, Milorde?

— Ele é esperto e desleal! Simplesmente queixou-se à Sua Majestade, a Rainha, e ela se incumbiu do resto, me banii da corte da Inglaterra!

— Horrível, Milorde. horrível!

— Você pode imaginar como me sinto! Já pensou, os idiotas que eu venci nas corridas, tomei dinheiro no carteador, ou desprezei por seus palpites infelizes, se vangloriarem dessa minha situação constrangedora?

— Eu compreendo, Milorde. Isso não pode acontecer!

— O Primeiro Ministro prometeu guardar segredo e o Rei parece que me admira ou até gosta um pouco de mim. Se ele se lembrar de que tem "telhado de vidro, não jogará pedras no meu". Será compreensivo e discreto.

Com uma centelha de desafio no olhar, Kerne propôs,

— O que precisamos fazer, Carstairs, é encontrar uma razão plausível para o meu desaparecimento. Descobrir um lugar onde eu possa ir, sem causar estranheza, porque as corridas de Newmarke vão começar na próxima semana.

— E Milorde não vai? — Cartairs interrompeu, surpreso.

— Para que todo mundo me pergunte a razão de minha negativa aos convites às recepções de Londres? Não há condições de eu ir, Carstairs, convenha.

Houve um silêncio pesado até que Carstairs, com ar pensativo, sugeriu,

— Milorde deveria fazer uma longa viagem.

— Seria a última coisa. Tornaria patente minha dificuldade, que logo relacionariam à Princesa Natália.

— Tem razão, Milorde. Para ser franco, têm havido muitos comentários por aí. Acho que é pelo fato dela ser belíssima e invejada por todas as mulheres!

O Marquês sabia que era verdade o que seu administrador falava. Muitas lágrimas haviam umedecido as faces de lindas inglesas por terem sido preteridas. Aliás, com razão. Natália não era apenas uma das mulheres mais fascinantes que ele conhecera, mas fora a mais sedutora também.

Ela o atraía desde o primeiro momento em que se encontraram, e em poucas horas ele já se achava enleado na mais possante rede de carícias experimentadas em toda a sua existência de homem boêmio.

Em sociedade, Natália era uma grande dama, fazendo jus a seu sangue real, do qual muito se orgulhava. Na intimidade, sabia ser tão ardente e fogosa como uma pantera e ele reconhecia que nunca tivera na cama uma fêmea tão selvagemmente adorável.

O Marquês de Kerne nunca tivera graves problemas com os maridos ingleses.

Na maioria das vezes fingiam não perceber que ele cortejava suas esposas ou era perseguido por elas.

Por isso Cartairs não se impressionara com a fúria do russo, que tomara o procedimento dele como um abominável insulto.

O Príncipe exercia o cargo de adido consular na corte da Inglaterra e, como tal, gozava de imunidade diplomática. Era de interesse do Rei manter boas relações com a Rússia.

Portanto, o pobre Kerne, inadvertidamente havia "posto a mão em casa de marimbondo".

O Senhor Cartairs suava frio e de vez em quando suspirava, sem disfarçar o nervosismo.

Que humilhação ter sido repreendido pelos soberanos britânicos... "posto em ostracismo até aprender a se comportar. ." pensava ele.

— Vamos, Carstairs! Ponha sua cabeça a trabalhar! Onde mais eu poderia me esconder além de Nawmarket? Lá a sociedade me surpreenderia!

Kerne parou de falar um minuto, e depois ele mesmo sugeriu,

— O que você acha de Leicestershire agora, fora da estação de caça?

— Será que se Milorde for para Buckinghamshire, na Kernehouse, terá que participar da vida social?

— Com toda a certeza, e não faltariam hóspedes que, ao retornarem a Londres, insistissem para que eu voltasse com eles.

— É mesmo, Milorde.

O Senhor Cartairs, depois de grande esforço de memória, falou, sem entusiasmo,

— Há. Tremaine Park, que Milorde nem conhece.

— Tremaine Park que diabo é isso?

— A Mansão que Milorde ganhou no jogo com Hugo Tremaine há um ano.

— Meu Deus! Havia esquecido.

— Hugo Tremaine logo depois foi morto em duelo, na França.

O Marquês esforçou-se para rememorar a noite em que vencera Hugo Tremaine.

— Ele era um jovem descabeçado, bebia muito e se pôs a jogar sem a menor possibilidade de levar a melhor.

— E perdeu a casa e a fazenda, pelas quais Milorde nunca se interessou — Deixei-as nas mãos de um administrador.

— Onde fica afinal? — Kerne quis saber.

— Em Hertfordshire, perto de Potters Bar, onde Milorde esteve uma vez, em uma feira de cavalos de raça.

— E como é a casa?

— Pelo que ouvi falar, é uma linda Mansão de estilo georgiano. A fazenda tem três mil alqueires!

— E pertencia a Hugo Tremaine.

— É, era do pai o General Sir Alexander Tremaine.

— Ouvi falar nesse nome. Preciso arranjar uma desculpa, quer dizer, um motivo para chegar lá, de repente. O administrador, os caseiros, vão se assustar.

— Deve ter muita coisa para ser reorganizada em Tremaine Park e Milorde resolveu inspecionar, de surpresa.

— É uma idéia! E o que você vai dizer a meus amigos, aqui de Londres?

— Que tal inventar um incêndio? Seu Castelo da Escócia pegou fogo e nada mais natural do que Milorde "voar" para lá, para ver o que poderia ser aproveitado... das ruínas

— Parece interessante. Muitos dos meus amigos já estiveram em meu Castelo da Escócia.

— E na certa irão se penalizar, Milorde, sabendo que tão lindo Castelo pegou fogo!

— Bem pensado, Carstairs, e como não tenho disposição para responder às perguntas que sobrevirão, partirei imediatamente para... como se chama, mesmo? Tremaine Park, não é?

Carstairs fitou-o consternado e repetiu,

— Imediatamente? Não faça isso, Milorde... A casa deve estar abandonada, nas mãos de caseiros.

— Por três meses não vou precisar de tantos criados aqui, por isso mande os que achar necessários para lá, junto com a bagagem. Quero dois mestres-cuca, que garantam meu cardápio especial. Ficaria furioso se, além de me enterrar no meio do mato, precisasse comer picadinho de carne com cenouras todos os dias. Seria o cúmulo!

Kerne levantou sorveu o que restava do champanhe e determinou,

— Vou me trocar. Quero Pégasus aqui em meia hora.

Saiu da sala, deixando Carstairs na maior das aflições.

Agora era tarde para lamentar, mas Carstairs já deveria ter ido a Tremaine Park para ver de perto o lugar.

Uma propriedade há tanto tempo abandonada só poderá irritar e desagradar meu exigente patrão", pensou.

Carstairs conhecia muito bem o Marquês para impedi-lo de partir tão de repente. Nem Deus o demoveria, por isso apressou em achar o mordomo, as arrumadeiras e os chefs para mobilizá-los a uma inesperada e grande atividade.

Em meia hora o Marquês de Kerne aprontou-se para empreender a viagem a Tremaine Park.

Elegante e vigoroso, o Senhor Carstairs teve que admitir, era um crime se enterrar em uma fazenda em vez de destacar-se nas rodas sociais de Londres.

Só ele sabia o que o Marquês devia estar sentindo debaixo daquele ar de suprema indiferença. Um auto controle fora do comum, e impossível de não se louvar, permitiu dizer perante toda a criadação,

— Se perguntarem por mim, um negócio importante exigiu que eu me ausentasse por tempo indeterminado.

— Não há dúvida, Milorde — respondeu Carstairs, feliz porque dera a mesma razão, para satisfazer a curiosidade dos criados que seguiriam o Marquês, e que se achavam desorientados diante do súbito vendaval que varreria a rotina da Mansão de Berkeley Square.

Durante o trajeto para Tremaine Park, Kerne, apesar do mau humor, percebeu que o dia estava lindo!

Um sol radioso acariciava as árvores cobertas de brotos recém despontados e primulas multicoloridas bordejavam os talhos dos campos verdejantes.

A natureza tocou-lhe a alma, porque ele começava a se sentir menos infeliz.

Contudo, o motivo primordial da mudança de humor, ele sabia, era o prazer que dava sua montaria, um soberbo garanhão negro, que havia comprado há seis meses e que valia até o último penny, pago na feira de Tattersall.

Era de praxe um laçao sempre acompanhar viajantes distintos, mas Kerne preferia cavalgar sozinho, dando asas à sua imaginação e a seu corcel. A experiência o ensinara que um acompanhante só seria útil se soubesse montar tão bem quanto ele e tivesse um animal tão bom quanto o seu.

Ademais naquele momento não queria e nem precisava de companhia.

Sabia chegar até Potters Bar, pois estivera duas vezes na feira de cavalos que lá se realizava todos os anos, como Carstairi' havia mencionado.

Em uma das vezes comprara um reprodutor que, apesar do baixo preço, vencera várias competições em Ascot.

Guardara a informação de que Little Bletcheley ficava poucos quilômetros adiante de Potters Bar.

Tomou um pequeno lanche em uma estalagem de beira de estrada e indagou sobre a vila de Hertfordshire e Tremaine Park.

Às três horas da tarde, mais ou menos, transpunha portões altos e enferrujados, presos a vetustos pilares de pedra cinzenta.

Velhos carvalhos ladeavam o caminho, belo e animador, e, ao avançar mais um pouco, o Marquês constatou que Carstairs tinha razão. A casa era mesmo um excelente exemplar da arquitetura georgiana e, como tal, muito linda!

Parou bem no meio da ponte sobre o lago sereno, para admirar dois cisnes, que deslizavam rumo à cascata que se derramava no espelho das águas.

Não podia negar, era realmente lindo! Reconheceu também que, em meio a toda sua desgraça, havia tido muita sorte! Nenhum lugar seria mais aprazível do que esse para abrigá-lo durante o confinamento.

O jardim na verdade estava precisando de um trato, apesar de as plantas estarem todas brotando e ter árvores frutíferas em flor.

Parou o cavalo ao lado de uma pequena escada também de pedra. Para sua surpresa, a porta principal estava semi aberta, em vez de trancada ou mesmo barrada, como era de se esperar.

Kerne pensou em levar o cavalo ao estábulo mas não se conteve. Queria entrar o mais rápido possível, e com certeza na baia não haveria nada para Pégasus. Até que os serviçais chegassem, o animal precisaria se contentar com a grama crescida do jardim.

Desmontou-o, amarrou as rédeas à volta de seu pescoço e deixou-o livre.

Não precisava se preocupar pois Pégasus, cansado e suado como estava, não se distanciaria, e, bem treinado como era, atenderia a seu chamado quando fosse conveniente.

Que empolgante entrar naquele casarão sólido, de sua propriedade, mas desconhecido, porque estivera largado no recôndito de sua memória, até algumas horas atrás.

Chegando ao topo da pequena escada, Kerne voltou para se deleitar com a vista do lago e da alameda de carvalhos, que lembrava um exército obediente disposto em fila dupla. Logo começou a configurar as melhorias a serem feitas no Park.

Adentrou o grande hall com imponente escadaria de madeira lavrada e artística lareira de mármore.

Os antepassados dos Tremaine, retratados pelos pintores da época, contemplavam-no das paredes. Tudo se apresentava na mais perfeita ordem, limpo e polido ondele esperava poeira e teias de aranha.

Ao fundo do hall, ampla porta dupla, com uma das metades abertas, convidava-o a entrar. Ao fazê-lo, achou-se em uma enorme sala com janelas escancaradas que a inundavam de luz e calor.

Teve apenas uma ligeira noção das paredes brancas e azuis, um lustre de cristal e arandelas cintilantes, porque se estarreceu diante da visão de uma figura feminina.

Era muito jovem e arrumava algumas flores em um vaso sobre a mesa rente a uma das janelas. Estava de costas e, ao ouvir o ruído de sua aproximação, sem se voltar exclamou,

— Olhe que beleza! Os primeiros lilazes da estação. Humm que perfume!

— Maravilhosos! — o Marquês bradou.

A moça virou-se abruptamente e ele, atônito, fitou o rosto pequeno e petulante, onde dois enormes olhos azuis, ainda maiores pelo espanto, brilhavam adornados por rebeldes mechas douradas que balouçavam ao soprar da brisa primaveril.

"Há dez dias que me sinto completamente feliz", pensava Priscilla ao voltar de seu passeio a cavalo, nessa manhã já avançada em horas.

Desde que chegara a Tremaine Park com a mãe, nunca mais soubera o que era tristeza.

A alegria que sentira ao constatar a existência de cavalos de raça na fazenda, que seriam o orgulho do pai se ele os tivesse possuído, fora indescritível. Estavam, como era natural, preguiçosos e até um pouco selvagens, pois precisavam de exercícios.

Mas ela não seria Priscilla, filha de Charles Sherborne, se não soubesse dominá-los. Vários dias de grande trabalho e duas ou três quedas bastaram para deixar um dos animais bom de montaria.

Priscilla estava domando um outro para Louise. Achava ter chegado a hora de a mãe fazer algum exercício, depois do relativo repouso que ela impusera. Tivera o cuidado de não fazê-la trabalhar muito nesses primeiros dias em Tremaine Park, tomando para si o encargo do serviço pesado da casa.

Louise a preocupava, não só por sua debilidade física, decorrente dos maus tratos que Sir Horace infligira, mas pelo abatimento moral que ela demonstrava desde que fugira de The Towers, apesar de Priscilla insistir que haviam se decidido pelo melhor.

O Senhor Ainsworth prometera, na segunda visita de Priscilla, mandar Amy, a faxineira, para ajudá-las na manutenção da casa.

— Acho que não vamos poder pagar, Senhor Ainsworth — Priscilla retrucou.

— Não se preocupe, Senhorita Priscilla. Tenho o dinheiro referente a seis meses de salário, de quando fiquei sem caseiros. E também, nada me impedirá de pedir um

aumento, se as Senhoras acharem que o dinheiro não dará para ter uma faxineira. Garanto que serei atendido pelo Marquês.

— É muita bondade sua, Senhor Ainsworth, mas está se esquecendo de que não queremos chamar atenção sobre nossas pessoas. Aceitaremos Amy, mas avise-nos quando o dinheiro que sobrou terminar.

— Não sei se vou ter coragem. É tão pouco o que posso fazer para Senhorita Lou, quer dizer, para a Senhorita e a Senhora sua mãe.

— Estamos muito satisfeitas. O Senhor não imagina como mamãe se sente feliz em casa.

E Priscilla resolveu contar um pouco da vida de Louise.

— Há tempos que ela vem sofrendo, desde que meu pai morreu. O segundo casamento foi um desastre!

— Eu desconfiei. Precisamos fazer o possível para que ela se sinta feliz outra vez.

— É o que mais desejo!

— Vamos rezar para que Sua Senhoria continue desinteressado por Tremaine Park. Senão...

A maneira como o Senhor Ainsworth falou deixou Priscilla preocupada e curiosa. Então ela pediu,

— Fale-me do Marquês de Kerne.

— As coisas que eu ouvi sobre ele não são para seus ouvidos, Senhorita Priscilla!

— Como o Senhor sabe de "coisas" sobre o Marquês se ele nunca pisou este chão!

— Bem, foi assim, quando o Senhor Hugo foi para Londres, levou como valete um dos lacaios do Park, moço simples, aqui da vizinhança.

Ainsworth sorriu significativamente para Priscilla e prosseguiu,

— Um bom moço, de família decente, ele se scandalizou com o tipo de vida que seu tio Hugo levava e procurou outro emprego.

— E achou... na Mansão do Marquês.

— Como a Senhorita adivinhou?

— Estou acostumada a contos de fada. Mas, continue, continue...

— Pois bem. Billy, como nós o chamamos, vinha de vez em quando para a casa dos pais e, quando Hugo perdeu a propriedade, a vila inteira ficou sabendo quem era o feliz ganhador. Ele... Ele...

O Senhor Ainsworth começou a gaguejar e silenciou de repente.

— O Senhor não vai parar vai?

— Estou tentando achar palavras não sei como dizer — E continuou hesitante — O Marquês é muito conhecido em Londres, por causa das corridas. Seus cavalos sempre ganham. Ele é ótimo cavaleiro também.

Ainsworth balançou a cabeça, mostrando reprovação antes de dizer,

— Mas as histórias de sua vida particular são de arrepiar os cabelos! Ofenderiam seus ouvidos!

— O Senhor quer dar a entender que o Marquês tem muitas amantes?

Priscilla percebeu que chocara o velhinho e explicou,

— Sabe, fui educada em Florença e convivi com moças italianas, francesas e espanholas. De manhã até a noite, só falavam de amor!

Sorrindo, Priscilla prosseguiu,

— Eu me divertia com os casos escabrosos que elas contavam de seus irmãos, primos, dos próprios pais e às vezes até dos avós!

O Senhor Ainsworth não pode evitar o riso.

— Mas a Senhorita é muito criança para saber dessas coisas.

— Criança? Eu, que tenho uma mãe para cuidar? E suponho que cuido bem.

— Muito bem. Só espero que também saiba cuidar de si mesma.

— É lógico que sei! Afinal, tudo está dando certo. Foi sorte termos encontrado o Senhor! Não sei como agradecer tudo o que o Senhor tem feito por nós.

— Não tem o que agradecer, menina. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar sua mãe. Se é grande a felicidade das Senhoras por estarem aqui, creia não chega à metade da minha por tê-las acolhido.

A sinceridade dessas palavras dera a Priscilla a certeza absoluta de que eram bem vindas à Tremaine Park e a enchera de intenso júbilo.

Nunca mais pensaria em partir e talvez, em um futuro bem próximo, pudessem até fazer amizades, e frequentar a sociedade local.

Boa quantidade de feno e um balde de água fresca já esperavam pelo cavalo de Priscilla, na baia asseada, que Henri preparara. Ele, já a postos, o enxugaria para escová-lo depois.

Como Priscilla gostaria de poder gratificá-lo generosamente! Mas o dinheiro estava curto e isso a angustiava. Tencionava gastar o estritamente necessário com a alimentação, porque o salário não passaria de uns poucos shillings, ela imaginava.

Ao sair do estábulo, Priscilla viu pombos gordos voejando nos campos da fazenda e dois colonos de espingardas em punho. Não hesitou em comprar alguns, assim como comprou coelhos de garotos que caçavam no Park.

"Sobreviveremos", pensou ela, "se Deus quiser". E saiu correndo para anunciar que estava de volta.

— Estou fazendo o almoço, querida — gritou Louise da cozinha.

— Vou ajudá-la já, já, mamãe. Antes quero me trocar.

— Pus um de meus vestidos em cima de sua cama, aquele seu, de ontem, está justo

e curto!

E que importava isso, se não havia ninguém que a notasse, Priscilla pensou. Quis refutar, mas resolveu não dizer nada. Afinal, queria que a mãe se interessasse por tudo, principalmente por si mesma. Em todo caso, o gesto dela já era um bom indício.

— Obrigada, mamãe. Estou certa de que Henri vai me achar linda!

Louise sorriu diante da ironia da filha, porém, assim que seus passos se diluíram no silêncio do casarão, deu um suspiro triste.

Tão jovem e linda, sepultada neste ermo! O que poderá reservar o futuro? Deveria estar debutando nos salões de Buckingham Palace e sendo escolhida por algum "bom partido".

"Estou sendo egoísta, muito egoísta." Louise refletia, mexendo automaticamente o conteúdo da panela de ferro sobre o fogão.

De repente lembrou-se de Sir Horace. Como seu ardor arrefecera, transformando-se depois em ódio e violência, porque ela não dera o que ele mais queria!

Um arrepio de pavor percorreu o corpo, alertando-a sobre a impossibilidade do retorno àquela vida infernal, por mais que amasse a filha.

Mas, era preciso tomar providências. Não seria justo privá-la, assim, do convívio social.

"Oh, Charles, venha em meu socorro. Inspire-me, para que eu ache uma solução", rezava ela.

Louise ouviu passos no corredor. Mais que depressa passou o dorso da mão no rosto úmido. Não queria demonstrar que havia chorado.

Priscilla, de pé no limiar da porta, pezinho à frente e braços em posição estudada, exibia o vestido lindo, que caía como uma luva.

— Olhe, mamãe! A crisálida transformou-se em borboleta! Todos os homens que encontrei estão desmaiados aí no corredor. Não resistiram a tanta beleza!

Louise riu muito mas achou que na realidade sua filha estava deslumbrante, em seu vestido de gase azul, pouco usado por ela, por ser muito jovial.

— Você está linda, meu bem! Agora coma, antes que esfrie.

— Qual é o menu, hoje? — Priscilla perguntou com ares de grande dama.

— Henri insistiu em me presentear com uma galinha, com medo de que ficasse dura, eu a fervei antes de refogar. Espero que esteja gostosa.

Durante o almoço o assunto foi o passeio a cavalo que Priscilla fizera pela manhã. Tremaine Park era familiar. Reconhecera cada recanto, rememorando descrições que Louise fizera de fatos de infância e juventude.

— Agora, mamãe, eu arrumo a cozinha e a Senhora vai descansar. O boudoir da vovó está tinindo de limpo! Amy fez uma boa faxina lá! Deite-se na chaise-longue perto da janela e veja se tira uma soneca.

— Dessa maneira vou ficar mimada, minha filha — Louise reclamou, mas foi logo se retirando em direção à escada.

Ainda ouviu as últimas determinações da filha.

— Vou ao jardim colher umas flores, depois tomaremos um chazinho na sala de estar, como a Senhora fazia antes, com o aparelho de chá Queen Anne. O sabor da bebida em porcelana fina é diferente, não é assim? Faremos de conta que estamos aguardando dois Duques e um Lorde para o chá das cinco.

Louise subiu as escadas caçoando da imaginação fértil de Priscilla que, de tesoura na mão, se dirigia ao jardim.

Priscilla sabia que a mãe sentia falta das flores decorando a casa, como nos tempos de sua meninice. Ademais, ela mesma adorava arrumar vasos.

Entre os canteiros esquecidos do Park, ela sonhou. Poria cinco ou seis jardineiros habilidosos trabalhando ali no jardim. Ele ficaria um éden, como nos tempos de seus avós.

Logo depois, quando dava o toque final no arranjo de lilazes, comparou-os com a mãe, lindos, frágeis e perfumados! Então, ouviu-a entrar na sala e disse,

— Olhe que beleza, mamãe! Os primeiros lilazes da estação! Humm que perfume!

Somente quando a voz masculina ecoou é que ela se voltou assustada.

De pé, fitando-a firme, estava o homem mais elegante e atraente que jamais vira em toda a sua curta existência.

Era bonito demais para ser real. Devia ser fruto de sua imaginação, parte de seus sonhos. Há pouco tinha enxergado a casa cheia de convivas, lacaios de libré no hall e inúmeros serviçais indo e vindo em um afã próprio de subalternos dedicados!

Mas, ainda que parecesse ter saído de um conto de fadas, o cavalheiro era de fato um ser vivo, palpável. Então, com voz trêmula, ela sussurrou,

— Quem é o Senhor?

— Faça minha a sua pergunta — o Marquês replicou, chegando mais perto — Esta minha casa deveria estar vazia!

— Sua casa? Então o Senhor é o Marquês de Kerne?

— E um criado às suas ordens, Senhorita. Talvez agora me diga com quem tenho o prazer de falar.

Priscilla, atônita, quase revelou a verdade. Transida de susto e de medo, gaguejou,

— E eu sou... Priscilla. Priscilla Borne uma de suas caseiras.

CAPÍTULO IV

O Marquês, de Kerne ergueu as sobrancelhas. com expressão de dúvida no olhar, boca entreaberta, mostrando dentes alvos e brilhantes, não conseguiu esconder a vontade de cair em gostosa e sonora risada.

— Você uma caseira? — exclamou — Tarefa estranha para uma pessoa com tanta distinção e beleza!

Ao mesmo tempo ele a examinava de alto a baixo e, como homem de sociedade que era, constatava ser a toalete de Priscilla muito cara e, sem dúvida alguma, proveniente de uma das melhores lojas de Bond Street.

A jovem, intimidada, sem saber para onde olhar, tentou uma explicação,

— O Senhor e a Senhora Cossins tomavam conta daqui. Mas, eles morreram e, nós ficaríamos muito gratas se pudéssemos substituí-los.

O Marquês quase não a ouvia, encantado que estava com as maneiras delicadas de tão charmosa criatura.

Priscilla, atemorizada com a possibilidade de ser posta ao relento, nem se deu conta do bom humor e do êxtase do amo recém chegado. Continuou suplicando,

— Pelo amor de Deus, deixe-nos ficar. Já fizemos uma ótima limpeza nesta casa, há tanto tempo abandonada. Trabalho não nos assusta. Estamos muito felizes aqui!

Os olhos de Kerne continuaram fixos nela, que nem notou o sorriso zombeteiro quando ele disse,

— Sugiro, Senhorita Borne, que me apresente a esta casa, já que a Senhorita a conhece melhor do que eu.

Os olhos de Priscilla cintilaram.

— Com muito prazer! Sei que vai achá-la magnífica!

— Certamente, mesmo porque, se não fosse... você a tornaria!

A última pessoa que o Marquês esperava encontrar em Tremaine Park era uma Senhorita assim encantadora e delicada.

Era evidente que Carstairs não sabia da existência de uma zeladora tão exclusiva, pois apenas se referira ao respeitável casal de velhos, já falecido.

"Que exílio diferente!" pensou ele, enquanto ouvia embevecido a voz doce e educada de Priscilla, e se propôs a decifrar o empolgante enigma que ela representava. Já podia se considerar submergindo na profundidade azul de seus olhos e no mistério de sua formosura celestial.

Se havia alguma coisa de que ele gostava era se defrontar com algo estranho, de

preferência impenetrável. Não escapara a vacilação de Priscilla ao dizer o sobrenome, o qual devia ter sido inventado.

E a voz maviosa continuava,

— Como pode ver, este é o living room, uma das salas mais bonitas e aconchegantes que tive oportunidade de conhecer.

— Não há dúvida, Senhorita Borne, mas me reservo o direito de preferir a sala de estar de Kerne House, em...

— Berkshire, não é? O Senhor Ainsworth...

— O que mais ele contou?

Um rubor subiu às faces de Priscilla, como se ela tivesse sido pega em flagrante delito. A pergunta havia sido feita com naturalidade, mas sua reação causou surpresa e mal estar ao Marquês. Contudo, a situação foi atenuada pelo seu desempenho eficiente e gracioso como guia.

— E agora vou mostrar uma sala que, com certeza, agradará mais do que todas.

Kerne seguiu-a através do vestibulo, e Priscilla, solícita, abriu a porta da biblioteca.

Era seu cômodo preferido. Desde que chegara aproveitava todos os minutos de folga com leitura, por isso Amy mantinha os livros em perfeita limpeza e ordem.

As cortinas abertas permitiam que o sol entrasse livremente pelas enormes janelas de madeira de lei e cristal bisotado.

Estavam um pouco descoradas, mas a cor do veludo ainda lembrava o tom vinho das rosas que Priscila estava ansiosa por exhibir, quando passassem ao terraço que dava para o jardim da frente.

Enquanto ele se maravilhava e antegozava os momentos que passaria naquela sala detentora de um saber inesgotável, Priscilla foi tomada de um pânico repentino. "Se formos mandadas embora perderemos não só o teto, mas toda a beleza que Tremaine Park encerra", pensou ela.

Esforçou-se ainda mais para que o Marquês se agradasse dela e da propriedade. Não se preocupou em disfarçar o grande nervosismo que transbordava de seus olhos expressivos.

Terminada a visita à biblioteca, passaram à majestosa sala de jantar, cuja mesa podia acomodar, com largueza, vinte pessoas, sem as táboas adicionais que a ampliavam para mais dez lugares. Retornaram depois ao hall.

— Os demais aposentos ainda não foram convenientemente preparados para que Vossa Graça os conheça.

— E os quartos?

Chegara o ponto que Priscilla temia. Por que não tinha feito a mãe mudar de dormitório? Como iria explicar ao Marquês a petulância de terem ocupado o melhor quarto da Mansão? Temerosa, resolveu ser sincera.

— Milorde pode achar atrevimento mas, quando chegamos, tudo estava coberto de pó e já era noite!

Ela o olhou de soslaio e prosseguiu,

— Foi mais fácil ocuparmos os dois melhores quartos do primeiro andar do que procurar aposentos mais indicados à nossa posição, e sinto muito, mas continuamos dormindo lá.

— Pelo menos está dizendo a verdade, Senhorita Borne!

— Mudaremos de quartos imediatamente se Milorde consentir que fiquemos em Tremaine Park.

— Espero que tenha sobrado uma cama confortável para mim!

— Como não! A suíte de luxo do General está como ele a deixou! Nós a limpamos porque... — Ela parou de falar.

la dizer, "Minha mãe quis que assim fosse." Porém, não terminou a sentença.

Todavia ele a completou na própria mente, "Meu acompanhante precisava de um aposento asseado".

Subiram as escadas.

O Marquês agora tinha certeza, ela tinha fugido. Talvez com um homem casado ou algum "pé rapado" sem nenhum penny, nem compromisso.

"O que vou dizer quando encontrar o homem em questão? É melhor arranjam outro emprego?"

Mas, seria bom ter um companheiro para conversar, andar a cavalo.

"Priscilla seria ótima companhia, mas deve estar toda voltada para ele!", pensava Kerne. "E se eu a conquistasse, livrando-a desse idiota? Não seria um desafio desviá-la desse centro de interesse e fazê-la ter olhos só para mim?"

Priscilla, que não fazia a menor idéia do que se passava na cabeça do Marquês, levou-o até a ala dos dormitórios.

Chegaram ao fim do corredor, onde ficava o quarto do General, depois de passarem pelas portas dos luxuosos aposentos ocupados por ela e pela mãe, que estava repousando.

O quarto do General, espaçoso e bem arejado, tinha janelas dando para o sul e leste que garantiam uma brisa sempre refrescante. Uma grande cama de colunas com cortinado de veludo vermelho dominava o ambiente.

Havia troféus pelas paredes e quadros representando batalhas das quais ele havia participado. Uma espada na parede da lareira e medalhas dispostas sobre o console, eram provas da brilhante carreira do velho militar.

Em posição de honra, um grande retrato a óleo do General, presente dos oficiais do regimento de granadeiros na ocasião de sua aposentadoria, olhava com orgulho quem ali se detivesse.

Lá estavam também a espada de honra, recebida em Sandhurst, e presentes que ele

havia ganho de Maharajahs e Príncipes.

Quando Priscilla percebeu surpresa no rosto do Marquês, sorriu e disse,

— O General Sir Alexander Tremaine foi um soldado que se distinguiu muito!

— É óbvio. depois de tudo isso! Acho que me sentirei intimidado se dormir sozinho neste quarto!

O Marquês arriscou essa investida e parou. Esperava que Priscilla, como as demais mulheres em tal circunstância, lançasse um olhar provocativo e insinuante.

Mas ela respondeu, despreocupada,

— Se o General fosse vivo, na certa elogiaria seus cavalos e a arte de montá-los que Milorde tão bem demonstrou há dias.

— Leu as notícias sobre as corridas? — ele perguntou, admirado dela se interessar por hipismo.

— É difícil conseguir jornais aqui.

Não quis dizer que ela estava em regime de economia. Sorriu e continuou,

— A vila toda vibrou com sua vitória na corrida de obstáculos. A Steeple Chase de Wimbledon, não é?

— Como assim? Desde quando se interessam por mim?

Duas lindas covinhas, antes passadas despercebidas pelo Marquês, apareceram nas rosadas faces de Priscilla.

— Afinal de contas, Milorde é o proprietário desta Mansão, que, além de ser amada por todos os cidadãos, muito os envaidece. É natural que eles tenham curiosidade sobre sua pessoa!

Como o Marquês ainda continuasse surpreso, Priscilla explicou,

— Um dos empregados de sua casa, em Londres, é um moço da vila, e as proezas de Milorde, quaisquer que sejam, são comentadas pormenorizadamente.

Se o objetivo de Priscilla fosse intrigar o Marquês, ela poderia se considerar satisfeita. Contudo ele apenas disse,

— A Senhorita me surpreende, Senhorita Priscilla. E agora, que consinto em sua permanência aqui, apresente-me ao "cavalheiro" que a acompanha.

O tom sarcástico e elevado da voz dele ao pronunciar com clareza exagerada a palavra "cavalheiro" fez Priscilla encará-lo com estupefação. Mas antes que ela retrucasse ele já acrescentava,

— A experiência me faz crer que a Senhorita está se escondendo e espero que me diga de quem e por quê? Não será de seu pai?

Priscilla ficou pasma com o que ouviu e ele não iria parar suas elocubrações se ela, mostrando outra vez as covinhas, não o interrompesse!

— Se Milorde esperar um momento, eu chamarei a pessoa que me acompanha.

Não esperou pela aquiescência do Marquês. Correu para o boudoir.

Louise havia realmente dormido um pouco e se arrumava ao toucador, frente ao lindo espelho oval ornamentado de flores e cupidos de porcelana de Sévres.

— Fui obediente, querida — ela disse assim que viu Priscilla.

— Dormi bastante e agora descerei para ajudá-la na arrumação das flores.

Priscilla fechou a porta com delicadeza e sussurrou,

— Mamãe! O Marquês está aí. Nosso patrão!

Um grito de horror escapou da garganta de Louise e uma palidez intensa cobriu-lhe o semblante contraído.

— Ele está no quarto do vovô e quer ver a Senhora. Cuidado! Não vá dizer quem somos nós.

— É claro que não! Precisamos mudar de quarto! Que vergonha! Como poderíamos adivinhar que ele viria?

Louise levantou da banquetta e caminhou em direção à filha, que não pode deixar de admirar sua elegância. Vestia um dos modelos de Bond Street que ganhara de Sir Horace e estava não apenas linda e etérea, mas uma Lady, também.

— Tudo bem, mamãe, não fique nervosa — Priscilla disse ao tomar a mão e senti-la fria como gelo — Use todo o seu charme para cativá-lo, hein?

Ela ia completar, "ou seremos postas na rua", mas não o fez para não acentuar a aflição da mãe.

Enquanto caminhavam de mãos dadas pelo corredor, Priscilla rezava para que permanecessem em Tremaine Park, caso contrário teriam que perambular à procura de um alojamento barato.

E em pé, no mesmo lugar onde Priscilla o deixara, o Marquês se deleitava com os objetos que haviam pertencido ao General.

Naquele exato momento examinava as medalhas, em cima da lareira, imaginando os feitos de bravura do emérito soldado. Percebeu a presença de Priscilla, mas continuou de costas, aguardando uma apresentação.

— Milorde, quero apresentar-lhe minha mãe.

Só então ele se voltou.

Louise, curvando-se em graciosa reverência, causou-lhe dupla surpresa, pela nobreza de suas maneiras e pelo fato de não ser um homem.

— Muito prazer, Senhora Borne — ele disse, aliviado, e beijou a delicada mão — Nunca pensei que minha casa estivesse sendo cuidada por duas tão eficientes e encantadoras mulheres e porque não dizer, peculiares zeladoras!

— Fizemos o que pudemos para por isto em ordem, ou melhor, Priscilla fez o que pode. Eu não tenho andado muito bem e por isso não a ajudei como devia.

— Tudo está impecável! Quando meus criados chegarem, tirarei esse pesado

encargo de suas costas.

Priscilla deu um profundo suspiro.

— Se seus empregados vão chegar, não há motivo para continuarmos aqui!

— Eu não disse para partirem.

— Oh, obrigada, Milorde. Estamos muito felizes e seguras aqui em Tremaine Park — afirmou Louise — Além disso minha filha gosta tanto de andar a cavalo!

Os olhos do Marquês faiscaram de interesse.

— Ainda não fui aos estábulos! Para ser franco, nem sabia que havia cavalos aqui.

— Eles estão no pasto da fazenda. Há anos não são montados— Priscilla comunicou, com ar de reprovação.

— Então, que seja cavalgá-los uma de suas funções.

—Aceito com prazer. Parece impertinência de minha parte, Miorde, mas aqueles animais foram muito negligenciados — Priscilla falou em tom acusador.

— Entendo, Senhorita Borne. A Senhorita está tentando por ordem nas coisas...

— Os cavalos são bons, têm raça. Milorde vai concordar comigo quando os vir. Pena ter chegado a esse estado.

— A Senhorita está insinuando que eu não cuidei da criação e nem da casa como deveria, não é?

— Oh, não! Quem sou eu para criticar Milorde! Estou apenas justificando o que fiz pelos animais, que agora já podem ser montados até por uma Lady!

Ela fazia alusão às amigas femininas do Marquês, que não deviam ser boas amazonas e só montariam cavalos bem treinados. Kerne entendeu e achou melhor mudar de assunto.

— Preciso pensar no que fazer de vocês quando minha criadagem chegar. Não quero mais que cuidem da casa.

Ele não foi feliz, na maneira como expressou sua vontade de não tê-las mais como empregadas. Priscilla, pobre mas orgulhosa, levantou o queixo e disse com altivez,

— Se vai nos despedir, Milorde, espero que nos dê pelo menos um dia para arrumarmos nossa bagagem.

— Quem falou em despedi-las, Senhorita Borne? Não sou tão cruel assim. Além do mais preciso de boa companhia!

Priscilla olhou-o inquisitiva e ele, voltando-se para Louise falou,

— Vim para cá, sozinho, Senhora Borne, por razões que me obrigaram a me afastar de Londres. Gostaria que aceitassem meu convite para permanecerem aqui, como minhas hóspedes.

Exultando, mas sabendo que não podia decidir sozinha, Louise olhou para Priscilla esperando aprovação.

— E se não nos entrosarmos com seus amigos, Milorde? — perguntou Priscilla, indecisa.

— Não haverá amigos, porque não os convidei — ele disse com arrogância e depois suavemente — Apelo por sua bondade. Me façam companhia.

— Tem certeza do que está dizendo? — O tom de voz de Priscilla agora era diferente e seus olhos brilhavam de contentamento.

— Sei absolutamente tudo o que eu quero.

— Não vai querer que ocupemos os melhores quartos da asa, não é? — Louise inquiriu.

— Fiquem onde estão. Não vejo motivo para que saiam de lá.

— Oh! Obrigada. obrigada! — Louise exclamou — Que alívio poder ficar aqui onde eu...

Não passou despercebido ao Marquês, a parada súbita e o olhar rápido e culposos que Louise lançou para a filha.

— Agora, gostaria que Senhorita Borne me mostrasse os estábulos. E como meus serviços não chegarão tão cedo, tomo a liberdade de pedir uma xícara de chá, Senhora Borne.

—Com muito prazer, Milorde. Prepararei um saboroso chá e depois se Milorde quiser. Há muitos vinhos na adega de...

Pronto! Já ia se trair outra vez! Mas, Priscilla, sempre atenta, não deu tempo para que ela terminasse, dizendo, “Meu pai, ele era um grande conhecedor e apreciador de vinhos.”

— Eu o levarei às cocheiras, Milorde — disse ela depressa — e o apresentarei a Henri, o eficaz jardineiro desta casa. Imagine que ainda trata dos cavalos e da granja! Deve conservá-lo. Foi o único que restou.

— Parece-me que a Senhorita se interessa mais pelos problemas do campo do que pela parte doméstica da propriedade. Ótimo! Poderá me orientar na contratação ou conservação de pessoal para o bom andamento da fazenda.

— O Senhor Ainsworth é o administrador e há vários colonos competentes. Henri poderá informá-lo de suas necessidades, pão, manteiga, ovos. Espero que reservem algum cordeiro. O capataz, de nome Jackson, cria porcos.

Kerne a ouviu, magnetizado.

— Seu conhecimento sobre minha fazenda me encanta! Será de grande valia para mim.

Priscilla não sabia se ele estava ironizando ou se na verdade a considerava útil.

Quando chegaram aos estábulos, os dois cavalos que ela havia treinado relincharam assim que a pressentiram, e, à sua aproximação, corresponderam aos seus afagos.

O Marquês foi tomado de um súbito e pueril desejo de se exhibir.

Priscilla havia retirado da baia um belo alazão, Waterloo, e o colocara no pátio para mostrar como era de boa raça.

Kerne, depois de elogiá-la pelo bom conhecimento de animais, deu um inesperado e agudo assobio.

Após uma pausa, assobiou de novo e, em resposta, surgiu em garboso trote Pégasus, um deslumbrante corcel negro, com os estribos a sacolajarem em seus flancos perfeitos, orelhas empinadas, crina do pescoço e da cauda esvoaçantes.

Priscilla deu um grito de excitação e admiração. O próprio Marquês achou-o de uma impressionante beleza.

Pégasus estacou ao lado deles e o envaidecido proprietário anunciou,

— Este é Pégasus, Senhorita Borne, o vencedor número um da Steeple Chase. Ganhou a taça mais ambicionada no mundo dos aficionados das corridas de obstáculos.

— É magnífico!

Acostumado a elogios, o Marquês esperou que ela completasse, "como o dono"! Mas Priscilla só tinha olhos para o fogueiro animal e, enquanto acariciava-lhe o pescoço lúcido e falava com voz macia, ele teve a impressão de estar sendo relegado a segundo plano.

"Esta é realmente a castelã mais estranha que conheci!", ele pensou, e determinou-se a pesquisar mais sobre aquela jovem tão linda quanto estranha!

O jantar terminara e os criados se retiraram para seus aposentos, na sala na ala oeste da Mansão.

Kerne, sentado em uma cadeira lavrada de encosto alto, do qual Louise vira, por tantos anos, seu autoritário pai repousar, corpo alquebrado, disse em tom grave e Senhorial,

— Quero agradecer a vocês por terem feito de meu primeiro jantar em Tremaine Park uma refeição alegre e descontraída.

— Nós é que devemos agradecer. Há muito tempo não passo momentos assim...felizes! — disse Louise com brandura.

Imediatamente Sir Horace veio à lembrança e suas feições se contraíram.

Priscilla interveio logo, para evitar que a mãe falasse demais e que o Marquês notasse a mudança súbita de seu humor.

— Esse chef é fantástico! Nunca provei tantas delícias ao mesmo tempo.

— Prefiro pratos franceses e italianos.

— O que você sabe da cozinha italiana? — o Marquês desdenhou.

Priscilla vacilou mas por fim resolveu falar,

— Estudei em Florença, Milorde! E costumava passar fins de semana na França.

— Fala as duas línguas com perfeição?

— Seria estranho se não falasse! Domino também o espanhol.

— Ah. Então é intelectualizada? Nunca será bem sucedida na sociedade de Mayfair!

Priscilla sorriu.

— Nem pretendo ser. Sinto-me muito bem em Tremaine Park!

— Não diga isso, minha filha — retrucou Louise, preocupada — Você sabe, querida, que eu sempre desejei apresentá-la à Corte e fazê-la passar uns tempos em Londres.

Priscilla encarou-a com firmeza e ela concluiu.

— Ah, eu não devia ter dito isso.

— Não adianta querer fingir para mim, Senhora Borne, passar por caseira ou coisa semelhante. O que eu gostaria de saber é de quem estão fugindo e por quê!

O Marquês parecia calmo e sem intenção de perturbar, mas Louise se pôs a tremer e a gaguejar.

— N. não. não por favor, esqueça o que eu disse. Sou uma tola mesmo. Minha filha, desculpe-me!

Cobiu o rosto com as mãos, em atitude de desespero, mas não chorou. Olhou a seguir para a filha e depois para o Marquês e implorou,

— Vamos mudar de assunto, por favor.

Priscilla levantou.

— Eu acho, mamãe, que seria conveniente deixarmos o Marquês à vontade com seu vinho do Porto, ou melhor, seu conhaque — E, virando-se para Kerne, completou — Estaremos ao pé do fogo na sala de estar, à espera de Milorde.

Achando a idéia ótima, Louise ergueu-se também e aceitou a mão que a filha estendia.

Quando o Marquês cortesmente abriu a porta, notou que lágrimas indiscretas turvavam os olhos da Senhora.

De novo sentado à cabeceira da mesa, saboreando seu conhaque e charuto prediletos, ele se convenceu de que estava se envolvendo numa aventura dramática porém interessante!

Surpreendeu-se pela rapidez como terminou a bebida e, mesmo antes de acabar o charuto, foi ao encontro das elegantes hóspedes. Não se espantou ao deparar com Priscilla sozinha.

— Mamãe foi para a cama e pede desculpas por ter se descontrolado após o jantar — disse Priscilla.

Kerne sentou na confortável poltrona da sala de estar e, antes de falar, esperou que a moça se acomodasse também.

— Senhorita Borne. Chega de me atormentar. Pode imaginar como estou curioso!

— Com razão, mas sinto dizer que nada posso contar.

— Como não?

— É um segredo! É melhor não tocarmos no assunto para que Milorde não se envolva nele.

— Essa é a coisa mais irritante que ouvi nesses últimos tempos! Sinto-me profundamente ofendido.

— Não sei por que, Milorde!

— Porque você não confia em mim. Eu que sempre fui tido como ótimo confidente!

— Quando contamos nossos segredos, eles deixam de ser segredos!

— Há sempre uma exceção à regra.

— Milorde não espera que eu abra uma exceção a alguém que conheci há poucas horas.

Ele persistiu no intento de conquistar sua confiança, dizendo que duas mulheres sozinhas deviam crer nele, para serem protegidas.

Priscilla refutava, citando mesmo autores clássicos a fim de reforçar seus argumentos contrários à opinião dele.

Era o tipo de discussão que o empolgava e que costumava ter só com homens, porque as mulheres que conhecia não sabiam argumentar à altura e achavam que havia coisas melhores com que ocupar o tempo.

O momento tornava-se cada vez mais propício a confidências.

Caso cedesse, seu segredo se tornaria propriedade comum, o que, no caso delas, seria muito perigoso, pensou Priscilla.

— Mamãe deve estar preocupada. Pode pensar que aconteceu alguma coisa, que me desentendi com Milorde e, em consequência, fomos despedidas.

— Que filha superprotetora é você! Seria mais normal se ela a protegesse!

— Mamãe sempre foi dependente de papai. Na falta dele, sinto que devo tomar seu lugar.

O Marquês calou-se, convencido de que ainda havia muito mais por descobrir. Priscilla fez graciosa reverência, estendendo a mão.

— Boa noite, Milorde, e mil vezes obrigada por deixar que gozemos de sua hospitalidade.

— Eu é que agradeço e, creia gostaria de fazê-lo de maneira mais eloquente do que com simples palavras.

E não largando a pequenina mão, para assombro de Priscilla, envolveu-a num abraço terno, carinhoso e apertado.

Assustada, ela sentiu que ele ia beijá-la. Deu um gritinho e, num ímpeto que o

pegou de surpresa, desvencilhhou-se e fugiu.

Atravessou a sala, que nunca parecera tão longa e, sem olhar para trás, alcançou o hall.

O Marquês ficou aparvalhado. Nunca acontecera de uma mulher se negar a um beijo seu. Pelo contrário, todas elas se entregavam, ávidas de mais carinhos. Eram sofisticadas e cientes de seus atrativos para a conquista.

Priscilla era linda! Enquanto discutiam, há poucos minutos, ele imaginava a maciez, a doçura e a inocência de seus lábios.

Tinha certeza também de que o beijo frustrado seria diferente daqueles inflamados e selvagens beijos que ele trocara com a Princesa. Sozinho no living, já mais calmo e refeito, ele chegava à conclusão de que havia abusado de seu decantado charme.

Agira mal, por se tratar de uma jovem como Priscilla. Agora e com razão, ela ficaria de sobreaviso ou mesmo pensaria em se mudar de Tremaine Park, por medo de suas investidas amorosas.

Mas era tarde para arrependimentos. No entanto ele se culpava por ter sido audacioso.

Priscilla, apesar de muito inteligente, era ainda uma criança.

Fora um desastrado, mas também não sabia lidar com meninas ou moças solteiras. Tomara-a como mulher amadurecida e sequiosa de sexo, alguém que agradeceria a ousadia de seus carinhos, retribuindo-os com o mesmo ardor.

Aquele não fora o momento certo para beijá-la. Seu único atenuante era o fato de se ter deixado seduzir, não só pela beleza de Priscilla como também pela vivacidade de sua inteligência.

"Saiu-me melhor do que encomenda, este Tremaine Park" ele pensou quando foi para a cama.

Ao passar pelo quarto de Priscilla, ficou curioso em saber se ela havia trancado a porta.

"Talvez não, é muito inexperiente com relação a homens e jamais ocorreria a possibilidade de receber uma visita masculina no quarto de dormir."

E também, com toda a certeza, estaria sendo fiscalizada pela mãe. Ou então era ela quem guardava Louise e mantinha o controle de todo o drama, que as martirizava e que relutavam em revelar.

"Desvendar esse mistério é o que pretendo fazer", pensou o Marquês.

Respondeu ao boa noite de seu valete e aconchegou-se da melhor maneira possível para um homem sozinho em uma vasta cama.

Contudo, sentia-se confortável no leito do General e satisfeito com Tremaine Park. Era sem dúvida um sucesso!

— Amanhã é outro dia. Descobrirei mais coisas e explorarei a fazenda.

Um sorriso de satisfação esboçou-se nos lábios finos e sensuais do Marquês, que

logo adormeceu.

Inquieta na própria cama, Priscilla considerou normal a atitude do Marquês, para um homem tido como incorrigível conquistador.

Recordou as últimas histórias que corriam na vila, ainda mais escandalosas do que as já conhecidas.

Uma delas foi contada por Betty, a irmã de Billy, uma excelente bordadeira que trabalhava em casa para uma boutique afamada dos arredores de Bond Street. Havia trabalhado na oficina dessa loja antes de se casar e, por falta de uma artesã competente, não fora substituída. Agora cuidava do marido e dos dois filhos e ao mesmo tempo aumentava a renda familiar com seus bordados.

Na última quarta-feira ela terminara os monogramas de uns lenços para cavalheiro e os levava a Londres, aproveitando a condução de um mascate da vila. Encontrara-se com o irmão, como acontecia sempre que ia a Londres, e voltara com as últimas novidades a respeito do Marquês, as quais relatara ao merceeiro e para quem quisesse ouvir.

— Billy disse que o Marquês está numa situação complicada. Um Príncipe russo está louco para vê-lo morto!

Em pouco tempo, o Senhor Ainsworth ficara sabendo da notícia e contara à Priscilla quando ela o visitara.

Priscilla, por sua vez, o pôs a par de como andavam as coisas em Tremaine Park, pois ele ainda estava incapacitado de sair de The White Cottage.

O Senhor Ainsworth observou na ocasião,

— Amy disse que a Mansão está como no tempo do General!

— Estamos nos esforçando, mas há ainda muitos cômodos fechados.

— Dê tempo ao tempo, Senhorita . Não quero que trabalhem muito! Veja lá!

— O Senhor é muito bondoso!

— Quer saber da última? — Ainsworth perguntou sorrindo e pôs-se a desfiar todo o affair do Marquês com a Princesa russa. Agora Priscilla unia os fatos e descobria a razão da chegada repentina de Kerne.

"Será que ele está fugindo da Princesa ou do marido dela? Que desaforo! Não conseguiu a mulher que ama e quis se consolar comigo. Que ousadia tentar me beijar! Desprezível, esse Marquês de Kerne!"

Ao mesmo tempo, imersa na escuridão do quarto, não conseguia apagar de sua mente a figura do homem belo e insinuante à cabeceira da mesa de jantar, e daquela noite gloriosa em que conversaram até tarde. Como as horas tinham passado céleres!

É o próprio "encantador de serpentes". Todas as mulheres o seguem, hipnotizadas pela sonoridade de suas falsas palavras.

Mas, e ela, também estaria sendo tola? Por que não conseguia dormir pensando em como seria a sensação de um beijo do Marquês?

As meninas, no colégio, falavam com frequência de suas conquistas. Uma ou duas já haviam sido beijadas e descreviam aos cochichos o que haviam sentido.

Ao ouvi-las, Priscilla ficava embaraçada e se desinteressava. Preferia imaginar histórias românticas de amor platônico e espiritual.

Tinha a impressão de que os beijos daqueles ardentes italianos ou dos arrogantes irmãos de suas colegas francesas não a levariam ao êxtase. Muito pelo contrário, a deixariam humilhada porque seriam um arremedo do verdadeiro amor que ela esperava merecer.

"Mamãe amava meu pai, por isso estava preparada para fugir com ele, renunciando a tudo, família, conforto, cidade natal! Quando eu for capaz de um sacrifício assim, é porque estou amando."

A atitude do Marquês ao querer beijá-la em tão pouco tempo de conhecimento fora ousada demais!

"Ele precisa saber que eu jamais aceitaria seus beijos e que me insultou com sua tentativa. O que ele está pensando? Que sou do tipo de mulher que engana um marido e que, pelo fato de se sentir atraída por ele, acha que a decência e o respeito podem ser esquecidos?"

Revirou-se na cama, sem sossego, e decidiu, "Amanhã vou deixar bem claro que, se ele se comportar da mesma maneira uma segunda vez, eu e mamãe seremos forçadas a partir, mesmo sem ter para onde ir ou como nos sustentar".

Antes de se vestir para o jantar, Priscilla havia retirado o dinheiro do cofre e o escondera no fundo de uma gaveta da cômoda, em seu quarto. Era muito pouco, mas daria para os gastos de um mês!

A julgar pelos serviços ótimos e bem pagos do Marquês, podia avaliar como ela e a mãe eram despreparadas para o serviço doméstico. Mas que outro tipo de trabalho poderiam arranjar? "O que nos acontecerá se precisarmos sair daqui?" Como resposta, a face risonha e amiga de seu pai surgiu na mente e transmitiu paz e tranquilidade.

— O Senhor me ajudou a livrar mamãe de Sir Horace. Agora, meu pai, proteja-me contra esse Marquês!

E com uma sensação de serenidade e conforto espiritual, em poucos minutos Priscilla adormeceu.

CAPÍTULO V

O primeiro pensamento de Priscilla, ao despertar, foi para o Marquês. Embaraçada, pensava um modo de evitá-lo, pelo menos até a tarde.

Olhou o relógio na lareira, e deu graças aos céus por ainda não ter amanhecido. Com rapidez, pôs sua roupa de montaria e, na falta de um chapéu adequado, prendeu seus longos e rebeldes cabelos com uma fivela de tartaruga, para que não incomodassem durante a cavalgada.

Saiu sorrateiramente do quarto e usou a escada de empregados, ao fundo do corredor, para chegar direto à cozinha e ao pátio das cavalariças.

Apesar do sol ainda não ter despontado, lacaios já escovavam dois cavalos, um dos quais era Pégasus.

Priscilla pediu que selassem o que já considerava "seu" e montando-o com habilidade, partiu a galope, para espanto dos serviçais.

Tinha medo de que o Marquês também se propusesse a um passeio matinal.

Decidiu distanciar-se o mais rápido possível "Não quero que ele pense que estou favorecendo um encontro e assim me iguale àquelas mulheres imorais de Londres, que são alvo de mexericos desse pessoal aqui da vila!"

Sempre a galope, tomou um dos atalhos que a levaria à floresta, e ao alcançá-la, refreou o animal para melhor gozar o frescor da vegetação ainda gotejante de orvalho.

Os primeiros raios de sol já se infiltravam por entre as árvores e ela, ao olhar para cima, teve a impressão de estar sob o dome rendado de uma catedral toda verde!

Depois de meia hora mais ou menos, achou que devia voltar e optou por contornar o lago, pois esse era um dos trajetos que ela mais apreciava, além de dar uma visão abrangente da vasta área do Park, possibilitando evitar qualquer encontro indesejado.

Com o cavalo a passo, aspirou o ar leve da manhã. De repente pressentiu outro animal nas proximidades.

Adiante, por entre o arvoredo, vislumbrou a ponta da cauda de um cavalo!

Pensou na probabilidade dele ter escapado das cocheiras. Mas o animal estava montado!

"Quem seria? Quem teria ousado transpor os limites de Tremaine Park?" Os homens e os meninos da vila sempre apareciam a pé.

Preparou-se para vencer a distância que a separava do cavaleiro, a fim de abordá-lo.

Mas percebeu que era um homem, bem vestido, e não tão jovem quanto Kerne.

Além disso o chapéu que usava decididamente não era inglês, alto e agarrado mais

parecia um gorro!

Agora o homem curvava na sela, escrutinando o outro lado da ponte, e Priscilla, com o coração aos pulos, divisou uma pistola em sua mão direita.

Instintivamente ela e o cavalo se imobilizaram.

De súbito ocorreu-lhe quem era!

Passado o impacto da descoberta, com cuidado ela se movimentou e assim que se pôs fora de vista, saiu em disparada rumo à Mansão.

Lá chegando, perguntou ao cavaleiro,

— O Marquês... saiu a cavalo?

— Não Senhorita. Estou pronto para levar Pégasus ao jardim da frente.

Priscilla entrou correndo, sem fôlego, chegou ao hall, onde dois pajens estavam a postos.

— O Marquês já se levantou?

— Não, Senhorita, mas o breakfast já está servido. Em alguns segundos ele deve descer.

Ela não disse nada, seguiu em direção às cozinhas e abriu uma porta a um canto, que dava para a melhor equipada sala de armas de Hertfordshire.

Encontrou-a na mais perfeita ordem. Como se o General ainda os utilizasse, lá estavam carabinas, rifles e revólveres de diferentes tipos, na maioria protegidos em armários envidraçados. Havia também material especializado para a pesca do salmão, tão apreciada naquela região.

Priscilla procurou a mesa com tampo de vidro, à qual tantas vezes Louise se referira, e onde encontraria o que necessitava.

De fato, bem acondicionadas em estojo de veludo, lá estavam pistolas próprias para duelo, umas bem modernas, outras obsoletas, além de algumas muito antigas, que deviam ter servido aos ancestrais de seu avô.

Um pequeno revólver que mais parecia uma miniatura chamou-lhe a atenção, era aquele que o General carregava no bolso de seu traje a rigor, quando solicitado a recepções em lugares afastados e perigosos.

Priscilla abriu o tampo e tirou logo a pistola mais moderna e lúida, carregando-a com balas encontradas na gaveta.

Teve uma pequena hesitação antes de pegar o minúsculo revólver para carregá-lo e colocar no bolso de sua jaqueta.

Sempre apressada, voltou para o vestíbulo, onde informaram,

— O Marquês já está tomando café.

O cômodo usado para o desjejum era menor e menos formal do que a sala de jantar, porém mais alegre e cheio de sol.

O Marquês, como era de se esperar, lia o jornal, enquanto saboreava o nutritivo café da manhã à cabeceira da mesa coberta de bordados, pratas e porcelanas.

Levantou os olhos, quase irritado, à entrada estrepitosa de Priscilla.

— Milorde corre perigo — ela foi comunicando, sem nem mesmo saudá-lo.

— O que é isso, criatura? Explique-se melhor!

Priscilla sentou e colocou a arma em cima da mesa, intrigando o Marquês.

— Eu vinha voltando de minha cavalgada, quando, na mata, além da ponte, vi um cavaleiro!

Fez uma pausa para prosseguir com voz trêmula.

— Ele olhava para a Mansão, como se estivesse à espera da caça. Estava armado!

— Tem certeza? — perguntou o Marquês receoso.

— E montava um belo corcel! Estava elegantemente vestido de modo um tanto extravagante, porém... Não era inglês! Eu acho Milorde que só pode ser o Príncipe!

A expressão de surpresa de Kerne transformou-se em absoluta estupefação.

— Que Príncipe Senhorita?

— O Príncipe Kluchusky, ora!

O Marquês estava aturdido.

— Mas como você sabe da existência desse homem?

Priscilla baixou os olhos e sentiu que o sangue afluía às faces.

— Eu soube que ele anda furioso com Milorde!

— Quem disse isso?

Ela não queria envolver Ainsworth e então deu uma resposta vaga,

— Ouvi... por aí...

— Custa-me crer. Não será imaginação sua? Você viu mesmo o Príncipe de revólver na mão?

— Vá constatar Milorde mesmo. Mas tome cuidado. Ele está de tocaia. Quer pegá-lo para depois fugir!

Com os lábios contraídos, Kerne vociferou,

— Que diabo fez com que ele me descobrisse aqui!

Priscilla, amedrontada, não sabia o que responder. Ficou pensativa, tentando lembrar o que lera sobre a Rússia e seu temido povo. Sabia que pertenciam a uma raça emotiva, que se deixava dominar por paixões violentas. A inviolabilidade da vida pouco ou nada representava para eles.

Reconhecia que o Príncipe Kluchusky se considerava ofendido. Sua honra estava em jogo e ele esperava o momento certo para uma desforra assassina.

Como se lesse os pensamentos de Priscilla, o Marquês falou, levantando,

— Pois bem, vou ver se tudo isso não é produto de sua imaginação.

Priscilla entregou a arma.

— Não a quero! — exclamou ele.

— Não vai levá-la?

— Não! — repetiu — O Príncipe, se for ele e fizer jus a esse título, é um gentleman, portanto jamais alvejará um cidadão desarmado. Ademais, estou proibido de me bater em duelo.

Priscilla relutou em largar o revólver.

Enquanto saía, após pegar o chapéu e o rebenque, o Marquês ordenou,

— Venha comigo. Quero que me mostre o lugar de onde você o avistou. Talvez eu também o possa ver sem ser visto.

Ela teve uma idéia.

— Acho que seria interessante se Milorde sair do pátio das cavaliariças. Vamos usar a porta dos fundos, para despistar.

Kerne deduziu, pela sugestão de Priscilla, que o inimigo devia estar controlando a porta principal e o caminho através da ponte.

Pensou por um momento, antes de exclamar,

— Tenho uma idéia melhor!

Voltou-se para o lacaio e falou,

— Diga ao cavaliariço que está com Pégasus para continuar em frente à casa. Estou indo para lá.

— Pois não, Milorde — disse o criado, obedecendo incontinenti.

Priscilla seguiu o Marquês, surpresa porque ele tomava o rumo das cocheiras.

Chegando lá, ele pediu que selassem dois cavalos e em poucos minutos contornavam os estábulos, por um caminho fechado pelo mato, até alcançarem uma depressão de terreno onde corria o regato cristalino que alimentava o lago.

O lago era raso e com facilidade os cavalos o atravessaram, só molhando um pouco as canelas.

Quando pararam no lugar de onde Priscilla vira o Príncipe, seu coração bateu mais forte. Estava com medo, em primeiro lugar de que o infeliz não estivesse mais no Park, dando razões ao Marquês, para pensar que ela estivera sonhando. Em segundo, de que, se ele continuasse ali, uma cena trágica se desenrolasse por causa da Princesa Natália!

Seria embaraçoso ouvir o Príncipe acusar Kerne de ter seduzido sua esposa.

"Se eles começarem a brigar eu vou embora", decidiu ela.

Em silêncio retomaram o trote. De súbito ela avistou um cavaleiro voltado para a Mansão, em atitude de espreita.

Era ele! À espera de que o Marquês saísse para montar Pégasus.

Aproximaram-se por detrás e Kerne, com voz grave e muito calma, disse,

— Sua Alteza, está esperando por mim?

O Príncipe rodopiou em sua montaria para se colocar frente a frente ao Marquês.

Priscilla constatou então que estava certa ao afirmar que ele carregava uma pistola na mão direita.

— Sim, realmente o aguardava para informá-lo de que vou levar a Princesa de volta à Rússia, porém, antes, quero dar a Milorde uma lição.

— Se pretende fazer uso dessa pistola, previno-o de que estou desarmado.

Kerne respirou fundo e prosseguiu,

— Comunico também que, apesar de preparado para um desafio nos moldes tradicionais, estou proibido de duelar com Vossa Alteza, por ordem expressa de Sua Majestade o Rei da Inglaterra.

— Estou a par — o Príncipe Kluchusky replicou — porém nada me impedirá de por em prática meu plano de vingança!

Essas palavras, que saíram enroladas, somadas à expressão do olhar congestionado, às faces avermelhadas e angulosas, aos cabelos espessos e escuros, davam-lhe a aparência feroz de um animal selvagem.

— Eu acho — Kerne ponderou — que seria mais civilizado se conversássemos ao sabor de um bom vinho — E apontou cortesmente para o lado da Mansão — Vossa Alteza me daria o prazer de um drinque?

— Se o Senhor pensa que vou sujar meus pés pisando em qualquer uma que seja de suas casas está muito enganado! Meu detetive o vem seguindo há tempos, Senhor Kerne, e as informações que obtive me obrigam a matá-lo.

— E a enfrentar a força?

Kluchusky deu uma gargalhada histérica.

— Milorde se esqueceu de que eu tenho imunidade diplomática? Não posso ser julgado pela Corte inglesa, ou de qualquer outro país estrangeiro!

Depois de uma pausa, o Príncipe continuou,

— É melhor que faça suas orações, Marquês, e lembre-se, "Quem semeia ventos, colhe tempestade!"

Priscilla ficou gelada ao perceber que o Príncipe russo ia atirar e que a bala atingiria em cheio o coração de Kerne!

Com a velocidade de um raio, ativada pelo senso de urgência que brotara naquele instante por puro medo de que o Marquês fosse morto, ela puxou o pequeno revólver do bolso da jaqueta.

A bala que ela fez detonar atingiu-o no exato momento em que ele mirava o Marquês.

Apesar de Priscilla ter previsto que o Príncipe acertaria em cheio o peito de Kerne, o

projétil apenas resvalou o braço, na altura que ela previra, e quase ao mesmo tempo a arma assassina caiu das mãos de Kluchusky.

Os cavalos empinaram e saíram em disparada.

Kerne conseguiu controlar o seu, mas o Príncipe se embaralhou por entre o arvoredor, onde um galho mais baixo o derrubou da sela.

O cavalo de Priscilla, mais velho e por conseguinte menos nervoso, não fugiu. Movia-se inquieto e ela, apavorada a olhar para o russo estatelado no chão, com sangue a jorrar dos pulsos, teve certa dificuldade em acalmá-lo. O Marquês se aproximou,

— Obrigada, Priscilla — disse com voz baixa mas firme — Vamos, eu a levo para casa.

A manga esquerda do paletó de veludo do Marquês estava ensopada de sangue.

Priscilla deu um grito de horror,

— Meu Deus! Seu braço! Vamos depressa! E o Príncipe?

— Esqueça-o. Deve ter lacaios a seu serviço por aí. Em todo o caso, mandarei um dos meus para socorrê-lo.

Kerne falava com displicência, como se nada de grave houvesse acontecido.

Priscilla seguiu-o, calada e trêmula.

Quando chegaram às cocheiras, logo um cavaleiro ajudou-o a apear, assustando-se com seu braço mole e o sangue a pingar dos punhos da camisa muito branca.

Mas ele entrou, firme e sem apoio, bradou para que chamassem Tomkins imediatamente, mas ao subir os primeiros degraus da escadaria cambaleou.

A voz de Priscilla se fez ouvir, pela primeira vez depois de terem deixado o bosque,

— Ajudem Marquês depressa!

Dois pajens o levaram, quase carregado, para cima, enquanto um terceiro foi chamar o valet. Priscilla acompanhou a escalada, até o primeiro andar. Então, para seu sossego, viu que o camareiro se aproximava.

— O que foi, Senhorita — ele quis saber, aflito.

— O Marquês foi ferido! Chame o médico.

Respirou fundo e acrescentou, antes de correr para o quarto da mãe.

— Pégasus não vai ser montado. Ordene que o recolham.

Louise assombrou-se com o que a filha relatou.

— Mas como você conseguiu ser tão rápida no gatilho, minha filha?

A essa altura Priscilla já estava estirada na poltrona, pálida e extenuada, mas achou forças para dizer,

— Meu pai, meu pai! Ele me treinou muito bem. Sempre dizia, a gente nunca sabe o dia de amanhã. É bom se preparar para qualquer eventualidade.

Louise foi buscar um copo de água, que a filha bebeu com avidez,

— Nunca pensei, mamãe — ela disse, tomando fôlego — que o Marquês fosse tão valente, e teimoso também. Enfrentou o Príncipe sem uma arma para se defender!

— Eu entendo o ponto de vista do Marquês. O cavalheiro de verdade não atira em um homem desarmado. Esse Príncipe foi um bárbaro!

— Ele é russo, mamãe! E estava defendendo a própria honra!

— Essa questão de honra de Príncipe não é assunto próprio para uma moça, minha filha!

Priscilla não quis argumentar. Bem acomodada, ela cerrou os olhos e se pôs a refletir na sorte que tivera por não ter matado Kluchusky.

Aliás, não era essa sua intenção. Queria apenas desarmá-lo, acertando no revólver que ele apontava para Kerne. Por isso se assustara tanto ao ver sangue jorrando do pulso de Kluchusky e seu corpo estatelado na relva.

E se fosse o Marquês? Seria terrível se ele tivesse sido alvejado mortalmente!

Mentalizou um carvalho sendo abatido na mata da fazenda. Foi o simbolismo mais adequado que ela encontrou para representar a queda do "seu Senhor".

Mas seria uma afronta morrer daquela maneira! Afinal, qualquer que fosse o modo, seria uma tragédia!

"Ele tão fascinante! Com tanta energia!" pensava ela.

Veio à mente o encantador de serpentes. Precisava tomar cuidado. Não queria entrar para o rol das mulheres fracas, fáceis de serem enfeitiçadas!

O médico chegou em uma hora e, quando saiu do quarto do Marquês, Priscilla estava à espera.

Era um homem jovem, chegado recentemente à vila, portanto Louise não o conhecia.

Ao abordá-lo, Priscilla fez questão de torná-lo ciente de que ela e a mãe eram hóspedes de Tremaine Park, e estavam ansiosas por saber do estado de saúde do dono da casa.

— Ele me disse que foi baleado na floresta, por um desses lunáticos que perambulam em propriedade alheia.

"Esse é o tipo de explicação própria do Marquês", pensou Priscilla, enquanto o profissional prosseguia,

— Ele perdeu muito sangue, mas o ferimento foi apenas muscular. Já ministrei um analgésico e um calmante que o fará dormir.

O médico olhou para Priscilla com ar de preocupação,

— O criado de quarto me disse que vai cuidar do Marquês. Contudo, acho melhor a Senhora, não tenho possibilidade de arranjar uma enfermeira e o caso não exige que eu o remeta para Londres.

Priscilla compreendeu. O médico não queria deixá-lo nas mãos de empregados.

— Eu e minha mãe temos boa noção de enfermagem e nos sentiremos felizes em poder cuidar do Marquês de Kerne.

— Ótimo! Agora vou mais sossegado. Virei mais tarde, mesmo sabendo que não surgirá um problema maior.

O médico se despediu e Priscilla bateu na porta do quarto do Marquês.

Tomkins, o fiel valete, atendeu.

Ele servia ao Marquês há muito tempo. Na noite anterior, Rose, a camareira de Priscilla, comentara, enquanto a ajudava a abotoar o vestido,

— Viemos para cá tão de repente que ainda não estou me sentindo em casa.

Priscilla sorria e ela continuava,

— Para o Senhor Tomkins, tudo está sempre bem! Se o Marquês inventasse de ir ao inferno, ele o acompanharia da mesma forma, quero dizer, sem se alterar. Também, há mais de dez anos que serve o Marquês, já está acostumado com suas loucuras! Eu não! E nem a Senhora Medowfield, a arrumadeira. Está lá no quarto escuro, morrendo de dor de cabeça!

Priscilla se solidarizara com a jovem criada e, agora, ao observar Tomkins, percebia que ele era um servo amigo e confiável.

— Acabei de conversar com o Doutor — disse — Falei que eu e minha mãe éramos enfermeiras e poderíamos ser úteis.

Relembrou então as inúmeras vezes que socorreu o pai, quando cavalos chucros o machucavam. Eram arranhaduras, sangramentos, distensões de músculos. Coisas simples assim.

— Muita bondade sua, Senhorita. Por ora, gostaria que ficasse um pouco com ele, enquanto vou desempacotar umas bagagens que trouxe de Londres.

— Pois não, com muito prazer!

Priscilla adentrou o quarto. As venezianas semicerradas tornavam o ambiente suave e acolhedor.

O Marquês, deitado na vasta cama encortinada, dormia.

Priscilla sentou na borda da cadeira e se pôs a analisá-lo. Achou-o muito atraente. Estava mais jovem, apesar de abatido, diferente daquele Kerne da véspera, dominador, autoritário, contudo insinuante.

Deu-se conta de que não mais o temia, não mais o odiava, como quando ele tentara beijá-la.

Ele era como uma criança mimada, ali, naquela cama, à espera da realização de todos os seus desejos, por mais absurdos que fossem.

"Não! Não estou sendo justa para com ele", Priscilla recriminou-se.

"Ele é um homem corajoso! Enfrentou o inimigo com serenidade. Ele é bom, é

magnânimo! Recebeu-nos como suas hóspedes!"

De repente chamaram-lhe a atenção as ataduras do braço, que as cobertas em desalinho revelavam.

Notou que ele estava nu, debaixo do lençol, porém não se chocou, como acontecera com Ben, o jovem empregado do estábulo de seu pai. Ben chorara em seus ombros quando machucara o pescoço e Louise o despira para que elas o examinassem melhor.

"Os homens se tornam meninos quando estão doentes."

Desejou um dia ter um filho, tão lindo quanto o Marquês! E antes de dar asas à sua imaginação, pensando em tolices, procurou alguma coisa para se distrair.

Pegou, ao acaso, um livro na bem sortida estante do quarto. Era uma novela de Sir Walter Scott que ela já havia lido, mas que achou interessante reler.

Contudo, não conseguia se concentrar. Seus olhos não paravam de se movimentar, do livro para o Marquês, do Marquês para o livro, no ritmo de um pêndulo de relógio.

Mas agora havia todo esse imprevisto! Levaria no mínimo uma semana para que ele ficasse em forma. Todavia, de uma coisa estava segura, o Marquês de Kerne precisava de sua orientação e tão cedo não a mandaria embora.

"Ele está muito quieto!" "E como está pálido! Também, perdeu tanto sangue!"

E se pôs a rezar com fervor, "Meu Deus, fazei com que ele se recupere logo para podermos passear a cavalo outra vez".

Na véspera, ao jantar, ele dissera que iriam inspecionar toda a fazenda.

Priscilla não a conhecia em sua totalidade mas, com a ajuda de Louise, poderia localizar todas as colônias da imensa propriedade agrícola e pastoril.

O Marquês propusera o papel de guia, exatamente o que ela gostava de fazer!

Tinha certeza de que os colonos se encantariam ao conhecê-lo pois, como toda a gente do lugar, ferviam de curiosidade com relação a sua pessoa.

Inesperadamente um pensamento louco atravessou-lhe a mente, "Como teria sido maravilhoso... se ele me tivesse beijado!"

Quando descia devagar as escadas, depois de ter cumprido seu turno ao lado do Marquês, que nessa manhã apresentava uma febre, Louise encontrou Priscilla.

Tomkins havia ido descansar, pois passara com o doente toda a noite e Priscilla voltava da cavalgada habitual para retomar posto de enfermeira dedicada.

— O dia está lindo, mamãe! Vá tomar um pouco de ar lá fora, ou muito em breve serão dois a me preocupar!

— Sinto-me muito bem, minha filha. Chega de tantos cuidados! Não preciso mais que me trate como um nene!

Priscilla beijou-a com doçura.

— Vá, mãezinha... vá, que o sol fará bem!

Antes de sair, Louise voltou para o boudoir a fim de pegar alguma coisa que protegesse sua cútis delicada. Pôs um chapeuzinho, chique demais para o lugar, mas que a deixava simplesmente encantadora!

Já estava no meio da escadaria quando ouviu um barulho característico de carruagem parando à entrada principal da Mansão.

Pensou que fosse o médico mas logo lembrou-se de que ele já havia feito sua visita diária, logo nas primeiras horas da manhã.

Assim que a porta foi aberta, uma voz masculina ecoou,

— Quero falar com o Marquês de Kerne.

— Sinto muito, Senhor, ele não está.

— Diga-lhe que o Conde de Grantham está aqui.

Sabendo que o laçao teria dificuldades em convencer o visitante, Louise desceu os últimos degraus e dirigiu-se à porta,

— Queira desculpar mas... O Marquês está proibido de receber visitas.

E ao fitar o cavalheiro, ali em pé à sua frente, escapou uma exclamação de espanto,

— Ahn!

Ele a encarou, incrédulo, e gritou,

— Louise! É Louise, não é?

— Sou, naturalmente! Oh! David... que surpresa!

— O que você está fazendo aqui?

Ela hesitou, porque os criados estavam à escuta.

— Vamos entrar?

O Conde aceitou o convite, deu o chapéu para um dos pajens e a acompanhou ao living.

Mal Louise fechou a porta, ele disse,

— Não é possível! Devo estar sonhando! Quantas vezes pensei que você. E hoje, quando menos esperava a encontro... em sua casa de outrora!

Louise, desembaraçando-se do chapéu, perguntou,

— Que bons ventos o trazem?

— Eu moro nas vizinhanças... Você sabe!

— Mas esta casa estava vazia!

— Eu sei, porém o Doutor Gilson me disse que o Marquês estava aqui. Preciso conversar com ele.

O Conde mal prestava atenção no que falava. Sua atenção estava toda voltada para a beleza de Louise, que realmente estava deslumbrante!

O cetim azul do estofamento da poltrona era o fundo ideal para o dourado

reluzente de seus cabelos revoltos e os olhos, também azuis, lânguidos tocaram estranhamente o coração do Conde.

— Você não mudou nada! — David observou.

— Tomara fosse verdade! Estou anos mais velha!

— Eu também, mas você continua aquela Louise que vi na última vez.

— Você mudou seu nome?

— Recebi o título inesperadamente. Havia ainda três candidatos na minha frente, quando você fugiu com Charles!

— Nunca pensei...

— Pois é. Foi pena não ter acontecido antes, quando eu era apenas um segundo filho, pobre, sem perspectivas de futuro. Talvez me desse chance de conquistá-la.

Louise olhou-o surpresa.

Você está querendo dizer que... me amava?

— É claro! E você sabia!

— Não tinha a menor idéia!

— Amei você desde o primeiro dia em que a vi!

Ele se interrompeu um instante, sorriu e continuou a falar como se estivesse olhando para o passado,

— Aos sete anos, você era a criança mais linda que se possa imaginar, um verdadeiro anjo!

Louise riu.

— David! Que poético!

— Sempre fui poeta. Principalmente quando pensava em você. Gastei páginas e páginas dedicadas à Louise Tremaine!

— Mas nunca me deu as poesias para que as lesse.

— Como poderia!. Não tinha um penny sequer! Quando melhorei de vida, você só tinha olhos para Charles.

Ele suspirou e prosseguiu,

— Nunca pensei que você fugisse com alguém tão ou mais pobre do que eu.

— Fomos muito felizes, a ponto de eu querer morrer também, quando ele se foi.

David segurou a mão de Louise com carinho.

— Diga-me por que está aqui e o que houve com Sir Horace?

— Como você sabe?

— Eu estava viajando, quando Charles morreu. Assim que voltei, fui visitá-la. Um Senhor de idade que encontrei à frente de sua casa me informou que você havia ido embora, com Sir Horace Harlow, um dia antes, e que iriam se casar.

Louise relanceou um olhar vago pela sala.

— Sim, eu me casei com ele — balbuciou.

— Ele está aqui, com você?

— Não. Não David cuidado, ninguém deve saber, nem o Marquês, que eu sou Lady Harlow. Eles me conhecem por Senhora Borne.

— Por quê?

Louise hesitou por um momento e então falou,

— Quando minha filha, Priscilla, voltou de Florença, onde estudou, achou que Sir Horace estava me maltratando e fugimos!

— Como, maltratando?

Louise não respondeu e ele exigiu,

— Diga! Tenho o direito de saber!

— Ele se aborreceu porque não dei o filho que ele almejava! Mas ele quando moço, contraiu uma febre na África que o deixou... — Louise gaguejava. Não sabia como explicar.

— A febre negra! — exclamou o Conde — Já ouvi falar nela e como prejudica o homem que a apanha. Ele devia saber que a culpa não era sua!

— Ele começou a me magoar muito e Priscilla achou que eu não aguentaria por muito tempo mais. Minha saúde estava sendo afetada e...

As palavras saíam com dificuldade entre os lábios contraídos e trêmulos de Louise.

— Você está insinuando que ele a submetia a maus tratos físicos? — David perguntou, incrédulo.

Louise aquiesceu.

— Meu Deus! Que barbaridade! Justo com você, haveria de acontecer isso! Se eu soubesse o teria matado!

— E se eu soubesse não teria me casado! Senti que não estava certo, casar-me tão cedo, depois de ter amado tanto Charles! Mas eu precisava pensar em Priscilla. Não tínhamos dinheiro!

— Não tinham dinheiro?

— Não, não tínhamos e nem temos. Por isso, viemos para cá, como zeladoras do Park.

— Parece incrível!

— É a pura verdade. Mas quando o Marquês de Kerne subitamente apareceu, ele teve a bondade de nos fazer suas hóspedes. Empregados não faltam aqui nesta Mansão! Ele os trouxe todos de Londres.

— Estou estupefato com o que ouvi, mas o que interessa é tê-la reencontrado, Louise, e não vou deixá-la escapar!

A voz de David tremia quando ele disse,

— Querida, nunca pude amar mulher alguma, porque meu coração só pulsava por você.

Louise tentou desvencilhar-se das mãos de David, que apertavam as suas com muito ardor.

— Não faça assim. Sou uma Senhora casada. Imagina se Priscilla nos vir.

— Se vocês estão fugindo de Sir Horace talvez eu lhes seja útil... ao menos para lhes prover um futuro estável.

Ele silenciou por um instante e depois perguntou,

— Será que Sir Horace lhe daria o divórcio?

Louise deu um grito de horror.

— Nossa Senhora, que escândalo! Como você pode pensar em uma coisa dessas? E depois, se Sir Horace souber onde eu estou, vai me obrigar a voltar. Deus me livre!

Havia lágrimas nos olhos de Louise.

— Eu juro, voltar para ele você não vai. Não permitirei, minha jóia, que você sofra nem mais um minuto nesta vida.

O Conde interrompeu-se para fitá-la bem de perto e acrescentou,

— Sorria agora e me diga que, apesar de guardar Charles em seu coração, ainda existe nele um cantinho para mim.

Esperou até que ela levantasse os olhos que, apesar de rasos de água, lhe sorriram.

— Não só um cantinho... um espaço bem grande, David! Como foi bom reencontrar você, que sempre fez parte de nossa vida em Tremaine Park, desde que eu me conheço por gente!

CAPÍTULO VI

Chegando ao topo da escada, Priscilla viu um criado saindo do quarto do Marquês com a bandeja de breakfast nas mãos.

Seguiam-no duas empregadas vacilantes sob o peso da roupa de cama trocada naquela manhã. Mais atrás vinha a governanta, empertigada em seu sóbrio vestido de seda azul marinho, com uma corrente à cintura, repleta de chaves, chacoalhando ao balancear de seus opulentos quadris.

Causava admiração a Priscilla a enorme quantidade de pessoas que o Marquês

empregava para garantir seu conforto. E Louise se encantava ao ver Tremaine Park quase tão bem administrado quanto na época de seus pais.

Ao dirigir para o quarto do Marquês, Priscilla encontrou Tomkins no corredor.

— Bom dia, Senhorita — ele disse sorridente — O Marquês está sentado na cama, dando ordens! Já deve estar bom!

Ela riu satisfeita.

— Ótimo. Estou pronta para obedecê-lo. Você vá descansar, Tomkins, porque há três noites que não sabe o que é dormir.

— Ontem cochilei um pouquinho, Senhorita. Obrigada por se preocupar comigo.

Ele se foi rápido, embaraçado como em todas as vezes que ela o elogiava por sua dedicação incansável.

Ninguém melhor do que Tomkins poderia cuidar do Marquês com tanta eficiência. A noite era o momento em que o doente mais se inquietava, sob o efeito da febre, chegando mesmo, algumas vezes, a entrar em delírio.

No período diurno, sempre apresentava sensível melhora e elas não eram tão requisitadas como o fiel valete.

As duas proseavam durante horas e Priscilla cada vez mais se certificava de que Louise mudara, desde que o Conde de Grantham aparecera.

Louise adorava conversar sobre os tempos idos e sua filha não duvidava de que o Conde a amava da mesma maneira que seu pai a havia amado.

"Se mamãe fosse livre." ela pensava com tristeza.

Ao abrir a porta do quarto do Marquês, Priscilla achou-o inundado de luz e calor e, radiante, foi para perto do leito.

— Tomkins acaba de me comunicar que Milorde passou uma ótima noite! Que bom!

— Estou me sentindo novo e vou me levantar.

Priscilla deu um gritinho.

— É muito cedo ainda! O Doutor ainda não deu alta!

Kerne sorriu.

— Já está querendo mandar em mim, outra vez? Não esqueci de quando você me forçou a engolir um remédio amargo, e me obrigava a dormir, quando meu desejo era ficar acordado.

— Foi para o seu bem!

— Era o que minha enfermeira costumava dizer. Mas o interessante é que tudo o que dizem que é para o nosso bem é tão ruim como o pior dos males.

Priscilla acomodou-se na cadeira frente à cama e falou com seriedade,

— Acho que gostaria de saber o que aconteceu com o Príncipe, não?

— Espero que você o tenha ferido mais do que ele a mim.

— O Doutor Gilson me disse que está sofrendo bastante, mas que talvez deixe o hotel de Potters Bar amanhã.

O Marquês não fez comentários e Priscilla perguntou, preocupada,

— Será que ele vai tentar uma segunda vez?

— Não acho provável mas, se acontecer, você saberá como me salvar.

Kerne olhou fixo para ela e estendeu a mão, que ela tomou, como que hipnotizada.

Ao sentir os dedos fortes pressionarem os seus, um leve rubor tingiu-lhe as faces e ela, tímida, desviou o olhar para a janela enquanto o Marquês dizia,

— Ainda não agradei por ter salvado a minha vida. Você foi muito corajosa! Muito mesmo!

— Precisamos ser prudentes e esquecer o que aconteceu de verdade. O Doutor Gilson me disse que o Príncipe foi atacado por um assaltante.

Ela sorriu e fez uma sugestão,

— Essa também pode ser a desculpa para o seu ferimento.

— Não estou interessado no que o Príncipe ou as pessoas pensam ou dizem, mas sim em você! Nunca vi uma mulher tão rápida no gatilho!

— Meu pai me treinou. Achou que me poderia ser útil!

— E foi muito para mim! — o Marquês afirmou, compenetrado — Não sei como agradecer.

Priscilla lembrou de como ele tentara mostrar-se agradecido, uma vez.

Então corou ainda mais e procurou soltar a mão, ainda pressionada entre seus dedos firmes, mas ele a segurou com energia, dizendo,

— Já perdoou o meu comportamento, na primeira noite em que jantamos aqui?

Priscilla não respondeu e ele prosseguiu,

— Envergonho-me do que fiz, porém você estava tão encantadora que não pude resistir! Esqueci que ainda é quase uma criança!

Priscilla abaixou os olhos, perturbada, e tentou puxar a mão que ele retinha entre a sua.

— Agora — disse ele — quero informá-la do que sinto por você, e como não há palavras que expressem adequadamente, seria muito mais fácil agradecer com beijos!

— Não. Não pode fazer isso!

— Por que não?

Ela sentiu os olhos de Kerne em seus lábios e, num rápido movimento, puxou a mão.

— Se está pensando em fugir me levanto já para impedi-la.

Priscilla, já de pé, tornou a sentar diante da ameaça do Marquês.

— Milorde está fazendo chantagem comigo! — ela o acusou — Isso não é muito gentil.

— Você sabe a resposta para essa observação, vale tudo... no amor!

— Se Milorde não sabe ser sensato, eu vou-me embora. E não se levante, porque seu braço vai sangrar de novo!

O Marquês riu.

— Você é imprevisível, Priscilla. Nunca diz o que a gente espera. É adorável! Eu preciso falar com você. Fique. Procurarei usar de sensatez. Seria insensato pedir-lhe que me chame de você?

Priscilla deu o mais encantador dos sorrisos e, cheia de alegria, exclamou,

— Quero contar uma coisa!

— O quê?

— O Conde de Grantham veio visitá-lo há dois dias e é muito conhecido de mamãe! São amigos de infância! Ele tem vindo todos esses dias vê-lo e, enquanto você não recebe visitas, os dois ficam falando dos tempos passados.

— Eu sei o que o Conde quer. Ele me disse certa ocasião em que nos encontramos em Londres.

Priscilla, fazendo um olhar inquisitivo, esperou que o Marquês fosse mais claro.

— Ele quer emprestados meus reprodutores para cruzar com suas éguas. Está interessado principalmente em Pégasus. Vai ser fácil, enquanto eu estiver aqui.

Priscilla guardou silêncio por alguns instantes e depois, hesitante, perguntou,

— E quanto tempo você vai ficar aqui?

— Isso interessa?

— Não, sim. Porque, se nós tivermos que ir embora também precisamos achar um lugar.

— Eu sei que você se preocupa com o fato de não ter uma residência fixa e talvez não tenha meios de consegui-lo.

Priscilla encarou-o espantada.

— Como você sabe? Eu nunca disse nada!

— Sou mais perspicaz do que você pensa! E quando vai me revelar seu segredo?

Priscilla entrelaçou os dedos, nervosa.

— Por favor, não comece outra vez a insistir! Torna tudo mais difícil do que já é, e aborrece tanto minha mãe!

— Quando você fala assim, com essa doçura e fragilidade, não há como contrariá-la. Mas quero que saiba, Priscilla, me entristece muito ser tratado como um estranho. Afinal, você salvou minha vida e cuidou de mim com tanto carinho até minha recuperação.

— Eu não o considero um estranho. Juro que não! — ela falou com sinceridade.

E, ao erguer os olhos para o Marquês, sentiu-se presa em seu olhar profundo e acariciante.

Ele estava transmitindo alguma coisa que ela ainda não conseguia entender.

Louise prometera atender ao Marquês, enquanto Priscilla fizesse seu passeio a cavalo, naquela manhã, pouco antes do almoço. Por isso a jovem pediu a ele,

— Por favor, não vá aborrecer mamãe. Ela está mais feliz do que nunca. Não fique fazendo perguntas indiscretas, para satisfazer sua curiosidade sobre nossas vidas. Isso a faria voltar ao passado, que ela custou tanto a superar.

— Você acha que eu poderia ser indelicado a esse ponto, Priscilla? — perguntou o Marquês, entre zangado e aborrecido.

— Só estou avisando.

— Você está sendo muito rude. De hoje em diante não vou mais me interessar por seus problemas.

Priscilla assustou e procurou se desculpare.

— Não, por favor, não se zangue. Seria uma ingratidão ofendê-lo. Não interprete mal as minhas palavras.

Seus olhos imploravam quando ela disse,

— Eu vou contar, prometo a você. Mas não é "meu segredo", e nós queremos tanto ficar aqui, onde ninguém sabe quem somos.

Ao falar, Priscilla pensava no perigo que já constituía o fato do Conde saber a verdade. Por outro lado, como ele estava apaixonado por Louise, certamente faria tudo para fazê-la feliz e evitaria que Sir Horace as encontrasse.

Ao mesmo tempo, Priscilla pressentia que o conforto e o luxo em que viviam cedo ou tarde iria se acabar. Elas então ficariam à procura de outro esconderijo, que as protegesse da fúria de Sir Horace.

"Mamãe é sua mulher e ele tem a lei a seu favor", ela refletia com imensa tristeza, sem notar que toda a sua ansiedade e seus pressentimentos eram óbvios ao Marquês.

Mais uma vez ele estendeu a mão, que ela aceitou com naturalidade. Os dedos macios palpitaram na mão máscula e ele percebeu, com estranheza, mas tão positivamente como se alguém estivesse declarando, que estava apaixonado.

Jamais se sentira tão protetor, tão interessado em uma mulher. Queria poder abraçá-la e dizer que zelaria por ela e que ninguém mais ousaria aterrorizá-la.

Seu sentimento era muito intenso, mas também muito estranho, e ele se questionava, supondo que talvez fosse consequência de alguma febre passageira.

Olhou para Priscilla, ali sentada a seu lado, com raios de sol a incidirem em seus cabelos, acentuando todo o encanto do louro avermelhado. Ela não só era a mulher mais bonita entre todas, como também a que o atraía de maneira completamente diferente! Notara isso desde o primeiro instante em que a encontrara, mas não se dera conta de que

estava amando.

O Marquês só conhecia a fúria avassaladora da paixão instintiva, como a que sentira pela Princesa russa. No entanto, haviam desfrutado das delícias dos sentidos, mas não conhecerão a comunhão de espíritos.

Reconhecia agora que encontrava em Priscilla encanto celestial e tão singular que seus sentimentos para com ela, só podiam ter brotado do âmago de seu coração.

Não era pura atração física, mas algo muito mais forte, que levaria dois seres a se unirem. Nunca sentira nada semelhante desde que se tornara homem!

Uma energia diferente palpitava dentro dele! Seria a manifestação do que muitos chamavam de alma? O encontro com o etéreo, o imponderável mundo do amor verdadeiro acima dos prazeres terrenos?

Sensação semelhante ele tinha quando admirava uma obra de arte ou ouvia uma música especial!

Voltando ao passado, lembrou-se de quando a mãe, abraçada a ele, ensinava-lhe as primeiras orações. Também tivera uma emoção análoga.

E agora, com Priscilla, outra vez surgia essa estranha e inexplicável emoção!

Apreciava conversar com ela, pois admirava seus ditos espirituosos e espontâneos. E quando haviam medido suas capacidades de argumentação, ela se revelara brilhante, diferente de todas as jovens que conhecia.

Nesse instante, sentiu vontade de contar o que sentia, mas teve medo de assustá-la, como quando tentara beijá-la.

O Marquês era um homem inteligente e muito controlado, como a maioria dos discípulos da velha escola inglesa. Quando segurou a mão de Priscilla e mergulhou o olhar no azul límpido de seus olhos, jurou que a conquistaria.

Sabia, contudo, que precisava ser paciente e delicado. Ela devia estar de sobreaviso, por causa das histórias que ouvira sobre sua pessoa.

"Histórias nada lisonjeiras", pensou ele.

Pouco tempo depois Louise entrou no quarto, plena de felicidade como há muito tempo não se sentia e quase tão bela e Jovem quanto a filha.

Cumprimentou o Marquês com um alegre bom dia! e comunicou a Priscilla,

— Seu cavalo já está selado, à sua espera, no jardim da frente. Vá depressa se trocar, querida, e aproveite bem o sol deste fim de manhã.

— Deixo o Marquês em suas mãos, mamãe. Não se deixe levar por sua lábia. Ele não pode se levantar!

Saiu às pressas para envergar seu traje de montaria enquanto Louise perguntava a Kerne,

— Deseja alguma coisa?

— Sim. Sente-se e me fale sobre David Grantham. Sua filha me disse que se

conhecem desde crianças!

Louise pareceu intimidada mas observou,

— Esqueci-me de que ele morava por aqui. Bem, sua casa não é longe daquela onde David mora. David, ele está aflito para vê-lo! Será que esta tarde Milorde teria disposição para isso?

— Certamente! — o Marquês replicou, num tom decidido.

Talvez o Conde desse uma outra chave do mistério que ele tentava desvendar!

"Por que razão Louise e Priscilla teriam fugido?"

O Conde de Grantham chegou pouco antes do almoço, razão pela qual foi convidado para participar da refeição, embora ainda não autorizassem visitar o Marquês.

Louise dava uns retoques nos arranjos de flores, sobre as mesinhas da sala de estar, quando viu Priscilla entrar. Disse então com ar de quem dá uma satisfação,

— Convidei David para almoçar. Você acha que fiz mal?

— Não, é lógico que não! Avisou Kerne?

Embora estranhando a maneira íntima como a filha se referia ao Marquês, Louise apenas respondeu,

— Eu devia ter comunicado mas fiquei tão nervosa. Ele começou a me fazer perguntas sobre David e, para não falar demais, como sempre faço, tratei logo de cortar o assunto.

— Cuidado, mamãe! Seria um desastre se alguém viesse a descobrir a verdade!

— Com exceção de David. Podemos confiar nele, não é?

Um ar apreensivo tomou conta do semblante de Louise, mas Priscilla a sossegou, afirmando,

— Naturalmente. Mas previna-o para que tenha cuidado quando o Marquês o submeter à sua investigação.

— Tenho certeza de que ele terá cuidado.

À tarde, o dr. Gilson apareceu para sua visita profissional. Assim que ele se foi, Priscilla adentrou o quarto do Marquês.

— Venci! — anunciou ele. Amanhã terminam seus poderes sobre a vida deste ex-invalído!

Todo sorridente, ele continuou,

— Com alta ou sem alta eu pretendia me levantar, amanhã! Assim é melhor! — Kerne provocava.

Priscilla replicou, receosa,

— Será que seu braço está bom mesmo?

— Tão bom que no fim da semana já estarei na garupa de meu cavalo — anunciou o Marquês e sua voz se tornou terna e doce quando ele acrescentou — Nesse meio tempo

eu a desafio para umas partidas de xadrez. E, cuidado, sou um dos melhores jogadores de meu clube!

— Então levo desvantagem porque há muito que não jogo! — disse ela.

E sentou nostálgica ao lado da cama, pensando nas longas partidas que fizera com o pai. Charles era exímio jogador, mas muitas vezes ela o batera.

Se não mostrasse superioridade sobre o Marquês, esperava pelo menos ter um desempenho favorável a um jogo empolgante.

Os dois jogaram e conversaram ao mesmo tempo e ela deu um jeito de terminar logo a partida antes que Kerne chegasse a um xeque-mate. Estando distraído, o Marquês não pareceu notar que Louise e David ainda estavam no living, pois o Conde pretendia ficar para o chá.

Priscilla deixara-os a sós pois sabia que naquele momento não seria bem vinda. Teria sido agradável ouvir o riso cristalino de sua mãe em diálogo com o amigo de infância. Todavia ela se preocupava com o que poderia resultar daquele reencontro.

Não era só a felicidade de Louise que estava em jogo, mas também a de David! Sabia que muito em breve toda a vila, não apenas os amigos e parentes do Conde, haveria de comentar a respeito, das constantes e demoradas visitas que ele fazia a Tremaine Park!

"Que atração teria ele encontrado no Park, além do Marquês de Kerne?"

— Você está preocupada. Por quê? — o Marquês perguntou após o jogo.

Curvou-se para ela e disse com voz doce e olhar terno,

— Deixe-me ajudá-la. Eu sei que você tem problemas e sei também que poderei contorná-los ou até resolvê-los. Julga que não tenho competência para isso?

— Não há dúvida de que tem, mas não posso e não quero falar sobre isso. Não insista!

— Você me deixa furioso, com essa teimosia!

Priscilla quis replicar mas limitou-se a se dirigir para a janela.

O sol declinava por detrás dos gigantescos carvalhos do Park, acariciando os troncos das árvores seculares.

Aquela glória em rubro e ouro fez Priscilla conter a respiração e cerrar os olhos por um segundo, agradecia ao Senhor a beleza que gozava, a convivência com o Marquês, e o conforto da Mansão de seus avós.

Se não houvesse o problema da mãe e Sir Horace, ela seria a pessoa mais feliz do mundo!

Foi arrancada de sua reflexão pelo grito enraivecido de Kerne!

— Droga! Você tira a paciência de qualquer santo!

Duas lágrimas rolaram pelas faces de Priscilla. Nunca havia imaginado que o Marquês pudesse se zangar tanto.

Debruçou-se ao parapeito da janela para não cair aos pés de Kerne, pedindo que não se alterasse. A voz dele machucara o coração como se ele a tivesse trespassado com um frio punhal.

Agora, no instante em que lágrimas de dor eclipsavam os últimos raios de sol, ela descobria que o amava.

Como evitar esse sentimento se ele era tão atraente e ao mesmo tempo tão generoso e bom?

Tentou lembrar de todas as histórias escandalosas que ouvira a respeito dele. Como haviam chocado o pessoal da vila, o Senhor Ainsworth e ela própria!

"Que loucura! Como podia amar um homem que provavelmente, ao abandonar aquele lugar, nunca mais teria um pensamento para ela?" questionava-se. Ainda de costas, ouviu a voz do Marquês bem diferente daquela de pouco antes, era uma carícia!

— Volte aqui, minha menina. Sinto muito ter me irritado, porém não aguento sabê-la infeliz e ver o medo empanando o brilho de seu lindo olhar!

Diante de uma desculpa tão sedutora, gentil e cativante, Priscilla só podia limpar os olhos, e voltar para junto dele, com a alegria de uma criança que recupera seu doce preferido.

Ele ofereceu as mãos e ela, sem hesitar, tomou-as, sendo logo impelida a sentar à beira do leito. Permaneceram, olhos nos olhos, por longo tempo até que, com lábios trêmulos, o Marquês disse,

— Eu a magoei! Era a última coisa que eu desejava! Oh, minha querida, já é hora de você saber. Eu a amo muito!

Priscilla encarou-o, sem poder acreditar no que ouvia.

— Eu não tinha intenção de declarar isso — ele continuou — Não vou lhe causar nenhum transtorno, creia. Esperarei até ser correspondido.

Atônita, Priscilla não sabia se estava sonhando. A pressão sobre seus dedos chamou-a à realidade. Mas precisava certificar-se,

— Você disse que me ama? — perguntou, vacilante.

— Naturalmente! Eu amo você — ele repetiu com ardor — Parece que você sempre fez parte da minha vida, e que a conheço há séculos, e não apenas há poucos dias.

Tomando fôlego, continuou,

— Talvez seja verdade! Devo tê-la conhecido em outras vidas. Agora a reencontro e ponho fim à minha busca sem tréguas!

Interrompeu, deu um largo sorriso e depois prosseguiu,

— Você é tudo que eu sempre procurei e desejei em uma mulher! Agora achei o que julgava impossível!

— Não. Não é verdade! — Priscilla murmurou — Não deveria falar essas coisas para mim!

— É a pura verdade — afirmou ele, categórico. — Você pensa que, sob o efeito da febre alta, não tinha consciência de sua presença, ao lado deste leito?

Priscilla, pasma ante a revelação daquele amor, permaneceu quieta, assombrada com o arroubo do Marquês.

— Prometi a mim mesmo que me controlaria e não tentaria conquistá-la até nos conhecermos melhor — ele disse.

Fez uma pausa e acrescentou,

— Mas, não consigo mais sufocar esse amor e peço encarecidamente, minha querida, que entenda o que eu sinto pela primeira vez em minha vida!

Tomou-lhe a mão e a levou aos lábios.

Ao ser beijada na maciez de sua pele, Priscilla sentiu um calor penetrar o coração, enquanto grossas lágrimas rolavam por suas ruborizadas faces.

— Você está chorando! Minha doçura, minha jóia preciosa! O que eu disse? O que fiz para fazê-la chorar?

— É... é de felicidade! — ela soluçou — Passei tanto medo, sozinha. Não sabia nem mesmo para onde ir, e agora você me ama!

— Eu a amo... eu a amo.

Com muita delicadeza, ele a puxou para si. E ao toma-la nos braços, a cabecinha dourada pendeu contra seus fortes ombros e ele se pôs a niná-la como a uma criança.

Olhava embevecido dois grandes olhos azuis à procura dos seus, marejados e brilhantes como duas estrelas a pedirem o firmamento do amor.

A boca de Priscilla tremia, não de medo mas por sensações diferentes que ele também experimentava.

Então, bem devagar, o Marquês roçou os lábios dela como seus.

Foi um contato suave, gentil, como se espera de um primeiro beijo em uma mulher angelical e adolescente.

Para Priscilla, foi como se os portões do paraíso tivessem sido abertos.

Ele a fez mergulhar num resplendor de luzes que os envolveu e pouco a pouco se diluiu na amplidão.

Sentiu-se abraçada com mais força e não teve medo. Sempre fora esse o amor que idealizara e pensou não merecê-lo.

"Assim amaram meus pais! Que sensação gloriosa e inebriante, além de minha imaginação, além de meus sonhos."

Só quando o Marquês ergueu a cabeça, Priscilla disse com um fio de voz, pouco mais que um sussurro,

— E eu o amo! Eu também o amo!

— E eu a amo — o Marquês repetiu — Como pode você me despertar um amor

assim tão grande, que não cabe em minha alma e extravasa de todo o meu ser?

Sufocou a resposta com um beijo, e a continuou beijando até perderem a noção de tempo e espaço e se sentirem parte integrante de um paraíso!

Priscilla saiu do quarto do Marquês, minutos antes do jantar, como se caminhasse sobre nuvens, e com dificuldade voltou à rotina.

Foi até o boudoir e encontrou Louise chorando copiosamente.

— Mamãe! O que houve?

— Oh! Minha filha querida! Como me sinto infeliz!

— Mas Por quê?

— Porque não posso continuar aqui, estragando a vida de David!

— Estragando? Como?

Louise demorou-se para dizer entre soluços,

— Ele me ama! Sempre me amou e quer me levar embora!

— Levar a Senhora?

— Quer que eu vá para o estrangeiro com ele. À França ou à Itália, onde poderemos viver juntos, onde ninguém nos fará perguntas.

Priscilla sentou-se ao sofá, ao lado da mãe, e indagou ansiosa,

— A Senhora não vai, não é?

— Claro que não. Como poderia? Sou uma mulher casada!

Suspirou profundamente e prosseguiu,

— Será que tenho que passar o resto de minha vida atrapalhando você e fazendo David infeliz? Ele disse que não amará outra mulher!

Priscilla, alegre e triste ao mesmo tempo, achou então que aquela não era hora para contar à mãe o que se passava dentro de seu coraçãozinho apaixonado. Se o fizesse, poderia incitá-la a acompanhar o Conde só para não atrapalhar seu casamento.

Mas esse casamento, coisa que mais desejava neste mundo, desvendaria a Sir Horace o paradeiro delas! Priscilla pensou, desconsolada, que isso seria uma tragédia!

Ela não podia admitir que sua mãe voltasse para o homem que a maltratara tanto e que provavelmente a continuaria maltratando. "Não posso me casar enquanto precisarmos ficar escondidas", concluiu ela.

Também não admitia ver a mãe vivendo em pecado com o Conde. Muito sensível e apegada a tradições, Louise jamais suportaria uma vida alicerçada fora da moral convencional.

Em Florença, Priscilla ouvira falar de pessoas que haviam deixado a Inglaterra, marido ou esposa, para viverem em concubinato. Mais cedo ou mais tarde a pretensão de serem casadas e os falsos nomes que assumiam eram descobertos.

Então eram marginalizados por todos, exceto por aqueles que também viviam na imoralidade.

"Mamãe não gostaria de viver assim." Priscilla pensou, inconformada, e falou alto para consolar a mãe,

— Não se aborreça, querida. Tão linda e feliz você andava porque o Conde lhe trazia alegria. Ele não vai gostar de vê-la assim aborrecida!

— Vai dizer que é por causa desta minha vida sem definição. Por isso quer me levar embora e cuidar de mim. Mas será que o problema se resolve assim?

Ela fez uma pausa para enxugar algumas lágrimas e continuou com voz mais firme,

— Tenho certeza, minha filha, de que não será uma vida justa para você!

— Não vai ser um tipo de vida certo para você também, mamãe.

— Como vamos fazer? Oh! Priscilla.

Agora ela chorava desesperadamente. Mas seu choro era diferente daquele que sufocava entre as quatro paredes de seu quarto, em The Towers.

Embora não mais pudesse amar alguém como amara ao marido, Charles, ela, sem dúvida nenhuma, nutria grande afeição por David Grantham, e esse sentimento cresceria com os anos, até um profundo e duradouro amor que os faria felizes para sempre.

Todavia, a sugestão do Conde era incompatível com a maneira de ser e de pensar de Louise e da própria Priscilla. Eram duas mulheres em situação idêntica, querendo ir ao encontro da felicidade, porém impedidas pela figura aterradora de Sir Horace.

Priscilla achou que não era o momento para pensar em si. Contudo sabia que, no instante em que seu amor pelo Marquês se tornasse conhecido, Sir Horace viria ao encalço de Louise.

Abraçou a soluçante e frágil mãezinha e lançando um olhar triste e doce para o alto, implorou,

"Oh! Deus ajudai-nos. Não sabemos o que fazer. Por favor, ajudai-nos!"

Na manhã seguinte, Louise não teve coragem para se levantar. Passou a manhã toda na cama com os olhos inchados e uma forte dor de cabeça.

Priscilla, apesar de não mostrar melhor aparência, resolveu fazer seu passeio equestre.

Pela primeira vez ela não se entusiasmou quando ofereceram um dos mais fogosos animais de seu plantel. Estava obcecada por seus problemas e tudo se afigurava vulgar e desinteressante. O Marquês já não precisava de seus cuidados.

Ela cruzou o parque e galopou em direção ao lugar onde vira o Príncipe de tocaia.

Rememorou então a cena de dias atrás, surpreendendo-se mais uma vez com a rapidez e habilidade com que defendera o Marquês de Kerne.

Achava, apesar de não ter atinado no momento, que só o amor poderia ser responsável por reação tão espontânea. Amor por aquele homem atraente que corria

perigo de vida.

Que ingênua fora! Como não percebera esse sentimento tão empolgante, que agora tomava conta não só de sua alma mas de todo seu ser!

"No entanto não vamos poder nos casar!" pensou ela, quase chorando. "A notícia correrá logo. Precisamos ir embora. Que desgraça! Para onde?"

Diante de tantos problemas de difícil solução que ultimamente haviam surgido, Priscilla sentia-se fraca, jovem demais. Como gostaria de poder largar tudo nas mãos do Marquês!

Mas não seria um erro envolvê-lo? Talvez como o Conde e todos os homens, ela generalizava, ele achasse que esta vida foi feita só para o amor, o divertimento. Gozar a vida devia ser seu lema!

Mais tarde ele poderia se arrepender de ter se metido em escândalos, fora de sua área de responsabilidade, mas que ofenderiam a própria dignidade e a honra de sua família.

"Mamãe e eu precisamos ir embora", concluiu ela.

Lembrou-se do pouco dinheiro que restava e da quantidade de bagagem que não lhes permitiria saírem sem serem notadas. E naturalmente, assim que soubessem, o Marquês e o Conde as dissuadiriam de partir. David insistiria de novo para que a mãe o acompanhasse ao exterior.

"Não, não dá", Priscilla pensou.

"Vai ser pior ficarmos sem a proteção destes dois encantadores cavalheiros! Como poderemos nos livrar da perseguição de Sir Horace? É evidente que ele vai exigir o retorno de minha mãe, se já não estiver à nossa procura! Orgulhoso como é, não deve ter admitido abertamente o fato de ter sido abandonado pela mulher. Deve ter inventado uma viagem prolongada, como desculpa pela nossa ausência."

Priscilla cavalgou até cansar o belo animal. Ela também estava exausta, mas de pensar, pensar, e não chegar a nenhuma conclusão satisfatória.

Ao tomar o caminho de volta, decidiu que não aborreceria a mãe antes de saber que providências tomar. Se mostraria alegre e descontraída para deixá-la confiante.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha quando pensou na possível partida. Cada nervo de seu corpo protestava contra a renúncia, ao mais precioso tesouro que se pode encontrar sobre a terra, o amor!

Não podia largar o Marquês, agora que o descobrira! Abandoná-lo seria como perder um pedaço de seu coração!

Era quase hora do almoço quando chegou à Mansão. Tomou um banho relaxante, escolheu um vestido primaveril e desceu à procura de sua mãe. No hall encontrou o Conde, que acabava de chegar.

— Bom dia, Priscilla!

Ele sorriu, demonstrando admiração pela graça e frescor que emanava de Priscilla.

— Preciso lhe falar — disse ela, tomando-o pelo braço e levando-o para uma saleta, raramente usada.

— Pois não. É sobre sua mãe — afirmou ele.

— Ela está muito aborrecida.

— Aborrecida? Deixei-a bem.

— Depois de pensar muito no que propôs, ela acha que não é certo.

— É lógico que é errado. Mas, é certo vocês viverem aqui escondidas, sob nomes falsos, como criminosas? Convenha, Priscilla, isto tem que acabar!

— Tem razão! Mas, por favor, não a pressione. Dê tempo ao tempo! Ela não tem estrutura para enfrentar, de imediato, uma situação dessas. Vai se culpar para o resto de seus dias, por ter arruinado sua vida!

— Pois quase arruinou, há vinte anos, quando a perdi... E não vou perdê-la outra vez!

— Eu sei, eu sei. Porém, tenha calma. Dê-nos tempo. Precisamos refletir.

O Conde sorriu e observou,

— Você é bastante sensata para admitir esse estado de coisas. Já foi corajosa uma vez, quando tirou sua mãe das garras daquele monstro! Precisamos garantir-lhe um futuro feliz.

— É o que mais desejo para ela. Mas, repito, não se apresse.

— Vou tentar.

Ele pôs a mão sobre o ombro de Priscilla e disse,

— Sua mãe se preocupa muito com a vida que você leva. Acha que não é adequada para uma mocinha de sua idade. Quer que você conheça outras jovens e rapazes também. Estou pensando em pedir para uns parentes meus que a recebam como...

Priscilla sabia que ele ia completar "como filha" e, mais do que depressa, foi dizendo,

— Muita bondade sua, mas, por favor, por enquanto preocupe-se apenas em fazer voltar o sorriso ao semblante de mamãe.

Entraram juntos na sala de estar e lá encontraram Louise que os esperava, pálida e de olhos marcados com sombra violácea, delatadora de indizível angústia.

O Conde tomou-lhe as mãos, beijando-as uma após outra.

— Vamos passar uma ótima tarde! Trouxe minha phaeton para levá-la confortavelmente a um passeio pela fazenda.

— Que bom! — ela disse com voz ténue e enternecida.

Emocionado, David beijou-lhe outra vez a mão.

A porta se abriu e, em lugar do mordomo anunciando o almoço, entrou Kerne patenteando seu bom estado de saúde e espírito, apesar de se mostrar cuidadoso com o

braço, sem ataduras nem tipóia.

Louise e Priscilla deram um grito de surpresa e satisfação e o Conde exclamou,

— Ando querendo falar com você, droga! Não pensei que descesse tão depressa!

— Já estou bom e cansado de ser mimado e dominado por duas lindas e enérgicas enfermeiras.

David deu uma risada gostosa e disse,

— Não reclame. Isso é que é ter sorte!

Dois lacaios trouxeram taças e um champanhe em lindo balde de prata, repleto de gelo.

O Conde bebeu à saúde do Marquês, que disse, depois de agradecer,

— Tenho um brinde a fazer. A essa linda jovem, responsável pela minha presença aqui, neste momento.

Levantou a taça e o olhar para Priscilla.

Ao olhar indagativo do Conde, Kerne disse,

— É um segredo. Será que devemos contá-lo a David?

— Oh, sim! Por favor — Louise implorou — Eu já quis contar, mas Priscilla não deixou.

— Se vocês me excluïrem desse conluio de família, vou ficar muito desapontado.

— E com razão! É muito desagradável ser marginalizado — Observou o Marquês, dispondo-se a contar o episódio de que fora vítima com o Príncipe russo.

Ele falava automaticamente porque só tinha atenção para Priscilla, que bebia suas palavras.

Pouco a pouco, para ambos, tudo ficou esmaecido, persistindo apenas a força dos olhos cravados um no outro, perdidos na magia daquele instante miraculoso, em que os espíritos se encontram na nebulosidade rósea da esperança!

CAPÍTULO VII

Terminado o almoço, os quatro permaneceram à mesa, entretidos em animada conversa.

— Não deve exagerar em seu primeiro dia fora da cama! Tomkins vai querer que você descanse um pouco — disse Priscilla ao Marquês.

— Falar com você é um descanso para mim! Ademais, meu braço já está bom. Sinto-me cem por cento! — anunciou ele, com um sorriso brilhante nos lábios.

Louise, menos abatida, olhava languidamente para David, agora mais satisfeito por ter sido posto a par do episódio Kerne e Kluchusky. David estava admirado com a esperteza de Priscilla, ao salvar a vida do Marquês.

— Mas como você pode ser tão ingênuo a ponto de achar que o Príncipe não o alvejaria!

— Para ser franco, amigo, esqueci-me de que se tratava de um russo! — desdenhou Kerne — Só um bárbaro poderia ter sido tão indigno e na presença de uma Lady!

— Que risco você correu, minha filha! — Louise bradou, saindo de seu langor.

O Conde, solícito, tomou-lhe a mão com carinho.

Kerne os observava intrigado, mas, para Priscilla, era óbvio o amor que o Conde tinha pela mãe.

Embaraçada, Louise abaixou os olhos e sua tez lívida se cobriu de intenso rubor. As mãos caídas no regaço puseram-se a tremer de leve, enquanto ela pensava,

"E se o Marquês, tendo-me por viúva, perguntar a razão de eu não me casar com o Conde?" Mais do que depressa, sugeriu,

— Vá descansar, Milorde, para ter disposição de juntar-se a nós novamente à hora do jantar!

Apreensiva, Priscilla achou que devia comunicar à mãe sua intenção de partir. Ela iria se apavorar, mas era a única solução! Precisava concordar!

"Será que terei forças para abandonar o Marquês?" questionou-se, achando que seria mais fácil interceptar a rotação da Terra, do que sufocar seu amor! Um calafrio percorreu-lhe as entranhas ante a antecipação de um rompimento.

Observando-o, já sentado em sua poltrona preferida, descontraído e feliz, Priscilla pensava que não existia homem assim belo e com tanto magnetismo pessoal!

Não estaria exagerando ao se portar como todas as mulheres que o haviam amado? Poderia chegar logo o dia em que ele, nostálgico da boêmia londrina, a largasse sozinha, com o infortúnio próprio das mulheres mal amadas.

"Mas, por maior que seja a dor reservada a essas infelizes, não deve se comparar a esta que sinto agora!"

E quanto sofrimento mais ela antevia, insegurança, miséria, solidão!

Com o cérebro a fervilhar de pensamentos negativos, Priscilla tentava organizar mentalmente um plano de fuga.

Era preciso sair bem cedo, na manhã seguinte, antes que o Conde chegasse, para que estivessem bem distantes quando ele e o Marquês dessem conta de seu desaparecimento.

Arrumaria suas malas e as de sua mãe à noite. Ao amanhecer, mandaria o laçao ao estábulo para aprontar uma carruagem. Ele estranharia, naturalmente, mas não se negaria

a obedecer a uma ordem sua. O mesmo se daria com os cavaleiros.

Eles as conduziram à primeira estalagem e de lá retornariam, enquanto elas seguiriam viagem.

O que precisava decidir, e com rapidez, era o lugar para onde ir. Havia cottages não muito caros em vilarejos da vizinhança, e o grande número desses pequenos centros urbanos dificultaria as buscas do Marquês. Já se haviam saído bem uma vez, por que não uma segunda?

Absorta em seus pensamentos, Priscilla estremeceu ao perceber que estava sendo observada. Forçou um sorriso.

— Você está muito quieta, Priscilla! — Kerne exclamou.

— Estava prestando atenção na conversa de mamãe e David — ela se desculpou, ciente de não ter convencido Kerne.

— Vou levar Louise para dar uma volta — o Conde falou ao olhar o jardim, banhado de luz e calor.

— Ela precisa tomar um pouco de sol! Talvez fique menos pálida!

— Você está insinuando que estou feia?

— Que absurdo! Jamais poderia ser chamada assim! — e galanteou — Nada se compara em beleza e arte às alvas esculturas de mármore da Grécia antiga!

Havia tanta ternura em sua voz que Louise automaticamente foi impelida alhe oferecer a mão para ser acariciada.

Nesse instante a porta se abriu e o mordomo surgiu, para anunciar,

— Sir Horace Harlow, Milorde.

Se tivesse aparecido um elefante branco furioso na sala, não teria causado tanto impacto e pavor nas duas mulheres, do que o asqueroso homem que adentrou o local.

Mais agigantado e ameaçador do que nunca, as faces emaciadas e vermelhas e os olhos inchados, indicavam sem dúvida nenhuma seu descontrole na bebida.

Quando, cambaleante, Sir Horace dirigiu-se a elas, Priscilla teve certeza de que ele já havia bebido bastante.

— Então ele bebe? — o Marquês sussurrou ao ouvido de David.

— Como uma esponja — afirmou o amigo, sacudindo a cabeça afirmativamente, ao mesmo tempo em que uma voz tonitroante enchia a sala.

— Ah! Ah! Achei-a! Que trabalho você me deu! E que dinheirão me fez gastar para por dois bons "perdigueiros" em seu rastro!

— Fui forçada a fugir! — Louise gemeu.

— Quem a forçou? Então foi essa excomungada de sua filha quem a persuadiu a me deixar? Vocês vão ver quando chegarmos em casa.

— E... eu... eu... não vou voltar para casa, Horace. Esta é a minha casa querida, meu

velho e amado lar! Não quero morar com você nunca mais!

Esse pequeno e inesperado discurso foi uma grande vitória para Louise.

Priscilla ficou boquiaberta.

O Conde, muito polidamente, havia se afastado para junto do Marquês, entendendo que não deveria intervir na batalha do casal.

— Você é minha mulher — bradou Sir Horace — Vai voltar comigo, custe o que custar. E não ouse fugir outra vez!

O brutamontes estava fora de si, com o dedo em riste, aterrorizava Louise, que instintivamente deu alguns passos para trás, com medo de que ele a atingisse.

Então Priscilla se aproximou dele e falou com voz firme e compassada,

— Minha mãe foi clara e decisiva. Procure compreendê-la, Sir.

Mesmo tremendo da cabeça aos pés, ela tomou fôlego e prosseguiu,

— O Senhor já a prejudicou muito! Não admitirei que mamãe volte a sofrer os mesmos horrores que sofreu em suas mãos!

— Quem é você para continuar interferindo em minha vida, sua fedelha miserável! Não bastou ter roubado minha mulher e meu dinheiro?

Sir Horace estava rubro de ira, a ponto de ter um ataque. Passou a mão pela testa, coberta de gotas de suor.

— Vocês vão me obedecer, por bem ou por mal. Eu lhes ensinarei... — ele prosseguiu, dando um passo à frente, na direção de Louise.

— O Senhor não vai fazer nada, não se atreva! — Priscilla falou, colocando-se entre ele e a mãe.

O Marquês só observava, esperando o momento que exigisse sua intervenção.

— Maldita! Não me desafie — Sir Horace urrou — Vocês vão voltar comigo imediatamente!

E assim dizendo, ergueu os braços para tirar Priscilla da frente de Louise.

Mas, como o Marquês pulou em defesa de Priscilla, seus membros ficaram no ar, deixando-o em atitude bastante ridícula. O rosto congestionado e os olhos esbugalhados acentuavam o aspecto grotesco.

Ainda teve tempo de brandir o punho cerrado para Kerne.

De repente, arfou, cambaleou e, emitindo um ronco gutural, caiu pesadamente sobre o tapete da lareira.

Priscilla ficou gelada, imóvel, sem respiração.

Louise soltou um grito agudo, mas os braços do Conde logo a cingiram, para encaminhá-la ao jardim.

O Marquês curvou-se sobre o corpo de Sir Horace.

Sem dizer palavra, levantou e guiou Priscilla para fora da sala. Qual autômato ela o

seguuiu, apercebendo-se, alguns segundos mais tarde, de que se achava no hall.

O Marquês fechou a porta atrás de si e, abraçando-a com firmeza, temeroso de que ela fraquejasse, disse ao mordomo,

— Chame Tomkins, imediatamente. O recém chegado sentiu-se mal e precisa de atenções.

— Pois não, Milorde.

Enquanto se encaminhavam à biblioteca, dois pajens saíram à procura do dedicado servidor.

Assim que se acomodaram no sofá, Priscilla perguntou, com voz sumida,

— E mamãe?

— David cuidará dela. Trate de se acalmar agora, ele não mais poderá causar-lhe aborrecimentos.

— Teve um ataque?

— Está morto! Acho que foi um infarto. Não respira.

— Tem certeza?

— Não percebi nenhum sinal de vida.

— Então não precisamos ir embora!

Foi a primeira coisa que veio à mente. O Marquês abraçou-a com veemência.

— E você acha que eu iria permitir que fossem? Já tinha tomado minhas precauções para evitar isso.

— Como? — Priscilla exclamou, surpresa.

— Leio seus pensamentos e já estava quase descobrindo seu segredo! Agora que já sei de tudo, compreendo por que vocês fugiram!

Os olhos de Priscilla brilharam de espanto.

— Você sabia quem éramos nós?

— Não foi difícil adivinhar — afirmou o Marquês — Sua mãe, mais de uma vez, deixou escapar que já havia estado aqui, há grande semelhança entre vocês e alguns retratos de seus íncestrais, aí por essas paredes.

— E eu que tomei tanto cuidado para não me denunciar! — Priscilla disse, suspirando.

— Mas não pense que não me deu trabalho chegar a essa conclusão. Custou-me horas de sono!

Kerne fez Priscilla acomodar-se melhor no macio sofá e ela, sem cerimônia, recostou a cabeça em seu ombro e sussurrou-lhe ao ouvido,

— Agora posso contar com detalhes como viemos parar aqui e nos tornamos zeladoras desta casa.

— E vai ter muito que zelar de hoje em diante!

Ela levantou a cabecinha, intrigada, mas logo teve uma explicação,

— Você capturou meu coração e agora vai ter que zelar por ele até o fim de nossas vidas — disse o Marquês.

— Sabe o que está dizendo? É o que você quer, mesmo?

A resposta foi um beijo afetuoso e sincero que se prolongou por alguns segundos. Depois Priscilla perguntou,

— Você acha que mamãe está bem?

— Eu não acho, tenho certeza. David sabe cuidar dela. Sempre me perguntei a razão dele nunca ter se casado. Agora já sei!

— Ele queria levar mamãe embora daqui. Ainda bem que ela não aceitou.

— Imaginei que ele quisesse viver com ela no exterior, como também imaginei que você não concordaria.

— Mamãe nunca assumiria a situação. Iria se sentir eternamente marginalizada.

— Mas agora não existe mais nenhum problema! Eles podem se casar e garanto que vão ser tão felizes quanto nós.

Priscilla não disse nada. Permaneceu pensativa, com o olhar perdido nas capas coloridas dos livros enfileirados na estante. O Marquês tirou-a de sua cisma falando com brandura,

— Sabe que eu não posso mais viver sem você? E sabe também que não é uma paixão passageira, como as outras? Se é isso que a preocupa, pode ficar sossegada. Nunca estive tão certo em minha vida, como agora!

— Como você adivinhou? Era exatamente o que me preocupava.

— Você é muito expressiva, minha querida, posso ler na profundidade azul de seu olhar! Ademais, estamos ligados em espírito, de uma maneira estranha e inexplicável, mas muito real.

Kerne abraçou-a mais forte e continuou,

— Você é minha, assim como eu pertenço. O casamento não nos tornará mais unidos do que já estão nossos corações e nossas almas.

Priscilla fitava-o, encantada e surpresa ao mesmo tempo. Nunca havia imaginado que ele fosse assim romântico, mas acreditava em sua sinceridade e na identificação de seus sentimentos.

Ela também o amava com o mesmo imenso amor, maior que o céu, maior que o mar. tão grande quanto o infinito!

Kerne prosseguia,

— Não sei como agradecer a sorte de tê-la encontrado num lugar completamente esquecido por mim, até eu ser obrigado a partir de Londres.

— E nós aqui certas de que você nunca apareceria!

— Veja como tudo tem uma orientação sábia. Nós nos buscávamos sem saber. A vontade do Senhor fez com que nos encontrássemos!

O Marquês não esperou resposta de Priscilla. Passando o braço pela cintura, puxou o corpo de encontro ao seu e acariciou os lábios com um doce beijo, que os transportou ao paraíso do puro e verdadeiro amor.

— Eu te amo... eu o amo — ela sussurrou, plena de ventura.

Um ruído de trinco chamou-os à realidade. Tomkins entrou para dizer,

— Devo comunicar Milorde, que o cavalheiro está morto. Foi levado ao médico em sua própria carruagem.

— E...

— Já havia falecido quando chegou ao consultório.

— Obrigado, Tomkins. Você me foi de grande valia.

— Agora, para amenizar o choque, Milorde, tomei a liberdade de mandar servir um champanhe, lhes fará bem!

O Marquês sorriu.

Tomkins escancarou a porta semi aberta e fez entrar um laçao portando uma bandeja com taças e garrafa de champanhe, que ele colocou em uma das mesinhas, ao lado do sofá.

Priscilla murmurou,

— Não preciso beber! Estou tão feliz em pensar que mamãe é uma mulher livre. Ela não precisa mais ter medo! Agora é só esquecer que foi casada com um monstro!

— Deixe essas reflexões para David. A você compete apenas se interessar por mim e mais ninguém!

Kerne brincava mas Priscilla nunca respondeu com tanta convicção e seriedade,

— É o que vou fazer, a partir deste instante!

Era o Marquês quem estava providenciando tudo. E ele se divertia em organizar os dois casamentos que, por algum tempo, deveriam ser protegidos dos comentários da sociedade londrina e, se possível, dos mexericos da vila.

— A primeira coisa que precisamos fazer, David, é pedir duas licenças de casamento ao Arcebispo de Canterbury.

— Duas? — Louise exclamou, admirada.

Mas logo entendeu.

Foi ao encontro da filha e a beijou, enternecida.

— Oh! Minha querida! Como fico contente! Gosto cada dia mais do Marquês e sei que tomará conta de você, e muito bem!

— Eu já havia prometido fazer isso — o Conde declarou ao saber da novidade — Mas, uma vez que Kerne se propõe a fazê-lo, desisto de minha pretensão a padraсто dedicado.

— Eu e Priscilla vamos ser muito felizes — o Marquês apressou-se em dizer — Por ora, apenas uma coisa me preocupa. É a repercussão dessa morte, aqui em casa. Escândalos, fofocas. Precisamos nos resguardar!

Louise mostrou-se preocupada e sugeriu,

— Talvez seja melhor que eu e minha filha nos retiremos para algum lugar até que possamos anunciar nossos casamentos?

O Conde deu uma sonora risada.

— E você acha que eu vou permitir? Vamos casar já, seja conveniente ou não!

Olhou para Louise com o mais doce dos olhares,

— Nunca mais quero vê-la com aquela carinha triste de hoje de manhã. Parecia uma flor deixada ao fustigar de uma garoa!

Louise retribuiu a lisonja com um sorriso encantador.

O Marquês observou com firmeza,

— Vamos deixar de conversa fiada. Já determinei, casaremos aqui, na capela da fazenda.

Fez uma pausa e continuou,

— Está abandonada, e ninguém desconfiará que uma cerimônia nupcial está sendo celebrada em seu recinto.

Priscilla, mal podendo acreditar, ouvia-o embevecida.

— Mandarei vir meu capelão particular, de Kerne, para realizar a cerimônia e depois... David, você levará sua esposa a Veneza ou a qualquer outro lugar romântico para passar a lua de mel!

Louise sorriu e ofereceu suas mãos ao beijo carinhoso do Conde.

— Priscilla e eu vamos em meu iate para Cornwall, onde tenho um Castelo que não visito há muitos anos, desde o tempo de minha mãe!

Atônita, Priscilla exclamou,

— Que maravilha! Parece um sonho!

— Vai ser — o Marquês prometeu — Um sonho feito realidade!

Em dois dias o capelão chegou de Kerne. Duas horas depois, David e Louise foram unidos em matrimônio, com apenas dois espectadores, Kerne e Priscilla.

Foi uma cerimônia muito comovente porque o celebrante, homem maduro, inteligente e sensível, fez de cada palavra uma esperança de um futuro alegre e promissor.

Durante a bênção final, Priscilla sentiu que o espírito do pai estava a seu lado, aprovando a união de Louise, a sua Louise frágil e indefesa, carente de um companheiro que zelasse por ela.

"Mamãe não deve experimentar a mesma gloriosa e mágica sensação que teve com papai e que eu sinto com o Marquês, mas ela vai ser feliz, talvez com o tempo chegue a amar David tanto quanto ele a ama!"

A cerimônia terminou pouco antes do almoço. Louise irradiava alegria e o Conde parecia o próprio portador do santo Grahal.

A refeição, apesar de requintada, não foi um banquete, mas Priscilla não duvidava de que jamais se apagaria da memória do feliz casal.

Depois que os lacaios deixaram a sala, Kerne fez um brinde aos noivos e declarou,

— Tudo foi feito às pressas, por isso não tivemos tempo para lhes comprar um presente, o que julgo ser muito importante nessa ocasião.

— Não se incomode. — Louise retrucou — O Senhor foi tão bondoso em permitir que ficássemos quando nos encontrou em seus melhores quartos, impróprios para alojar duas modestas caseiras.

— E pensar que eu ainda perco o sono — o Marquês confessou — pensando que, em vez de vir para cá, quase fui a um de meus Castelos perdidos por aí nessa velha e querida Inglaterra. Então não teria encontrado a mais encantadora e imprevisível caseira, fora de qualquer padrão convencional.

Todos riram e ele continuou,

— Por me sentir agradecido por ter encontrado sua filha, eu ofereço como presente de núpcias Tremaine Park.

Louise deu um grito de alegria. Olhou para David com olhos lacrimejantes e ele, também comovido, agradeceu,

— É muita bondade sua, Kerne. Como você sabe, minha casa, além de não chegar aos pés desta, foi quase totalmente destruída por um incêndio, dois anos atrás. Por isso, não tenho palavras para exprimir meus agradecimentos, por poder dar a Louise um lar à altura de sua criação.

— Eu sabia que você aceitaria meu presente pensando nela — o Marquês afirmou.

Sem poder emitir um som sequer, pois a emoção embargava a voz, Priscilla deslizou seus longos dedos por entre os do Marquês, em sinal de sincero agradecimento.

Em plena viagem de núpcias pela França, Louise e David souberam que Priscilla e Kerne haviam se casado, também na velha capelinha do Park.

Assim como sentira a presença do pai ali, anteriormente, Priscilla teve outra vez certeza de que ele a abençoava, como se estivesse em carne e osso assistindo ao casamento.

Para ela, o recinto não estava vazio, miríades de anjos cantavam em coro a mais bela das canções celestiais!

Quando o Marquês colocou a aliança em seu dedo e ambos de joelhos receberam a bênção nupcial, ela orou pedindo a Deus que conservasse o amor imenso e puro que sentiam, através dos anos, de suas existências.

Ao saírem da capela, uma carruagem do tipo phaeton esperava-os.

Enquanto se afastava de Tremaine Park, Priscilla teve a impressão de que saía de um Reino encantado, onde sua mãe moraria no futuro, e onde ela também teria seu lugar cativo.

Pousou a mão sobre o joelho do marido e disse com a graça que era peculiar,

— Tudo aconteceu tão de repente que nem sei para onde vamos.

— Para as colinas do Olimpo, minha deusa — o Marquês respondeu, pegando a mão para beijá-la. E depois acrescentou com seriedade — Amanhã tomaremos meu iate em Dover, para onde estamos indo. Tenho uma casa lá, pequena mas confortável. Acho que nos abrigará condignamente por esta noite.

Ante o olhar surpreso de Priscilla, ele disse,

— Tenho alguns cavalos nessa propriedade. Servem para me conduzir ao porto quando quero cruzar o canal ou dar um passeio em meu barco.

Deu uma piscadela maliciosa mas simpática para Priscilla e revelou,

— Para ser franco, a finalidade desse chalé era servir como parada no caso de minha acompanhante, achar muito cansativa a viagem para o continente.

— Estou ficando com ciúmes — Priscilla protestou.

— Que bobagem! São "águas passadas".

Ele sorriu e fez uma promessa,

— Você vai ver como serei um marido exemplar! Tão correto e disciplinado que você está correndo o risco de ter um companheiro dos mais enfadonhos.

— Você nunca será desinteressante para mim! Eu é que tenho medo de cansá-lo.

Ela o fitou com ar preocupado e completou,

— Dizem as más línguas que você diversas vezes se enfatiou das mulheres que depuseram corações e reputação a seus pés!

— Aborreceram-me porque não eram você! Seria ingratidão de minha parte não reconhecer que me diverti muito com elas. Mas, minha querida, ponhamos as coisas em seus devidos lugares, o que sinto por você, ou melhor, o que sentimos um pelo outro é completamente diferente da emoção instintiva e passageira, orientada apenas para o prazer.

— Como pode ter tanta certeza do que diz?

— Porque nunca senti por ninguém o que sinto agora. O simples roçar de nossos lábios me arrebatou! Passarei o resto de minha vida cuidando para não perder esse amor,

que traz em cada vibração uma tonalidade sempre nova.

Ele falava tão compenetrado e com tanta emoção que os olhos de Priscilla se encheram de lágrimas de amor, de felicidade! "Como é brilhante o meu Marquês. Como é poeta!" Jamais sonhara viver um dia um amor assim tão completo e absorvente!

Era uma casa pequena, já havia prevenido o Marquês, mas, como todas as da época da Rainha Anhe, muito linda!

Ficava no meio de vários hectares de terra, cercada de exuberante jardim, cortado por um caminho florido que levava ao pátio da entrada principal.

Havia muito menos criados do que Priscilla imaginara, porém uma governante madura e experiente a aguardava para ajudá-la a desfazer as malas e aprontar-se para o jantar.

Um banho de essências fora preparado no quarto de Priscilla, que dava para o jardim dos fundos da casa e era contíguo ao do Marquês.

O aposento havia sido decorado com excepcional bom gosto, como todas as casas de Marquês.

A cama enorme, de quatro colunas e espaldares dourados, ostentando leve cortinado de voile saindo de corolas de madeira entalhada, fez Priscilla corar.

Após aprontar-se, ela desceu ao living grande e bem mobiliado, porém de gosto bem masculino pela sobriedade de cores e ornamentos.

Quadros valiosos e ricos lustres de cristal completavam a decoração do ambiente, envolto na placidez mortíça da luz de velas.

De súbito tudo se esvaiu. porque a figura de Kerne, em pé ao lado da lareira, monopolizou todos os sentidos. Correu para ele, ansiosa por seus úmidos e aveludados lábios.

Ele a tomou nos braços e foi como se o universo parasse na vertigem daquele beijo.

O som quente da voz do Marquês a despertou,

— Minha amada, como desejei beijá-la, durante toda a nossa viagem! Tive medo de chocá-la mais uma vez! Custa-me crer que você é linda e me ama!

— Que tola eu fui! Mas as histórias que eu ouvi sobre você me apavoraram! Não sei como vão se arranjar, agora, os bisbilhoteiros de Tremaine Park.

Ambos riram e enlaçados foram para a sala de refeições.

Jantaram à luz de velas, à mesa enfeitada com flores recém colhidas no jardim da agradável propriedade.

O enlevo de Priscilla era tanto que, ao querer lembrar-se mais tarde do que haviam comido, só ocorria ter sido a própria ambrósia, o manjar dos deuses!

— Vamos passar para a outra sala — ela sugeriu, ansiosa que estava pelos carinhos do marido.

— Como nós tivemos um longo e atribulado dia, meu bem, e como amanhã teremos

que madrugar, tenho uma idéia melhor!

Priscilla entendeu o que ele queria dizer. Subiram abraçados para quarto.

Uma camareira a esperava no boudoir. Já despida e na linda cama encortinada, Priscilla rezava para não desapontar o marido e poder fazê-lo muito feliz.

Ele entrou pela porta de comunicação entre seus quartos e a surpreendeu de olhos cerrados.

— Está rezando para que sejamos felizes, minha querida?

— E também para que eu não o desaponte!

— Seria impossível!

Ao falar ele apagou uma das velas da cabeceira da cama, deixando apenas a do lado de Priscilla, bruxulendo através da musselina branca do cortinado.

Quando se deitou, envolveu-a em seus braços e sussurrou,

— Você é linda, minha adorável mulherzinha. Amo tudo em você!

Pegou o queixinho proeminente, para levantar-lhe o rosto e poder fitá-lo melhor. Ela preparou os lábios para serem beijados, mas ele a beijou na testa, dizendo com extrema ternura,

— Amo essa pequena mas brilhante cabecinha!

E deslizando a boca até atingir os olhos agora lânguidos de Priscilla, ele murmurou,

— Posso ler na profundidade azul desses olhos. Estão me dizendo que seremos muito felizes e vamos tornar felizes todos os que nos rodeiam.

Eram palavras ditas com tanto arrebatamento que ela teve certeza de ser a primeira vez que ele se declarava a uma mulher nesses termos.

com o coração batendo forte, sentiu o calor do corpo de Kerne envolvê-la por completo.

Novamente suas bocas se uniram e eles se apertaram em um abraço incontido.

Ele se controlava para ser bem gentil porque ela era muito jovem, pura e ainda não tocada. Beijou-lhe os lábios, a maciez de seu pescoço e cada um dos pequeninos seios, percebendo que ela se aconchegava mais e mais, como resposta a seus apelos de homem apaixonado e viril.

— Eu amo você, amo você — ele dizia, arquejante — Eu quero você! Só Deus sabe como a desejo, mas tenho medo de chocá-la.

— Não, não vai — ela sussurrou — Quando você me beija, tenho a sensação de estar no céu! Nosso amor é parte de Deus, é tão divino que até ouço repiques de sinos e o cantar de anjos!

Os beijos do Marquês, diante dessa receptividade, foram se tornando cada vez mais impetuosos e ardentes, e Priscilla, de súbito, descobriu que o amor não era tão gentil e suave como ela acreditava, mas revelava-se selvagem, forte e incontrollável, uma verdadeira força à qual ninguém podia resistir.

Despertada pelas carícias inebriantes do marido, ela sentiu que não seria possível esconder sua grande excitação.

O amor que a dominava era mais forte que qualquer convencionalismo ou medo. Era irresistível! Ela não se pertencia mais, era toda dele!

— Eu o amo — ela dizia e o ouvia dizer não só com os lábios mas com o estremecimento de corações, cujas batidas se confundiam.

— Eu a adoro, eu a adoro... — ele balbuciava — Você é minha para toda a eternidade! Minha jóia preciosa! Venha... deixe-me colher sua rosa ainda em botão!

— Sou toda sua, meu amor!

Transpuseram os portões do paraíso, para um universo todo deles.

Os anjos cantavam e as sensações eram divinas!

Dias mais tarde, Kerne entrou na sala onde Priscilla o esperava.

Ela deu um grito de alegria e precipitou-se a seu encontro.

O Marquês a suspendeu nos braços, dando um rodopio de valsa. Beijou-a e perguntou,

— Sentiu saudades?

— Morri de saudades, parece que faz um século que não o vejo!

— Exatamente há seis horas. Trouxe jornais de Falmouth. Não são de hoje mas achei que a interessavam. Um deles traz a notícia do funeral de Sir Horace.

Kerne entregou um exemplar de The Times, que ela estendeu sobre a mesa. Ao curvar-se para ler, sentiu os cabelos e o pescoço tocados com sutileza por lábios ternos e quentes.

— Assim não consigo ler... — ela afirmou com doçura.

— Ele nunca mais a aborrecerá, meu bem! O que eu queria que você visse é uma referência à sua mãe.

Depois de enorme listas de nomes de pessoas presentes ao funeral, lia-se,

"Lady Harlow infelizmente não pode comparecer, por motivo de doença. Está convalescendo no estrangeiro e não voltará tão cedo à Inglaterra."

Priscilla suspirou, aliviada. Não haveria escândalo, diante de uma desculpa assim tão bem imaginada.

O Marquês era da mesma opinião e mostrou-se curioso em saber quem fora o autor de tão inteligente escusa.

— Pelo menos ninguém vai achar estranho.

— E é o que interessa — Kerne completou.

— Agora me diga — Priscilla falou, pendurando-se ao pescoço de seu amado — Você pensou em mim, enquanto estava longe?

— Cada segundo. Até cansei meus pobres cavalos tal a minha pressa em chegar.

— Oh, querido, que bom! E a viagem, valeu a pena?

— Comprei quatro garanhões. Vão chegar amanhã. Quero ouvir sua opinião!

— Se você os comprou, é porque são bons! Que ótimo, vamos cavalgar outra vez!

Eles estavam em uma casa que Priscilla achava a mais bonita que já vira em toda a sua vida.

Construída em uma elevação de terreno, com janelas abrindo-se para o mar, a linda residência recebia o delicioso cheiro de maresia, que chegava com os ventos da tarde.

No primeiro plano havia um colar de recifes onde ondas altas espumavam num marulho embriagador.

De início Priscilla não notara os estábulos vazios, mas Kerne chamou a atenção e logo tratou de ir à feira de cavalos de Falmouth.

Quando planejavam seus passeios, ela observou, Espero não encontrar nenhum Príncipe russo por estas matas.

— Só há graciosos duendes da floresta, que não nos farão mal, se bem que nada me poderia acontecer tendo você a meu lado!

— Ah! meu bem! — Priscilla gemeu com graciosidade — Tenho pavor de que aconteça alguma coisa ou de acordar de repente e constatar que você não existe, que tudo não passa de um sonho!

O Marquês riu gostosamente com os temores pueris de sua bem amada e comunicou,

— Já, já, vou provar que estou bem vivo! Mas, primeiro, quero tomar um bom banho para depois descansar um pouco antes de jantar.

Os olhos de Priscilla faiscaram, e, apercebendo-se disso, Kerne acrescentou,

— É uma desculpa esfarrapada para levá-la para a cama.

Depressa a beijou, com medo de desistir de seu banho.

Mal ele saiu da sala, Priscilla dobrou o jornal e o empurrou a um canto com o intuito de esquecê-lo.

Não queria mais lembrar-se dos tempos negros de Louise e sabia que ela também os estaria sepultando.

Uma carta com o carimbo de Tremaine Park havia chegado.

Dizia Louise,

"Estamos muito contentes, querida, por saber que você também está feliz, na companhia de Kerne. Ele é tudo que papai e eu gostaríamos para você.

Nunca pensei, pelo fato de sermos pobres, que você tivesse a sorte de encontrar alguém tão atraente quanto importante."

"É um conto de fadas", Priscilla pensou, ao subir para o quarto.

Não tinha camareira para ajudá-la a se despir, o que aliás achava muito bom. Criados sempre tiravam a liberdade.

Tomkins era diferente, desaparecia como que por encanto na hora em que não era mais desejado.

Para ele, Priscilla e Kerne eram duas crianças sob seus cuidados, por isso fazia de tudo para dar-lhes conforto e diversão.

Quando olhou pela janela do quarto e deparou-se com o mar aberto e limpo, o céu impecavelmente azul com tufo enormes de nuvens muito brancas, Priscilla não se conteve,

— Que lindo! — exclamou — Gostaria de nunca mais sair daqui!

Mas sabia que o Marquês tinha que se ocupar com a administração de suas fazendas, como também sabia que sua presença era urgentemente requisitada na câmara dos Lordes.

"Preciso incentivá-lo", ela pensou.

Quando a porta se abriu, porém, o mundo parou para Priscilla.

Kerne ergueu-a nos braços e a carregou para a cama. Sentou à beira do leito e, tomando a mão, disse,

— Cada vez que a fito, acho-a mais bonita!

— Cada dia que passa o amo ainda mais.

Kerne deitou-se e, colando-se a ela, beijou-lhes os lábios sentindo-a mover-se de encontro a seu corpo.

— Eu a amo — ele disse.

— Eu o amo — ela repetiu.

Palavras ditas e ouvidas milhares de vezes, mas que sempre os faziam estremecer.

Outro carinho. outro beijo e ele percebeu que ela continha a respiração, como se quisesse parar o tempo.

Anjos entoavam os mais belos cânticos de amor!

Fim